



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
GEZENIRA RODRIGUES DA SILVA

**O ASPECTO VERBAL NAS FORMAS SIMPLES DOS PRETÉRITOS PERFEITO E
IMPERFEITO DO INDICATIVO NO PORTUGUÊS CULTO DE FORTALEZA: UMA
ABORDAGEM SEMÂNTICO-DISCURSIVA**

FORTALEZA

2007

GEZENIRA RODRIGUES DA SILVA

**O ASPECTO VERBAL NAS FORMAS SIMPLES DOS PRETÉRITOS PERFEITO E
IMPERFEITO DO INDICATIVO NO PORTUGUÊS CULTO DE FORTALEZA: UMA
ABORDAGEM SEMÂNTICO-DISCURSIVA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em
Linguística da Universidade Federal do Ceará, como
requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof. Dra. Márluce Coan

Fortaleza

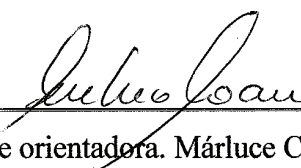
2007

GEZENIRA RODRIGUES DA SILVA

**O ASPECTO VERBAL NAS FORMAS SIMPLES DOS PRETÉRITOS PERFEITO E
IMPERFEITO DO INDICATIVO NO PORTUGUÊS CULTO DE FORTALEZA: UMA
ABORDAGEM SEMÂNTICO-DISCURSIVA**

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Linguística e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Linguística da Universidade Federal do Ceará.

Aprovada em 31 de Agosto de 2007.



Professora e orientadora. Márluce Coan. Dra.
Universidade Federal do Ceará



Professora Maria Alice Tavares. Dra.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte



Professora Márcia Teixeira Nogueira. Dra.
Universidade Federal do Ceará

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela luz, força e inspiração nas horas mais difíceis, e pela oportunidade de obter mais esta vitória.

Aos meus pais, pela dedicação e confiança que sempre depositaram em mim, pelo incentivo e investimento que fizeram para que eu chegasse até aqui.

Ao meu esposo William, pela força, companheirismo, e por tornar os momentos de trabalho e estudo menos árduos e mais felizes.

A todos os meus amigos, em especial a Rose, Betânia e Larissa, pelas dicas de pesquisa e por me ouvirem nas horas de dificuldade.

À Professora Márluce, pela competente orientação, grande paciência e constante apoio.

A todos os meus professores que, pacientemente, ajudaram-me a transpor mais esta etapa acadêmica.

À Antonia e Laura, da secretaria do Programa de Pós-Graduação em Lingüística, pelos avisos, preocupação e por seus trabalhos dedicados a nós, alunos.

À CAPES, pelo apoio financeiro durante os meses de estudo e pesquisa.

RESUMO

Esta dissertação aborda o comportamento semântico-discursivo do Aspecto verbal nas formas simples dos tempos: Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito do modo Indicativo, em um corpus de seis inquéritos do Banco de Dados PORCUFORT - Português Oral Culto de Fortaleza. A fundamentação teórica deste trabalho retoma algumas das principais pesquisas feitas, anteriormente, a respeito do Aspecto verbal; um estudo que trata da maneira como esta categoria é vista dentro da Semântica e do Discurso; além da questão da referência desta categoria no discurso e dos elementos lingüísticos que, geralmente, auxiliam na sua caracterização, como: os circunstanciadores temporais e os argumentos do verbo. Na metodologia, apresentamos os fatores de análise, quais sejam: parâmetros de transitividade, tipos de verbo, figura e fundo e tipos de interpretação. Assim, conseguimos perceber que esta categoria verbal possui características semântico-discursivas que são condicionadas não apenas pela forma lexical ou morfêmica dos verbos, mas também pelos argumentos que os acompanham e pelo contexto discursivo no qual estão inseridos.

Palavras-chave: Aspecto, Pretérito Perfeito, Pretérito Imperfeito, Semântica, Discurso.

ABSTRACT

This paper approaches the semantic-discursive behavior of the verbal Aspect in the simple forms of the tenses: Perfect Past and Imperfect Past of the Indicative mode, in a corpus of six inquiries of the database PORCUFORT - Português Oral Culto de Fortaleza. The theoretical chapters of this work retake some of the main researches made, previously, regarding the verbal Aspect; a study that adopts the way as this category is seen inside of the Semantics and of the Speech; in addition to the subject of the reference of this category in the speech and of the linguistic elements that, generally, that aid in its characterization, like the adverbs of time and the verbs argument. In the methodology, we show the analysis factors, they are: parameters of transitivity, verb types, foreground and background, and interpretation types. Thus, we have noticed that this verbal category possesses semantic-discursive characteristics that are not just conditioned by the morphological or lexical form of the verbs, but also by the arguments that accompany them, and by the discursive context in which they are inserted.

Key-words: Aspect, Perfect Past, Imperfect Past, Semantics, Speech.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Nível de transitividade em formas do Perfeito e do Imperfeito	64
Gráfico 2 – Nível de transitividade em dados válidos	65
Gráfico 3 – Ocorrência de Perfeito e Imperfeito quanto à presença de dados com dois ou mais argumentos	66
Gráfico 4 - Ocorrências de Perfeito e Imperfeito em formas verbais que denotam ação	67
Gráfico 5 - Ocorrência de formas verbais que denotam Aspecto Perfectivo	68
Gráfico 6 - Ocorrência de Perfeito e Imperfeito em formas verbais que denotam pontualidade	69
Gráfico 7 - Ocorrência de Perfeito e Imperfeito em formas verbais que apontam volitividade	71
Gráfico 8 - Ocorrência de Perfeito em sentenças afirmativas.....	72
Gráfico 9 - Ocorrência de Perfeito e Imperfeito quanto ao Modo	73
Gráfico 10 - Ocorrência de Perfeito e Imperfeito quanto à presença de Agentividade	75
Gráfico 11 - Ocorrência de Perfeito e Imperfeito quanto à presença de Afetamento do Objeto	76
Gráfico 12 - Ocorrência de Perfeito e Imperfeito quanto à presença da Individuação do Objeto	77
Gráfico 13 - Ocorrência dos parâmetros de transitividade em todos os dados	78
Gráfico 14 - Ocorrências dos parâmetros de transitividade em dados do Perfeito	79
Gráfico 15 - Ocorrências dos parâmetros de transitividade em dados do Imperfeito	79
Gráfico 16 – Ocorrência de Perfeitos e Imperfeitos por tipo de verbo	83
Gráfico 17 - Ocorrência dos tipos de interpretação dos dados	86
Gráfico 18 - Ocorrência de Perfeito e Imperfeito em relação à interpretação semântica.....	88
Gráfico 19 - Ocorrência de Perfeito e Imperfeito em relação à interpretação semântico-discursiva	89
Gráfico 20 - Ocorrência de Perfeito e Imperfeito em relação à interpretação pragmática	91
Gráfico 21- Percentual de Perfeito e Imperfeito no Plano Textual-Discursivo: Figura/Fundo.....	93

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 - Distribuição dos Fatores de Análise.....	58
Tabela 1 - Quantidade de dados da pesquisa.....	62
Tabela 2 - Quantidade Perfeito e Imperfeito por inquérito	62
Tabela 3 – Quantidade de dados por tipo de verbo.....	82

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. A CATEGORIA ASPECTO	15
1.1. DEFINIÇÃO	15
1.2. O ASPECTO EM PORTUGUÊS: ALGUNS ESTUDOS	19
2. PRESSUPOSTOS FUNCIONALISTAS	23
3. O COMPLEXO TEMPO, ASPECTO E MODALIDADE	31
4. O ASPECTO: PANORAMA HISTÓRICO	35
4.1. O ASPECTO NO MODELO ANGLO-SAXÔNICO	35
4.2. O ASPECTO NO MODELO ORIENTAL	42
5. A CATEGORIA ASPECTO NUMA PERSPECTIVA DISCURSIVA	45
5.1. O DISCURSO	45
5.2. A DICOTOMIA ASPECTUAL EM PORTUGUÊS: O PERFECTIVO E O IMPERFECTIVO.....	46
5.3. A FUNÇÃO DOS CIRCUNSTANCIADORES TEMPORAIS NA DETERMINAÇÃO DO ASPECTO	51
6. METODOLOGIA	54
6.1. CORPUS	54
6.2. RESTRIÇÕES, CRITÉRIOS E DADOS DESCONSIDERADOS	57
6.3. FATORES DE ANÁLISE E PROCEDIMENTOS	57
6.3.1. Plano Sintático-Semântico: Parâmetros de Transitividade	58
6.3.2. Plano Semântico-Lexical	59
6.3.3. Plano Semântico-Discursivo: Interpretação	60
6.3.4. Plano Textual-Discursivo: Figura/Fundo	61
7. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	62
7.1. ANÁLISE QUANTO AO NÍVEL DE TRANSITIVIDADE	63
7.1.1. Quanto número de argumentos	65
7.1.2. Quanto à cinesidade	67
7.1.3. Quanto ao Aspecto	68
7.1.4. Quanto à pontualidade	69
7.1.5. Quanto à volitividade	70
7.1.6. Quanto à polaridade	71
7.1.7. Quanto à modalidade	72

7.1.8. Quanto à agentividade	74
7.1.9. Quanto ao afetamento do objeto	75
7.1.10. Quanto à individuação do objeto	76
7.1.11. Considerações gerais sobre os parâmetros de transitividade	78
7.2. ANÁLISE QUANTO AO PLANO SEMÂNTICO-LEXICAL	81
7.2.1. Considerações a respeito do plano semântico-lexical	85
7.3. ANÁLISE QUANTO AO PLANO SEMÂNTICO-DISCURSIVO: INTERPRETAÇÃO	85
7.3.1. Análise quanto à interpretação semântica	86
7.3.2. Análise à interpretação semântico-discursiva	88
7.3.3. Análise quanto à da interpretação pragmática	89
7.4. ANÁLISE QUANTO AO PLANO TEXTUAL-DISCURSIVO: FIGURA/ FUNDO	91
7.4.1. Considerações a respeito do plano textual-discursivo	95
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100

INTRODUÇÃO

A língua é o reflexo da construção de experiências. Constata-se esta observação não apenas no uso do vocabulário, mas nas formas gramaticais preferidas em cada discurso e em cada época. Assim, a gramática efetivamente empregada na linguagem falada pode revelar indícios da própria cosmovisão dos falantes dessa língua. É o que ocorre com o uso do Aspecto verbal na língua portuguesa falada no Brasil.

Uma característica marcante da conjugação da língua portuguesa e de outras línguas latinas é a oposição entre dois aspectos verbais, o perfectivo e o imperfectivo. O imperfectivo indica, sugestivamente, que a ação é vista como durativa, isto é, enquanto processo, não enquanto resultado. O perfectivo, por sua vez, indica que a ação é vista como consumada, acabada.

O presente trabalho destina-se a estudar o comportamento lingüístico do falante em relação ao uso do Aspecto verbal nas formas empregadas no discurso. Ou seja, o que ocorre com uma forma do Pretérito Perfeito ou do Pretérito Imperfeito do Indicativo, escolhida pelo falante, de acordo com as particularidades e os elementos temporais requeridos no momento da enunciação.

Abordamos, nesta dissertação, a categoria Aspecto na modalidade oral, através de uma análise das marcas sintático-semânticas e discursivo-pragmáticas que indicam as suas características, nos tempos do Pretérito Perfeito e Imperfeito do Indicativo, em dados do português falado por informantes universitários e pós-universitários de Fortaleza.

Temos como objetivo geral descrever e explicar fenômenos lingüísticos que caracterizam a codificação e a interpretação da categoria verbal Aspecto, quando utilizadas as formas verbais simples do Pretérito Perfeito e do Pretérito Imperfeito do Indicativo, no discurso falado.

A presente pesquisa surgiu da observação de que alguns estudos voltados para o verbo em português, principalmente os ligados à Gramática Tradicional, dirigem-se para as categorias mais visivelmente marcadas como Tempo, Modo e Pessoa. Em alguns anos de experiência como professora de Língua Portuguesa, observamos que a categoria Aspecto não aparece com uma relevância direta, principalmente no que diz respeito às aulas do ensino de língua materna nas escolas de Ensino Fundamental e Médio de Fortaleza. A partir disso, foi nos despertado o interesse de estudar essa categoria na fala e observar como o falante se utiliza dos mecanismos lingüísticos para marcá-la e modificá-la em seu discurso.

Nosso interesse é analisar a categoria Aspecto não apenas quanto às suas marcas morfológicas ou lexicais, mas observar o papel dos demais componentes sentenciais, principalmente dos argumentos dos verbos, para o significado total da sentença e sua implicação pragmático-discursiva. Ou seja, consideramos também a natureza discursiva desta categoria. Destinamo-nos a observar as possibilidades que a língua apresenta para as variações de significado das formas aspectuais, ou seja, o comportamento enunciativo do falante na utilização das formas verbais para a qualificação aspectual no discurso.

Optamos por analisar as formas simples de Pretérito Perfeito e Imperfeito do Indicativo, pois compõem um paradigma especializado para a distinção aspectual perfectividade e imperfectividade. Buscamos observar, ainda, como as noções de perfectividade e imperfectividade das formas verbais podem se relacionar com alguns parâmetros da transitividade estabelecidos por Hopper e Thompson (1980), ou em que medida esses parâmetros são associados às formas de Pretérito Perfeito e Imperfeito do Indicativo no discurso falado.

Esta pesquisa está no âmbito semântico-discursivo, entretanto partimos para uma análise no nível frasal dos elementos dos enunciados, para melhor verificar em que medida o emprego do Aspecto verbal está ligado à transitividade.

Vários estudos dizem respeito à categoria verbal Aspecto, entretanto poucos têm centralizado suas pesquisas em *corpus* de língua falada. Costa (1986) foi um dos pioneiros que trabalhou a questão do Aspecto verbal em língua falada, com base em dados do Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta (NURC)¹. Posteriormente, Sousa (1998) direcionou um estudo sobre esta categoria com base na língua falada, voltado para as perífrases verbais.

Nossa pesquisa torna-se relevante e inédita na medida em que toma como ponto de partida o Aspecto verbal de formas verbais simples presentes no discurso de falantes cultos de Fortaleza, partindo de dados concretos da utilização da língua para uma análise funcional. E observa, ainda, como os elementos lexicais, sintáticos, semânticos e discursivos comportam-se na atualização desta categoria dentro de uma situação comunicativa de língua falada. Além

¹ O Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta (NURC) teve por objetivo documentar e descrever o uso urbano do português falado no Brasil, em seus aspectos fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos e vocabulares. O Projeto se desenvolveu em cinco capitais brasileiras (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre) e visou ao estudo da fala culta média, habitual. O corpus levantado no país, a partir de critérios rigorosos na seleção dos informantes e no controle de variáveis, perfaz cerca de 1500 horas de registros magnetofônicos. O Arquivo Sonoro da fala culta do Rio de Janeiro, por exemplo, reúne 330 horas de elocuições de 493 locutores, em 394 inquéritos. Esse material representa o comportamento lingüístico de falantes de ambos os sexos, nascidos na cidade, com escolaridade universitária, distribuídos em três faixas etárias: 22 a 35 anos, 35 a 55 anos e acima de 56 anos.

disso, detém-se na observação dos tempos do Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito do Indicativo, procurando, assim, uma abordagem mais vertical.

A relevância do presente trabalho, para a área da Lingüística, consiste na observação das características *semântico-discursivas* do Aspecto em língua falada. Há estudos anteriores que tratam desta categoria, que utilizaram o *corpus* do Português Culto de Fortaleza (PORCUFORT)², entretanto estes não direcionam suas análises para o nível do discurso, ou seja, não analisam o uso do Aspecto por parte do falante à luz das teorias funcionalistas. Esta pesquisa auxiliará demais estudiosos de Lingüística no que diz respeito à compreensão da funcionalidade da categoria Aspecto nos níveis sintático, semântico, discursivo e pragmático, o que, em se tratando de Lingüística Aplicada, poderá contribuir bastante para o ensino de Língua Portuguesa.

Procuramos fazer, na fundamentação teórica, uma síntese histórica dos principais trabalhos desenvolvidos a respeito do Aspecto por lingüistas ocidentais e, também, de trabalhos com dados do português, embora sem a pretensão de uma completude a respeito do assunto. Este passo justifica-se na medida em que nos serviu como base de conhecimento a respeito do Aspecto e seu estudo ao longo do tempo, e apresentou-nos, de forma mais detalhada, classificações anteriores, como, por exemplo, a dos verbos em termos de categorias lexicais desenvolvida por Vendler (1967).

Destinamos um capítulo desta dissertação à descrição da categoria Aspecto em língua portuguesa. Enfocamos, além de outros pontos, a perspectiva enunciativa das formas do Perfeito e do Imperfeito do Indicativo usadas por falantes do português, já que este estudo compreende a análise do Aspecto no enunciado, observando a caracterização das mesmas ao longo do discurso.

O *corpus* PORCUFORT, utilizado para este estudo, é melhor descrito e caracterizado na metodologia deste trabalho, assim como os fatores de análise utilizados para o desenvolvimento da pesquisa, quais sejam no plano sintático-semântico. Parâmetros de

² PORCUFORT (Português Oral Culto de Fortaleza), corpus que resultou de uma pesquisa levada a efeito na Universidade Estadual do Ceará, durante o biênio 1991-2, organizado nos moldes do projeto NURC – Norma Urbana Culta. Possui 62 inquéritos, distribuídos em: a) 13 inquéritos de Diálogo entre dois Informantes (D2); b) 30 inquéritos de Diálogo entre Informante e Documentador (DID); c) 19 inquéritos de Elocuções Formais (EF). Os informantes são universitários e pós-universitários de Fortaleza, fortalezenses ou cearenses de diferentes áreas de estudo, os quais nunca se afastaram de seu Estado. Há informantes de ambos os sexos e de faixas etárias distintas, como: a) Faixa I, de 22 a 35 anos de idade; b) Faixa II, de 36 a 55 anos de idade; c) Faixa III, a partir de 56 anos de idade.

transitividade (número de participantes, cinese, aspectualidade, pontualidade, volitividade, polaridade, modalidade, agentividade, afetamento do objeto e individuação do objeto); no plano semântico-lexical (achievements, accomplishments, estados e atividades); no plano semântico-discursivo (interpretação semântica, interpretação semântico-discursiva e interpretação pragmática); e, finalmente, no plano textual-discursivo (figura e fundo). Há, ainda, uma seção que trata de dados que foram desconsiderados durante o processo de análise.

No capítulo oito, são descritas e analisadas todas as ocorrências coletadas ao longo deste estudo. Citamos exemplos retirados dos inquéritos escolhidos, a fim de facilitar a compreensão das características formais e funcionais do Aspecto verbal, nas formas de Pretérito Perfeito e Imperfeito do Indicativo.

Utilizamos como primeiro fator de análise os parâmetros de transitividade, propostos por Hopper e Thompson (1980), para o tratamento da categoria Aspecto nos níveis sintático e semântico. Posteriormente, utilizamos a classificação desenvolvida por Vendler (1967), baseada no conteúdo semântico-lexical das formas verbais. Nosso terceiro fator de análise diz respeito ao plano semântico-discursivo e trata da questão da interpretação das formas verbais no discurso. Quanto ao comportamento do Aspecto, no que diz respeito ao plano textual-discursivo, nosso último fator de análise, baseamo-nos na relação *figura e fundo* abordada também por Hopper e Thompson (1980).

1. A CATEGORIA ASPECTO

Nosso objeto de estudo é a categoria Aspecto e o modo como esta é configurada nos Pretéritos Perfeito e Imperfeito do Indicativo em dados dos três tipos de inquéritos³ (DID, D2 e EF) retirados do banco de dados PORCUFORT. Assim, este estudo poderá servir como base e orientação para uma nova abordagem desta categoria nas aulas de português.

Para a configuração deste capítulo, citamos a definição do Aspecto, com base no posicionamento de alguns autores, bem como a maneira como esta categoria apresenta-se em relação à semântica e ao discurso. Posteriormente, traçamos um breve estudo a respeito de como se caracteriza o Aspecto, especificamente, no português.

1.1. DEFINIÇÃO

Aspecto verbal, segundo Comrie (1976), é uma categoria sintática que descreve a estrutura temporal interna de uma ação, manifestando o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo. Esta categoria é pouco abordada na educação elementar no Brasil, e omitida ou tratada de passagem em diversas gramáticas normativas tradicionais (Almeida, 1999; Cegalla, 2000; Bechara, 2001). Não se deve confundir o Aspecto com a noção de Tempo. O tempo verbal marca a relação entre o tempo da ação e algum tempo de referência. Já o Aspecto diz respeito à estrutura interna do fato verbal. Evidentemente, a noção de Aspecto não está restrita a esta língua ou aquela, embora seja mais clara e detalhadamente indicada em umas que em outras, por ser marcado morfossintaticamente.

Na literatura sobre Aspecto (Castilho, 1968, Godoi, 1992), a relação entre o conteúdo lexical do verbo e a interpretação aspectual das sentenças é diretamente relacionada à distinção perfectivo/imperfectivo, pois se recupera a distinção entre verbos télicos e atélicos, baseado, em última conseqüência, na distinção aristotélica entre verbos ‘energeia’ e ‘kinesis’, respectivamente. A orientação básica dessas propostas é associar o valor télico às sentenças perfectivas e o valor atélico, às sentenças imperfectivas. A preocupação voltada às estruturas lingüísticas internas das sentenças, e à interação entre os significados lexicais e fenômenos argumentais e temáticos, é pouco considerada.

³ O termo “*inquérito*”, neste corpus, designa entrevistas feitas por pesquisadores que são usadas para recolher informação quantitativa nos campos das ciências sociais, as quais podem incidir sobre opiniões ou informações factuais, dependendo do seu objectivo. Fonte: site www.wikipédia.com. Uma melhor descrição sobre o corpus encontra-se no capítulo da metodologia deste trabalho.

O que nos destinamos verificar, neste estudo, foi qual o papel dos fenômenos textual-discursivos e se estes teriam a possibilidade de provocar a mudança no tipo semântico do verbo. Nosso trabalho centrou-se nas marcas semântico-discursivas que denotam a categoria Aspecto. Isto justifica a proposta de levarmos em conta tanto o lexema quanto o discurso para a análise dos dados.

Para tal fim, analisamos o papel do léxico do verbo na determinação de interpretações aspectuais, em interação com fenômenos textual-discursivos, com base na classificação aspectual desenvolvida por Vendler (1967).

Foi, portanto, observado como verbos classificados sob uma perspectiva lexical podem sofrer alterações em seu estatuto semântico, dependendo das configurações sintático-semânticas das sentenças, e quais fenômenos lingüísticos são capazes de provocar mudança de interpretação do verbo e conseqüente variação de leitura aspectual.

Procuramos fazer uma descrição das marcas semântico-sintáticas dos fatos verbais que assinalam a categoria Aspecto, bem como as relações de sentido que estes fatos estabelecem com seus argumentos. Explicamos, por exemplo, traços de dinamicidade e duratividade do verbo, ou do verbo e seus argumentos, numa análise combinatória dos elementos, para a identificação de como e quais elementos lingüísticos surgem na estruturação do discurso falado, capazes de modificar as características aspectuais de uma dada forma verbal. Observemos o exemplo abaixo:

- (1) lá no bairro o jogador e o pessoal às vezes... como a gente diz na GÍria... "o pessoal me **quebrava**" (Inq. DID 08)⁴

Em (1), apesar de o verbo *quebrar* possuir características de pontualidade em seu lexema, temos a forma verbal *quebrava*, que se apresenta, neste contexto, com valor aspectual freqüentativo. Ou seja, um estado de coisas, localizado em um determinado intervalo de tempo, ocorre um número significativo de vezes neste intervalo de tempo e em intervalos anteriores.

É relevante também, neste trabalho, a consideração de parâmetros textuais-discursivas, tais como a relação *figura-fundo*, que aponta para o uso de determinada forma aspectual, identificada não só pela estrutura frasal, mas pelo enunciado como um todo. Procuramos observar como são distribuídos pelo falante os valores aspectuais da perfectividade e da

⁴ Leia-se: Inquérito do tipo Diálogo entre Informante e Documentador, número 8.

imperfectividade no plano do discurso. Neste mesmo plano, estudamos ainda, como o Aspecto apresenta-se em relação aos parâmetros de transitividade nas formas do Pretérito Perfeito e Imperfeito do Indicativo.

Para Costa (1997), o Aspecto é a expressão do tempo interno do fato verbal nos discursos. O tratamento desta categoria no discurso corresponde à perda da individualização dos fatos verbais, como processos ou estados em blocos fechados de temporalidade, e passa a englobar etapas constitutivas de temporalidade interna dos outros fatos verbais. O aspecto marcado num verbo pode não ser determinado pela ação específica descrita no verbo, mas por uma opção feita do ponto de vista particular do falante.

(2) (...) porque ele fazia igual o Silvio Santos... e a corriola **saía** atrás dele (...)

(Inq. D2 45)⁵

Por exemplo, em (2), temos a forma verbal *saía*, que descreve a ação de sair. Aí o Aspecto desta forma verbal não é apenas dado pela ação do verbo, que se caracteriza, geralmente, pela pontualidade; mas pelo contexto e pela forma como o falante optou por usá-la, caracterizando-a como uma ação iterativa que se estende por um intervalo de tempo.

O estudo da categoria Aspecto no português, segundo Costa (op.cit.), até então, na sua maioria, concentrava-se na análise de verbos, com poucas referências a outras classes de palavras que contribuiriam para uma compreensão mais clara desta categoria. O mesmo acontecia com os conteúdos quase inexistentes sobre esta em gramáticas escolares.

Daí surgiu, durante esta pesquisa, o questionamento sobre que marcas linguísticas apontam para o conteúdo semântico-discursivo da categoria Aspecto de verbos no Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito do Indicativo do português falado.

Entendemos, como Costa (op.cit.), que a categoria verbal Aspecto é utilizada por falantes em termos amplos, ou seja, a expressão de duratividade ou dinamicidade contida nela é interna ao discurso e não apenas aos limites estritos da frase.

Baseada nessa concepção, a autora afirma que, ao elaborar seu discurso, o falante toma como referência básica o tempo, o espaço ou alguns tipos de elementos de ligação que vêm a construir uma ordenação de raciocínio, a qual é classificada como “linha argumentativa”; e organiza os fatos a serem expressos. Assim, os elementos se ordenam dentro dessas referências, e essa distribuição é feita de acordo com o que o falante pretende expressar.

⁵ Leia-se: Inquérito do tipo Diálogo entre dois Informantes, número 45.

Logo, surgiu em nosso estudo a seguinte questão: De que forma a categoria verbal Aspecto assume uma perspectiva enunciativa dentro do discurso?

Procuramos observar que elementos o falante utiliza para ordenar e marcar esses argumentos, no que diz respeito à categoria Aspecto, a qual é classificada como uma entidade de segunda ordem, por Costa (op. cit.), por estar relacionada com os acontecimentos, os processos, os estados e outros tipos de ocorrências que podem ser localizadas no tempo.

Os argumentos aos quais nos referimos acima seguem a linha de observação defendida por Verkuyl (*apud* Godoi, 1992), o qual afirma que a natureza durativa ou não-durativa da sentença depende não somente dos verbos, mas também de seus constituintes nominais, os quais contêm a informação quantificacional. Ou seja, os Aspectos não são propriedades apenas do sintagma verbal, mas são compostos a partir de todos os elementos de uma sentença.

Godoi (1992) afirma que estudiosos anglo-saxônicos, tais como Comrie (1981), Dahl (1981) e Shi (1990), já demonstram a preocupação com outros componentes sentenciais para a identificação semântica da categoria Aspecto, principalmente com os argumentos do verbo e com sua contribuição semântica para o significado total da sentença.

Escolhemos como fonte para o desenvolvimento desta pesquisa a língua falada, observando a quantidade imprescindível de estudos em diferentes ramos da Lingüística voltados para esta modalidade.

A língua falada tem sido centralizada até mesmo como fonte para uma nova proposta de ensino de língua materna nas escolas. Oliveira e Coelho (2003) assinalam que algumas marcas da modalidade oral resultantes das interferências pragmático-comunicativas pertencem ao modo de elaboração específico do texto falado, e concorrem para a configuração do fluxo informacional, notando ainda que, nesta modalidade, o falante utiliza um maior número de informação que na modalidade escrita, pois na última apagam-se as pistas de processamento.

A escolha do *corpus* do banco de dados PORCUFORT (Português Oral Culto de Fortaleza) foi feita a partir da observação da ocorrência de formas verbais do Pretérito Perfeito e Imperfeito do Indicativo na fala dos informantes, principalmente em momentos em que o tipo de texto narrativo prevalece. A escolha deste *corpus* veio atender nosso objetivo que era pesquisar a categoria Aspecto em situações de fala espontânea. Optamos por inquéritos que possuem *situações* de fala do tipo narrativo, uma vez que este tipo de situação propicia uma maior ocorrência das formas no Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito do Indicativo, tempos estes que servirão como base para a nossa análise.

1.2. O ASPECTO EM PORTUGUÊS: ALGUNS ESTUDOS

O trabalho pioneiro no estudo da categoria Aspecto em português foi o de Castilho (1968), o qual a conceitua, sem distingui-la, segundo Godoi (1992), do *Aktionsart*⁶, como uma visão objetiva entre o processo e o estado expressos pelo verbo, levando em conta a idéia de duração ou desenvolvimento. Aspecto é, pois, a representação espacial do processo. Castilho distingue os verbos que denotam ações que tendem a um fim e atualizam o *Aspecto Perfectivo* (télicos) dos verbos que denotam ações que não tendem a um fim e atualizam o *Aspecto Imperfectivo* (atélicos). Há o *aspecto iterativo*, que diz respeito à repetição de ações durativas ou pontuais, e o *aspecto indeterminativo*, que se atualiza em formas verbais onitemporais ou gnômicas. Por exemplo,

- (3) **construíram** um apartamento bem aqui.../ta?
- (4) aí eles **ganhava** uma grana danada
- (5) aí ela me **aperreava** todo dia.

(Inq. D2 02)

Em (3), temos um verbo télico que atualiza o Aspecto Perfectivo. Já (4) atualiza o Aspecto Imperfectivo, pois o fim não está explícito pelo ponto de referência R. Tanto em (4), quanto em (5), o que temos é o aspecto iterativo, que designa um tipo de ação durativa. Em (5), essa iteratividade é reforçada pelo adjunto adverbial.

Os estudos sobre Aspecto concentravam-se, em alguns casos, nos traços aspectuais da raiz do verbo ou do substantivo e, em outros, nos traços de mesma natureza presentes nas flexões e perífrases. No primeiro caso, portanto, tratavam de realidades lexicais e, no segundo, de realidades morfossintáticas.

Castilho (1968) relata que, para caracterizar essas duas vertentes da noção de Aspecto, foram introduzidos os termos Aspecto (*Aspekt*) e Modo de Ação (*Aktionsart*). O primeiro compreende o problema do Aspecto de forma pouco ampla, reduzindo “as noções aspectuais a uma bipolaridade, segundo a ação dure (imperfectivo) ou se complete (perfectivo)”.

O termo *Aktionsart*, por sua vez, representa uma compreensão mais ampla das noções aspectuais, “englobando e ultrapassando a bipolaridade que caracteriza o aspecto”. O autor aponta, ainda, que a tradução de *Aktionsart* por *aspecto*, nas línguas românicas, deixando o

⁶ *Aktionsart*, termo originado do alemão que se refere ao Modo de Ser da ação.

termo *Aspekt* sem tradução trouxe grande confusão entre noções relacionadas a níveis lingüísticos distintos.

A motivação inicial das teorias que classificam o Aspecto é de natureza essencialmente filosófica. Quer dizer, a tradição da Aktionsart tinha, inicialmente, o propósito ontológico de classificar sentenças, sobretudo pelo significado de seus verbos, a partir de estados de coisas referidos.

Também é importante destacar o trabalho detalhado de Travaglia (1994) a respeito do Aspecto. Este autor detecta alguns incoerências na proposta de Castilho (1968), apesar de ambos concordarem que o Aspecto, em português, se centraliza no verbo e é influenciado por outros elementos.

Assim como Castilho (op.cit.), Travaglia faz sua classificação aspectual com base na *telicidade* da forma verbal. Entretanto, considera o Aspecto como uma categoria meramente verbal, não levando em conta a regularidade semântico-lexical da forma verbal para a identificação da categoria. Travaglia define Aspecto como uma categoria verbal de tempo, que serve para marcar duração ou fases de uma situação.

Diferentemente da proposta de Travaglia, Mira Mateus et al. (1983) caracterizam o Aspecto como uma categoria que exprime o modo de ser de um estado de coisas, com um predicador, que pertence a uma dada classe. Vê-se uma valorização das noções de quantificação de intervalo de tempo, com referência à fronteira inicial ou final desse intervalo. Está incluída, na obra desta autora, uma hierarquia dos valores aspectuais, ou seja, dos *Aktionsarts*. Ressaltamos que, para Mira Mateus et. al., as formas de atualização do Aspecto em português resultam tanto de elementos lexicais, quanto de elementos gramaticais. Estes conceitos são utilizados atualmente pela semântica contemporânea.

Soares (1984) distingue-se da maioria dos autores brasileiros na caracterização do Aspecto, negando que a noção aspectual única seja a quantificação do processo. Para esta autora, o Aspecto diz respeito às noções expressas pelas flexões gramaticais (afixos, perífrases), mantendo sempre o seu significado aspectual constante. Já as noções expressas pelo verbo, quanto ao seu papel semântico, são chamadas pela autora de Modo de Ação.

Para Godoi (1992), Aspecto é a relação estabelecida entre o tempo de evento e o tempo de referência. A autora define, assim, duas categorias aspectuais – a *perfectividade*: em que o tempo de referência inclui o tempo do evento e a situação possuirá caráter “fechado”; como, por exemplo, em (6):

- (6) (...) eu me **formei** incentivado pelo governo... desde o tempo do pré-vestibular...e:: durante a minha Faculdade toda vida eu **tive** bolsa da SUDENE...

(Inq. D2 45)

E a *imperfectividade*, em que o tempo do evento inclui o tempo de referência e a situação possuirá caráter “aberto”. Como em (7):

- (7) daí eu **parti** pra ESSO... eu **dava** assistência às construtora na parte de lubrificação...construtora a indústria de cimento...

(Inq. D2 45)

O tempo de referência em (7) está na forma verbal do Pretérito Perfeito *parti*, já a forma do Pretérito Imperfeito, *dava*, denota uma situação de caráter aberto.

Godoi (1992) afirma que o *Aktionsart*, ou modo de ser da ação, indica as funções semânticas dos verbos. O significado semântico do *Aktionsart* é determinado com precisão pelo modo como a ação se realiza, ou seja, expressa sua maneira de realização. Já o *Aspekte* designa as formas que indicam ações incompletas ou completas. Para esta autora, do ponto de vista da gramática funcional, tanto o Aspecto quanto o modo de ser da ação estão situados no campo semântico da aspectualidade.

Costa (1997), em seus estudos, destaca algumas características relevantes na definição da categoria Aspecto, as quais são: a não-referência à localização no tempo; a constituição temporal interna; a vinculação desta categoria a situações, processos e estados, e a “representação espacial”.

Ainda segundo Costa (1997), a conceituação e as possibilidades semânticas do Aspecto em língua portuguesa podem ser divididas em dois blocos: *perfectivo*, que se refere a um fato global, não marcado para as nuances da constituição temporal interna; e o *imperfectivo*, que marca claramente a constituição temporal interna, restrito, segundo a autora, a lexemas que possuam o traço [+ durativo]. Assim, a marcação da categoria Aspecto em português significa, em última instância, imperfectizar o enunciado, através de lexemas, morfemas, perífrases, circunstanciadores temporais etc. Além disso, no que diz respeito à discussão da distinção entre Aspecto e *Aktionsart*, a autora afirma que a investigação desta categoria, enquanto possibilidade semântica, deve abranger todos os recursos que a língua utiliza para a atualização da mesma, ou seja, se é uma categoria de expressão lexical, morfológica ou sintática, se é uma categoria verbal ou da frase.

Ilari (1997) admite que, em português, há várias maneiras de expressar a duração interna de um fato verbal e que a escolha dessa maneira é condicionada pelo *Aktionsart*, ou seja, “o esquema temporal subjacente”. E concorda ainda com a classificação dada por Vendler (1967), adaptando-a para o português do seguinte modo:

a) Processos pontuais: considerados como um todo e não compatíveis com os adjuntos de duração.

(8) **comecei** pela parte administrativa pura que é a do Departamento de Material...

(Inq. D2 45)

b) Processos duráveis que evocam a idéia de tempo gasto ou tempo empregado.

(9) **estudei** dois anos lá...

(Inq. D2 45)

c) Processos duráveis que evocam a idéia de tempo escoado: possuem caráter de processo homogêneo e abrangem os estados e as atividades.

(10) (...) no nosso tempo a gente **passava** muito pouco tempo dentro de casa...

(Inq. D2 45)

Este autor ressalta ainda que, diferentemente de outras línguas, o português não dispõe de uma conjugação própria para indicar que o processo é durativo, entretanto, dispõe de adjuntos e de auxiliares, entre outros meios, que veiculam a idéia de duração.

2. PRESSUPOSTOS FUNCIONALISTAS PARA O ESTUDO DO ASPECTO

A partir da noção de *sistema* desenvolvida por Ferdinand Saussure, surgiu mais tarde a noção de língua como *estrutura*, na qual os elementos encontram-se organizados e agrupados. A observação da língua como uma *estrutura* desenvolveu-se, principalmente, a partir de 1928, com os estudos do Círculo Lingüístico de Praga. Surge, então, uma nova concepção em que o exame da *função* dos elementos da língua é essencial para a compreensão do desenvolvimento da linguagem, contrapondo-se, assim, aos preceitos saussurianos, os quais isolam os aspectos funcionais da linguagem ao optarem pelo estudo da *langue* como objeto, dentro da dicotomia *langue x parole*. Dessa forma, aspectos pragmático-discursivos não foram considerados na proposta teórica saussuriana.

O termo *função* passa a ter duas definições: a ligação interdependente de um elemento estrutural com outro elemento seja este estrutural ou não; é o caso dos clíticos, por exemplo; e a função deste elemento estrutural na situação comunicativa. Para os estudiosos do Círculo Lingüístico de Praga, a língua passou a ser vista como um sistema funcional, a partir de uma visão teleológica⁷ do termo *função*, ou seja, a língua é utilizada pelos falantes de dada comunidade para um determinado fim.

Para Nichols (1984), o termo *função* envolve cinco componentes:

1. Função/ interdependência: constitui a inter-relação de fenômenos gramaticais, co-variação. Por exemplo, a marcação dos casos (acusativo/ ergativo) como uma variável dependente na interação com conteúdo lexical inerente, relações agente/paciente, ligação oracional e manutenção, desvio de referência (variáveis independentes).

2. Função/ propósito: aquilo que os falantes pensam ou acreditam que estão fazendo com a linguagem, tais como: questionar, declarar, dar ordem, nomear etc. Esta função é usada para constituir ou decretar um ou outro ato de fala. Exemplo: As taxonomias a respeito das funções da linguagem.

3. Função/ contexto: a linguagem funciona como reflexo do contexto do ato de fala. Esta designação pressupõe dois subtipos:

a) Função/ evento: categorias que indicam papéis de fala, *status* dos participantes no evento e intenção dos mesmos. Exemplo: A polidez e a intenção que se refletem nas relações sociais entre os participantes.

⁷ Visão funcionalista de que a língua é um sistema com uma finalidade determinada.

b) Função/texto: categorias funcionais que indicam organização discursiva, como o progresso da narração, por exemplo, tais como os conceitos de *figura/fundo*, textualidade, coerência etc.

4. Função/ relação: relação de um elemento estrutural com uma unidade mais alta. Acentua-se aqui, como variante, a relação de um elemento com o sistema lingüístico. Exemplo: Um mesmo elemento com categoria NP poderá possuir também a função de sujeito, tópico e agente.

5. Função/ significado: mais de um tipo de função, acima especificados, juntos. Conforme fizeram Li e Thompson no estudo do mandarim chinês, os quais empregaram vários tipos de significado, incluindo a semântica de marcas aspectuais, a função/contexto e a função/propósito de certas partículas.

Surgiram dentro do Estruturalismo duas vertentes de estudos lingüísticos: a *formalista*, que valoriza a forma e deixa a função dos elementos lingüísticos para um segundo plano; e a *funcionalista*, a qual valoriza a relação que uma dada estrutura da língua venha a ter com as demais estruturas dentro do processo comunicativo.

Ainda, segundo Nichols (op.cit.), a gramática estruturalista descreve desde as estruturas gramaticais tais como fonemas, morfemas, relações sintáticas e semânticas, relações entre as orações e os constituintes, relações de dependência entre as sentenças e, ocasionalmente, textos e discursos. A gramática formalista analisa essa mesma gama de fenômenos, mas o faz por meio da construção de um modelo formal de linguagem, o qual serve como objeto de descrição lingüística. Já a gramática funcional, embora analise a estrutura gramatical, assim como o fazem estruturalistas e formalistas, inclui a análise da situação comunicativa, os propósitos nos eventos de fala, seus participantes e o contexto discursivo. Funcionalistas afirmam que as situações comunicativas motivam, explicam e determinam estruturas gramaticais, não limitando a análise lingüística a um conjunto restrito de dados que servem como modelo, mas assentando suas explanações na situação comunicativa.

Para os formalistas, a língua caracteriza-se como um objeto autônomo, ou seja, sua estrutura independe de seu uso nas situações comunicativas reais. Alguns defensores desta concepção propõem que a língua deve ser vista como uma unidade encerrada em si mesma, em seu caráter abstrato e estático, dissociada do ato comunicativo, com uma interpretação sem reflexos de fatos não-lingüísticos. Esta vertente foi fortemente defendida por lingüistas norte-americanos como Bloomfield, Harris, Fries, dentre outros, e aplicada aos vários modelos do Gerativismo.

Já os funcionalistas concebem a língua como um instrumento de comunicação, o qual não pode ser considerado autônomo, mas sujeito às mudanças provindas das mais diversas situações comunicativas, as quais contribuirão para a determinação da sua estrutura gramatical.

Esta concepção desenvolveu-se em algumas escolas lingüísticas européias pós-saussurianas, as quais associavam, em seus estudos, os fatos lingüísticos a determinadas funções relacionadas a estes. Em freqüente contato com os principais lingüistas de Praga, Martinet e Jakobson são considerados, segundo Lepschy (apud Martelotta e Areas, 2003), como “os dois mais importantes herdeiros, no pensamento internacional, da Escola Lingüística de Praga”.

Caracteriza-se como funcionalista os estudos feitos por Simon Dik (1997), caracterizados por uma concepção teleológica de linguagem, o qual caracteriza o interesse de uma lingüística funcionalista nos processos relacionados ao êxito dos falantes ao se comunicarem por meio de expressões lingüísticas.

O *funcionalismo* passa a influenciar fortemente os lingüistas norte-americanos a partir da década de 1970, servindo como base para trabalhos de autores como Givón (1995), por exemplo, os quais defendiam uma lingüística baseada no uso, observando o sistema lingüístico a partir do contexto e das situações extralingüísticas, admitindo, assim, as mudanças das estruturas lingüísticas em conseqüência das eventualidades do discurso. Ou seja, para se estudar a constituição da gramática e de fenômenos gramaticais, por exemplo, é necessário estudar a língua em uso e seus contextos específicos, bem como as estratégias de organização da informação dada pelos falantes no momento da interação discursiva.

Em estudos posteriores de alguns lingüistas norte-americanos, relacionados à gramaticalização, observa-se a tendência dos funcionalistas a adotarem uma concepção de mudança em que forças cognitivas e comunicativas influenciam o indivíduo no momento da comunicação. A gramaticalização, segundo Givón, ocorre quando as unidades lingüísticas migram do léxico para a gramática, ou migram dentro da própria gramática das categorias menos gramaticais para as categorias mais gramaticais, ou seja, quando algum elemento discursivo, com um uso bastante freqüente e previsível, sai do nível do discurso, deixando de ser apenas um elemento estratégico para a elaboração do texto comunicativo, e passa a ser um elemento da gramática.

Em resumo, para os teóricos do funcionalismo norte-americano, a linguagem caracteriza-se como uma atividade sócio-cultural, dotada de estruturas que servem para a

efetivação de funções comunicativas e cognitivas, nas quais a mudança e a variação são fatores sempre presentes.

O funcionalismo lingüístico busca a motivação para os fatos da língua no próprio contexto discursivo, procurando verificar as regularidades do uso desses fatos nos contextos específicos da situação comunicativa. Assim, o uso constitui-se como formador da estrutura e do sistema da língua.

Há, no funcionalismo, princípios e conceitos fundamentais para a observação dos elementos estruturais da língua à luz desta concepção. Para os funcionalistas, os domínios da sintaxe, da semântica e da pragmática são relacionados e interdependentes. Logo, cabe ao funcionalista investigar as circunstâncias discursivas que envolvem as estruturas lingüísticas e seus contextos específicos de uso.

Como nossa pesquisa pretende observar as circunstâncias discursivas da categoria verbal Aspecto, procuramos enumerar, abaixo, alguns princípios para o estudo da língua, numa perspectiva funcionalista.

A. Iconicidade: correlação natural entre forma e função, ou seja, entre a expressão (código) e o conteúdo (*designatum*) de uma estrutura lingüística. Pressupõe três subprincípios:

a) Subprincípio da quantidade: quanto maior a quantidade da informação, maior a quantidade da forma, ou seja, a estrutura de uma construção gramatical indica a estrutura de seu conceito.

b) Subprincípio da integração: quanto mais próximos cognitivamente estiverem os conteúdos, mais integrados estarão no nível da codificação.

c) Subprincípio da ordenação linear: a informação mais importante ocupará o primeiro lugar da cadeia sintática, ou seja, a ordem dos elementos no enunciado indica a ordem de importância deste elemento para o falante.

B. Marcação: distingue as categorias gramaticais marcadas e não-marcadas através de um contraste binário, ou seja, a estrutura gramatical marcada tende a ser mais complexa cognitivamente e menos freqüente que a não-marcada correspondente.

Para Givón (1995), a marcação ou não de uma estrutura depende do contexto e é explicada de acordo com os fatores comunicativos, ou seja, não está restrita às categorias lingüísticas, mas pode ser indicada por outros fenômenos como a distinção entre os gêneros textuais, por exemplo.

A noção de marcação das estruturas lingüísticas surgiu desde a Escola de Praga e baseia-se, inicialmente, em um refinamento do conceito saussureano de valores lingüísticos

em distinções binárias, ou seja, o contraste entre os membros de uma dada categoria ocorre através da presença de uma dada propriedade em um e da ausência em outro. Isto refletiu, inclusive, na natureza hierárquica das estruturas lingüísticas.

Segundo Givón (1979), há três critérios que podem ser usados para distinguir uma categoria marcada de uma não-marcada, através de um contraste binário. São eles:

a) Complexidade estrutural: A estrutura marcada tende a ser mais complexa, ou maior, que a estrutura não-marcada correspondente. Este critério está intimamente ligado à questão da iconicidade na sintaxe, ou seja, refere-se à correspondência entre a complexidade estrutural e a substancial.

b) Frequência de distribuição: A categoria marcada representa a *figura* e tende a ser menos freqüente e cognitivamente mais saliente que a categoria não-marcada, que corresponde ao *fundo*.

c) Complexidade Cognitiva: Uma categoria marcada tende a ser mais complexa cognitivamente em termos de atenção, esforço mental e tempo de processamento, que uma categoria não-marcada.

Ainda segundo Givón (op. cit.), a discussão a respeito da marcação das categorias gramaticais ancora-se em quatro ambientes: nos tipos de discurso, nos tipos de cláusulas, nas modalidades nominais, ou seja, nas categorias gramaticais de nome, e nas modalidades verbais.

Em termos de complexidade sintática, uma mesma categoria gramatical pode ter diferentes valores de marcação quando localizada em contextos diferentes, ou seja, há diferença na complexidade estrutural que ocorre com a não-marcação na estrutura morfossintática da categoria no discurso oral-informal, e a marcação desta categoria, quando inserida em um discurso escrito-formal. Por exemplo, um discurso doméstico é mais freqüente e menos marcado, pois se liga diretamente à norma cultural, enquanto que um discurso acadêmico a respeito de um determinado tema é menos freqüente e é marcado por uma norma gramatical. Ou seja, quanto à complexidade cognitiva, um elemento marcado é mais difícil de ser processado que um não-marcado.

Quanto à complexidade estrutural das cláusulas, Givón observa que o aspecto da finitude não se refere somente ao verbo, mas a todas as partes de uma determinada cláusula. Por exemplo⁸:

⁸ Exemplos do autor.

(11) Ele categoricamente rejeitou a oferta. (finito)

(12) Sua rejeição categórica da oferta. (infinito)

Observamos que a mudança da estrutura verbal (11) para uma estrutura nominal (12) ocorreu através de alguns ajustes tais como: o verbo nominaliza-se, há uma mudança dos casos nominativo e acusativo para o genitivo, o advérbio assume o papel de adjetivo e o sujeito torna-se determinante. Além disso, o sujeito e o tempo-aspecto-modalidade, que são indispensáveis para a formação de uma oração principal independente, desaparecem.

No que diz respeito à modalidade verbal, observa-se a perfectividade, quanto à presença (em termos não-marcados) e a ausência (em termos marcados) de um limite final dos verbos, bem como do grau de difusão temporal de um dado evento. Se um evento é compacto, este não será marcado, ou seja, um evento nitidamente limitado é cognitivamente mais saliente. Porém se for durativo, o evento será marcado. Assim, as características de limites terminais do perfectivo, em muitas línguas, relatam uma modalidade de passado não-marcada.

A categoria marcada do Perfeito envolve dois aspectos distintos: a seqüencialidade e a relevância, cada um com seus próprios planos de marcação.

Um discurso conectado é altamente contínuo, inclusive com todos os seus sub-elementos de coerência temporal. O Pretérito é menos marcado, porque a sua seqüencialidade não envolve somente a coerência temporal, mas também a seqüência da ação, e as seqüências das ações humanas são naturais e baseiam-se na rotina cultural. O status da não-marcação nas ações seqüenciais nos pretéritos surge da mediação cultural, daquilo que é cognitivamente codificado e da rotina convencional do uso das estruturas. Logo, a seqüencialidade é não-marcada, enquanto que a contra-seqüencialidade tende a ser marcada. Para justificar estas afirmações, Givón (1979) cita os seguintes exemplos:

(13) Ele abriu a porta, entrou, sentou e começou a comer.

(14) (?) Ele entrou, abriu a porta, começou a comer e sentou.

(15) (?) Ele começou a comer, sentou, entrou e abriu a porta.

No que diz respeito à relevância observa-se que eventos seqüenciais de Pretérito não-marcados tendem a sinalizar que este evento foi relevante quando ocorreu. Já o Perfeito

marcado codifica eventos que foram relevantes no momento da fala ou em algum tempo-âncora após o evento. Esta base do status marcado do Perfeito é dada principalmente pela posição privilegiada do momento de fala como uma ancoragem dêitica da comunicação humana.

C. Transitividade: é uma função discursivo-comunicativa que aponta a maneira como o falante estrutura o seu discurso a fim de alcançar os seus propósitos comunicativos e possui caráter contínuo e escalar. Relaciona-se ainda com a função pragmática e determina o modo de organização do texto por parte do falante, o qual se baseia principalmente nos objetivos comunicativos e na necessidade do interlocutor.

O fundamento cognitivo para o plano discursivo, com as dimensões de *figura* e *fundo* vem da Gestalt⁹ na Psicologia. Temos maior facilidade de identificar entidades que se apresentam em primeiro plano, as *figuras*, as quais contrastam com um plano de *fundo*.

Para que haja uma comunicação efetiva, é necessário que haja uma orientação por parte do emissor quanto ao grau de centralidade ou não dos enunciados no discurso, ou seja, há planos discursivos que correspondem, na lingüística, aos conceitos de *figura* e *fundo*¹⁰. Esta dicotomia será determinada pelo grau de transitividade do enunciado, conforme demonstram Hopper e Thompson (1980). Orações com alta transitividade apontam para as idéias centrais do texto, correspondentes ao conceito de *figura*; já orações com baixa transitividade marcam as idéias periféricas, correspondentes ao *fundo*.

As pesquisas de Hopper e Thompson (op. cit.) apontam ainda para uma distinção em termos de Aspecto verbal, segundo o qual o Aspecto Perfectivo aponta para a alta transitividade, enquanto que o Aspecto Imperfectivo está associado à baixa transitividade. A partir daí, justifica-se o uso de formas dinâmicas do Imperfeito como *fundo* e de formas pontuais do Perfeito como *figura* em textos narrativos, por exemplo.

A transitividade, de acordo com Hopper e Thompson (1980), constitui uma propriedade central do uso da língua, que corresponde a relações bastante relevantes dos elementos lingüísticos com conseqüências numerosas na gramática, além de destacar propriedades

⁹ A *gestalt figura-fundo* aparece na literatura para explicar como estruturamos a cena comunicativa ou nossa capacidade de reconhecer objetos segundo várias perspectivas. Como, devido às limitações de nossa memória de trabalho, não podemos manter todas as facetas de uma mesma cena no foco de atenção, impomos um perfilamento (*profiling*). Em outras palavras, selecionamos o que vai ser *figura*, pelo grau de proeminência das entidades que compõem a cena comunicativa.

¹⁰ Na definição de Cunha et al (2003), *Figura* corresponde à porção do texto narrativo que apresenta seqüência temporal de eventos concluídos, pontuais e *realis*, constituindo a comunicação central. Já *Fundo* corresponde à descrição de ações, eventos, estados e localização dos participantes, simultâneos à *Figura*. Koffka (1936/1975) descreve o plano ambiental como duplamente organizado (*figural/fundo*). A *figura* constitui o relevo, por isso é percebida mais salientemente; já o *fundo* aparece como suporte, caracterizando-se, portanto, como neutro.

como: o número de argumentos, a agentividade, o modo, a volição, dentre outras, que são definidas discursivamente. A transitividade justifica-se em fatos que sugerem princípios de natureza pragmática, pois, se não houvesse ligação com a função comunicativa, os componentes da transitividade se caracterizariam de uma natureza meramente arbitrária.

Segundo estes autores, a transitividade define-se através de dez parâmetros: número de argumentos, cinesis, aspecto, pontualidade, volição, afirmação, modo, agentividade, afetamento de objeto e individuação do objeto. Ou seja, a transitividade não é observada no discurso como um traço único, mas determinada por uma série de parâmetros que indicarão um maior ou menor grau de transitividade dos dados em análise.

Basicamente um parâmetro que nos interessa no presente trabalho é o do aspecto. Para Hopper e Thompson (1980), uma ação vista como acabada, concluída ou télica é mais efetivamente transferida para um argumento que uma ação que não possua um ponto de conclusão. Daí surge a possibilidade de relacionar alta e baixa transitividade com o valor télico e atélico da forma verbal, respectivamente.

As noções de mudança lingüística no âmbito funcionalista implicam a caracterização do usuário como atuante e inovador, o qual cria novos significados que são validados durante a interação em uma dada situação comunicativa real. Daí ver-se que o significado de um dado elemento lingüístico não possui total autonomia semântica, mas depende bastante do contexto comunicativo no qual está inserido.

Com base nisso, pode-se dizer que a categoria Aspecto possui um caráter “elástico”, pois pode adaptar-se a diferentes contextos, em função das necessidades comunicativas.

Estudos têm mostrado que há uma forte regularidade nos processos de mudança no que diz respeito à *função* comunicativa desempenhada pelos elementos lingüísticos. Estas mudanças devem ser entendidas como movimentos iniciados pelo falante na produção do seu discurso com um interlocutor específico e em uma situação comunicativa determinada, num processo de recriação e extensão de sentidos das formas já consagradas pela gramática, dadas necessidades comunicativas impostas contextualmente.

3. O COMPLEXO TEMPO, ASPECTO E MODALIDADE

Como este estudo tem como foco a categoria Aspecto, procuramos, neste capítulo, apontar as características do Aspecto dentro de um complexo mais amplo desenvolvido por Givón (1984) a respeito das estruturas gramaticais no que diz respeito ao tempo.

Segundo Givón (1984), o complexo TAM representa três pontos distintos de análise do tempo. Tense envolve o conceito de tempo como pontos numa seqüência, com as noções de precedência e subseqüência. Aspecto envolve a noção de delimitação do período do tempo, ou seja, configurações de pontos de início, meio e fim, estabelecendo um ponto de referência na seqüência do tempo. Modalidade diz respeito às noções de realidade, no sentido da existência ou não de fatos ligados a um tempo real. Cada uma das categorias acima definidas possui um domínio funcional próprio. Entretanto, estas categorias são interconectadas e conectadas ainda a outras propriedades da língua.

No conceito de Tense, ou tempo seqüencial, há dois traços fundamentais: a seqüencialidade, ou seja, a sucessão de pontos que ocupam uma posição fixa na ordem linear; e o ponto de referência, o qual estabelece relações com a precedência do passado e a seqüência do futuro. O ponto mais comum de referência, no eixo temporal, é o tempo de fala, o qual é considerado, por Givón (op. cit.), como não-marcado.

Na abordagem a respeito da categoria Aspecto, a idéia de duração é como uma importante característica semântica dos verbos, ou seja, o grau de difusão ou de compactualidade no tempo. Classificam-se, ainda, de acordo com o volume do léxico verbal, verbos como instantâneos ou de estados.

O aspecto durativo dos verbos corresponde a eventos sem delimitação terminal ou inicial, o que o difere do aspecto pontual, cujos eventos possuem tais delimitações. A localização destes eventos e de suas delimitações no tempo é dada novamente pelo eixo temporal, daí justifica-se a interconectividade entre Tense e Aspecto na categoria TAM.

Segundo as análises de Givón (1985), um evento compacto recebe seu ponto de referência implicitamente no discurso; já um evento durativo requer um ponto de referência explícito. Podemos comprovar esta afirmação nos exemplos que se seguem, retirados do nosso corpus de análise:

(16) Collor de Melo **cheGOU**...

(Inq. EF 156)¹¹

¹¹ Leia-se Inquérito do tipo Elocução Formal, número 156.

(17) quando... **davam** seis e... quinze seis e vinte eu **ligava** no Atlântico Sul...

(Inq. DID 08)

Observe que, no exemplo (16), com a forma verbal *chegou* há um evento compacto cujo ponto R (ponto de referência) não está explícito. Já em (17), *ligava* representa um evento temporal durativo com um ponto de referência explícito apontado pela oração temporal.

A perfectividade em TAM dá-se através do contraste entre perfectivo (completivo) e imperfectivo (incompletivo), envolvendo a delimitação terminal dos eventos no âmbito do eixo temporal.

No que trata da terminação, um evento é chamado de perfectivo quando o eixo temporal foi acabado; já o evento imperfectivo não aponta para nenhuma delimitação terminal no eixo temporal. O ponto de referência corresponde então ao ponto final do evento perfectivo ou na provável construção de um ponto final se o evento for imperfectivo. Seguindo a classificação estabelecida por Givón (1984), os aspectos imperfectivos são: o durativo/contínuo, o estado/habitual e o aspecto repetitivo/distributivo.

Givón (op. cit.) afirma ainda que a categoria mais comum associada ao perfectivo é o passado quando não sofre modificações de aspectos durativos, repetitivos ou habituais. Isto porque uma vez que o evento já tenha ocorrido, a delimitação terminal dele é mais um problema de registro.

O tense-aspectual chamado de Perfeito envolve, além de elementos como eixo temporal, a seqüencialidade e a procedência, outros elementos aspectuais, passando do âmbito semântico para o âmbito discursivo-pragmático. Alguns traços são subcomponentes característicos do Perfeito, tais como:

a) Perfectividade e completude: manifestada mais em termos semânticos no Perfeito por meio de uma interação com a anterioridade e de uma delimitação terminal, construída em algum tempo anterior no eixo temporal;

b) Relevância imediata/remota: apresenta uma avaliação pragmático-discursiva, uma vez que há uma motivação comunicativa para mencionar um evento já terminado em algum tempo anterior no eixo temporal, dando menção a este no último ponto da conversação;

c) Anterioridade: Envolve a precedência face ao ponto de referência. Enquanto o ponto final do eixo temporal é relevante para que ocorra a perfectividade, o que é relevante para a anterioridade é a lacuna, que ocorre entre algum ponto do tempo do evento precedente e o ponto de referência;

d) Contra-seqüencialidade: Uma cláusula marcada perfeita, num discurso narrativo, indica a falta de seqüência temporal na apresentação dos eventos, uma vez que os episódios tematicamente coerentes ocorrem de uma forma natural numa seqüência real, não sendo necessária a marcação. A marcação do Perfeito ocorrerá em casos de contra-seqüencialidade, isto é, quando uma cláusula estiver fora da seqüência de forma reportada.

No nível do discurso, o uso do sistema TAM também pode ocorrer em discursos multiproposicionais, que têm foco nas relações de coerência. Observa-se, assim, a noção pragmática de *Figura* vs. *Fundo*. A *Figura* corresponde ao esqueleto, ou seja, a linha principal do episódio. Já o *Fundo* representa os elementos satélites da descrição.

O contraste entre Aspecto Perfectivo/imperfectivo na narrativa marca o contraste entre planos discursivos. Hopper e Thompson (1980, p. 280) enfatizam que, em qualquer situação de fala, certas informações são mais relevantes que outras. Segundo os autores, a recorrência de um ou outro elemento gramatical relacionado ao relevo discursivo sugere que alguma limitação psicológica no processamento do discurso deve estar envolvida, já que os falantes aparentemente necessitam sinalizar morfossintaticamente aquelas partes do discurso que devem ser tomadas como mais relevantes.

A parte do discurso que não contribui crucialmente para os objetivos do falante, mas simplesmente auxilia, amplifica ou comenta, é chamada de *fundo* (*background*). Por outro lado, o material que embasa os pontos principais do discurso é conhecido como *figura* (*foreground*).

Ao tratar do contraste entre *figura* e *fundo*, entre primeiro e segundo planos no texto, Travaglia (1994) defende que, no Português, o mecanismo e os elementos (formas, categorias) envolvidos nesse contraste estão ligados à relevância pragmática, que se dá através, entre outros recursos, do uso de formas verbais, em que a mudança de Aspecto Imperfectivo/perfectivo indica contraste entre *figura* e *fundo*. Os verbos no perfectivo descrevem os eventos que aparecem em primeiro plano e funcionam como *figura* e os verbos no imperfectivo codificam os eventos que aparecem em segundo plano e funcionam como *fundo*. Conforme podemos observar no exemplo a seguir.

(18) daí eu **parti** pra ESSO.... eu **dava** assistência às construtora na parte de lubrificação...construto::ra a inDÚStria de cimento... foi quando eu **passei** meus dez ano na ESSO.

(Inquérito D2 45)

Em (18), as formas perfectivas, *parti* e *passai*, dão seqüência cronológica à narrativa contada pelo falante sobre seu trabalho e representam as ações realizadas. Já a forma imperfectiva, *dava*, apresenta uma descrição do trabalho feito, com uma ação que serve como fundo, e que não está na seqüência dos fatos apresentados pelas formas perfectivas, mas sim, simultânea a estas.

4. O ESTUDO DA CATEGORIA ASPECTO: UM BREVE HISTÓRICO

A categoria Aspecto tem sido bastante discutida entre os estudiosos da língua portuguesa, entretanto Costa (1997) afirma que sobre ela nada ainda pode ser considerado como definitivo.

Para um melhor entendimento dos estudos feitos sobre a categoria Aspecto, seguiremos a divisão feita por Godoi (1992), sob as diferentes visões da tradição anglo-saxônica e da aspectologia oriental. Trataremos aqui dos estudos ocidentais e orientais desenvolvidos. Através deste apanhado histórico a respeito do Aspecto, procuramos observar que autores analisam ou dão margem ao estudo desta categoria numa perspectiva discursiva.

4.1. O ASPECTO NO MODELO ANGLO-SAXÔNICO

De acordo com Godoi (op. cit.), há uma grande confusão entre os mais diversos tipos de abordagens semânticas em relação à categoria Aspecto, principalmente no tocante aos estudos aspectológicos tradicionais e às propostas mais recentes. Isso ocorre, segundo a autora, pela colisão entre o progresso considerável no tratamento componencial semântico dessa categoria e a influência das abordagens morfossintáticas, as quais se limitam ao tratamento do Aspecto em fenômenos específicos de uma dada língua.

Existem inúmeras definições e classificações de Aspecto desenvolvidas pelos lingüistas, muitas vezes até contraditórias entre si. Aparecem, daí, as surpreendentes caracterizações de algumas formas verbais, que se classificam como perfectivas e imperfectivas, demonstrando ser o Aspecto uma categoria de difícil compreensão.

A primeira distinção entre frases com referência ou não a um ponto terminal foi formalizada por Aristóteles, com o nome de *energeia* (frases com idéia de duração) e *kinesis* (frases que expressam uma idéia de término). Essa distinção básica foi posteriormente retomada por muitos outros estudiosos. Surgiram, então, alguns tipos, tais como: *perfectivo*, *imperfectivo*; *durativo*, *não-durativo*; *atélico*, *télico*; *não-limitado*, *limitado*; *atividade*, *accomplishment etc.*

Aristóteles ainda subdivide a classe aspectual em dois grandes subgrupos: processos e estados. Dentro dos processos estão inseridos os conceitos de *kinesis* (atualidades), relacionado ao aspecto pontual e perfectivo; e *energeia* (movimentos), relacionado ao Aspecto Imperfectivo e não-pontual das formas verbais.

Em 1889, Streitberg, (*apud* Godoi, 1992) iniciou, seguido de outros estudiosos, as discussões sobre o Aspecto verbal, dentro do movimento dos Neogramáticos, inspirado, sobretudo, nos estudos eslavistas. Seus estudos representam o início das discussões sobre esta categoria na lingüística moderna. A opinião de alguns estudiosos, nestas discussões, era que, como não existiam regras morfológicas claras para expressarem uniformemente a diferença entre perfectivo e imperfectivo, as línguas não-eslavas não seriam capazes de expressar Aspecto.

Streitberg (*op. cit.*) observou o Aspecto verbal em três categorias:

- a) Aspecto Imperfectivo ou durativo: apresenta a ação na sua duração ininterrupta;
- b) Aspecto Perfectivo ou resultativo: quando o significado básico do verbo possui uma noção de término;
- c) Aspecto iterativo: apresenta uma ação em sua repetição.

Postman, em 1926, adota a mesma classificação de Streitberg, entretanto opta pelas predicções, ao invés das formas verbais.

Kenny (1963) retoma os conceitos utilizados por Aristóteles em relação à demonstração de Aspectos nas formas verbais, acrescentando o termo “performance” relacionado à *energeia*. Este se utiliza ainda dos conceitos desenvolvidos por Ryle (1949), os quais designam de *achievements* (verbos com valor resultativo, que descrevem um acontecimento particular) e de *atividades* (verbos não-resultativos, que descrevem ações que podem alongar-se durante um período de tempo).

Kenny, entretanto, diferencia-se de Aristóteles e Ryle (*op. cit.*) no sentido de que introduz a noção de “implicações temporais” e de critérios lingüísticos complementares, observando a co-ocorrência de advérbios nas transformações das formas verbais. Seu estudo traz, ainda, a distinção entre as *atividades*, que, como as *performances*, podem ocorrer em tempos progressivos, e os *estados*, que não admitem esta ocorrência.

Posteriormente, Vendler (1967) apresenta a tipologia verbal quadripartida, de caráter também aspectual, que sugere um modo particular de como os verbos envolvem a noção de duração ou delimitação ao serem correlacionados a fatores como objeto, estado de coisas pretendido etc. Os tipos de verbos classificados por Vendler (*op. cit.*) são: *activities*, *accomplishments*, *achievements* e *states*.

Para a análise do caráter semântico-lexical das formas verbais coletadas, adotamos a tipologia dos conceitos vendlerianos, cuja síntese foi elaborada por Coan (1997).

Por *atividades*¹² caracterizam-se as situações de duração temporal indefinida, as quais não envolvem culminação, ou seja, não implicam em um término específico. Este tipo de verbo não co-ocorre com advérbios do tipo *em uma hora*, somente com os advérbios durativos do tipo *por uma hora*, como observado em: *Pedro corria com medo da mãe*.

Os *accomplishments* são definidos por sua referência a um segmento inteiro de tempo, e evidencia um ponto final natural. Estes co-ocorrem com advérbios do tipo *em uma hora*, e não com advérbios durativos. Conforme ocorre em: *Pedro caminhava dois quilômetros para chegar ao trabalho*.

Achievements referem-se a situações pontuais, pois denotam o começo ou o clímax de uma situação, não indicam, portanto, uma extensão temporal. Diferem-se, portanto, dos *accomplishments*, no que diz respeito ao tempo envolvido durante a ocorrência da situação. Exemplo: *Pedro ganhou um relógio de seu pai*.

O último conjunto designado pelo autor diz respeito aos *estados*, os quais são situações que ocorrem durante todos os períodos de um tempo. Um verbo de *estado* tem valor de verdade se ocorrer em todos os pontos de um determinado período ou de um determinado número de instantes temporais, sem que possa ser dividido, como, por exemplo, em: *Pedro sabia a fórmula da questão*.

Também baseados na tricotomia aristotélico-kenniana de *energeia*, *kinesis* e estados, os estudos de Taylor (1977) apresentam como inéditas as propriedades dos tempos progressivos. Influenciado pelas idéias do Gerativismo, Taylor atribui, a cada sentença de superfície formal, condições-de-verdade que apontam para uma semântica de modelos¹³. Divide os verbos *energeia* em homogêneos e heterogêneos, baseado na analogia espacial das formas verbais e na noção de intervalos, fazendo também a distinção limitado/ilimitado.

Quanto ao comportamento semântico do Aspecto, no discurso, delineamos algumas considerações a respeito dos estudos em Semântica desenvolvidos, principalmente, por Lyons (1979; 1981), como base teórica para o andamento de nossas análises.

Segundo Lyons (op. cit.), a Semântica é o estudo de significados, os quais, durante muito tempo, foram considerados como idéias ou conceitos que se podem transferir da mente do falante para a do ouvinte, quando se inserem nas formas de uma dada língua. Lyons (1979)

¹² A exemplo de Godoi (1992) e Coan (1997), optamos por traduzir *activities* e *states* por “atividades” e “estados”, respectivamente, e manter a forma original de *achievements* e *accomplishments*, por uma questão de melhor distinção do significado.

¹³ Segundo Taylor (op. cit.), os predicados de n lugares das sentenças de superfície são representados neste sistema por $n+1$ lugares. Este lugar extra é ocupado por um termo singular que é o tempo físico (time). O tempo lingüístico (tense) é acomodado por meio de um sistema de predicados que expressam as relações entre os tempos físicos através das constantes “now” e “then”, indicando dois tipos de unidades: momentos e períodos, os quais expressam simultaneidade e posterioridade.

amplia sua discussão a respeito do conceito de significado e estabelece a distinção entre: o significado lexical, interpretado como “o significado dos lexemas”, o significado da sentença, o significado gramatical e o significado de enunciado.

O significado da sentença diz respeito à junção do significado lexical com o significado gramatical, isto é, dos lexemas e das construções gramaticais que relacionam um lexema a outros.

No intuito de melhor abordar os estudos de Semântica, relacionando-a ao discurso, enfocamos especialmente o último tipo de significado estabelecido por Lyons (op. cit), o significado de enunciado. Definido como sendo um significado mais abrangente que o significado da sentença, por possuir fatores contextuais que interferem na mudança da compreensão do que foi emitido do falante para o ouvinte. O autor afirma, ainda, que não se pode dar conta totalmente do significado da sentença sem relacionar estas sentenças com seus possíveis contextos de enunciação.

O significado do discurso é, segundo Lyons, distinguido do significado da sentença, porque este se inclui no escopo da Semântica, enquanto aquele é parte do estudo da Pragmática. As sentenças são entidades abstratas que independem do contexto por não estarem ligadas a nenhum tempo ou espaço. Entretanto, quando estas assumem um papel de segmento lingüístico e interpretável, que passa de um emissor para um receptor na dependência de um contexto, tornam-se enunciados ou partes interligadas de um enunciado único.

Para Lyons, o significado do enunciado nasce, então, como produto do significado da sentença e do contexto. Ele aponta ainda a distinção entre o significado inerente de uma expressão e o uso que o falante faz dela, do ponto de vista do significado pretendido.

Na tentativa de representar as entidades semânticas nas línguas do mundo, Lyons (1979) apresenta, influenciado pela visão ontológica e semântica do Aspecto proposta por Vendler em 1967, entidades que são classificadas como: primeira ordem (entidades localizadas no espaço); segunda ordem (entidades localizadas no tempo) e terceira ordem (entidades abstratas que possuem um valor de verdade: proposições).

No que diz respeito à semântica do Aspecto, Lyons afirma que esta categoria é ontologicamente mais básica que a categoria Tempo. O termo Aspecto surge, nos estudos lingüísticos, para cobrir uma variedade de distinções que são gramaticalizadas nas estruturas verbais das línguas, as quais se baseiam nas noções de duração, instantaneidade, frequência, repetição e complementação. A noção de Aspecto defendida por Lyons centraliza-se na distinção entre o progressivo e o não-progressivo.

Este autor introduz o termo *caráter aspectual* para indicar a parte do significado do verbo que denota um tipo de situação em lugar de outra. Há verbos que em seu significado já denotam características de estado, como por exemplo, *saber*; ou de eventos, com é o caso de *reconhecer*. Para Lyons, o Aspecto e a natureza do verbo são interdependentes, pois estes se apóiam nas mesmas distinções ontológicas. Pode acontecer ainda que o mesmo Aspecto seja interpretado pelo ouvinte diferentemente, de acordo com o caráter do verbo utilizado pelo falante.

Estatividade e progressividade são duas noções semânticas básicas utilizadas por Lyons (op. cit.) para referir-se ao tratamento do Aspecto. Há ainda a distinção entre *eventos*, *estados* e *processos*, e, de outro lado, a distinção entre os *atos* e as *atividades*.

Os eventos são situações dinâmicas não-estendidas, as quais ocorrem momentaneamente no tempo. Já os *processos* são situações dinâmicas estendidas que perduram através do tempo. Assim como os *processos*, os *estados* também perduram através do tempo, sendo que estes são homogêneos durante todo o período do tempo em que existem. Por fim, as atividades são *eventos e processos* controlados por um agente.

Lyons (op. cit.) observa ainda que, em algumas línguas, a distinção entre *eventos* e *processos* é gramaticalizada no sistema aspectual não somente por uma medida absoluta do tempo, mas pela ênfase que o falante pretende dar à estrutura interna da forma verbal em uso. Ou seja, o autor admite que há elemento de subjetividade envolvido na subclassificação das situações em *eventos*, *estados* e *processos*. Entretanto, esta subjetividade não invalida as distinções temporais, nas quais esta subclassificação se baseia.

Ainda segundo Lyons (op. cit.), se observarmos a semântica do Aspecto nas formas verbais dos Pretéritos Perfeito e Imperfeito do Indicativo, podemos citar a existência da correlação da noção de dinamismo ligada ao valor perfectivo na forma do Perfeito, e a noção de estaticidade ligada ao valor imperfectivo na forma do Imperfeito.

Um dos principais nomes relacionados ao estudo da categoria verbal Aspecto é o de Comrie (1981), o qual desloca para a pragmática os significados temporais das formas verbais. O autor discute esta categoria, apresentando algumas abordagens e conceitos bastante utilizados pelos lingüistas brasileiros.

Comrie (1981) divide os aspectos em Perfectivo, Imperfectivo e Perfeito. O Imperfectivo envolve os conceitos de habitualidade, continuidade e progressividade. Apresenta ainda os conceitos de situações durativas e pontuais, télicas e atélicas, estativas e dinâmicas.u

Os estudos de Mourelatos (1981) baseiam-se na quadripartida tipologia vendleriana e destacam a relevância do Aspecto verbal para a caracterização, análise, compreensão e descrição das formas verbais, introduzindo os termos: “perfectivo” e “imperfectivo”, sem defini-los. Mourelatos postula que, na predicação verbal, são envolvidos seis fatores: o significado inerente do verbo; a natureza dos argumentos do verbo; os advérbios, quando estes ocorrem; aspecto; tempo como fase e tempo como referência. Assim, faz uma ampliação dos fatores em análise, deixando de considerar apenas o verbo e considerando a sentença como um todo.

Johnson (1981) apresenta uma teoria temporal unificada para tempo e aspecto, a qual foi baseada em seus estudos sobre a língua africana Kikuyu. Influenciado pelo modelo do eixo temporal de Reichenbach¹⁴, Johnson caracteriza sistematicamente os sistemas temporais verbais das línguas em categorias semânticas: tempo (relação de MR com MF), aspecto (relação ME com MR) e estatuto (relação de ME com MF). Assim, para este autor, o Aspecto de um verbo descreve o evento como algo que determina se o verbo refere-se ao tempo inteiro do evento (Aspecto completivo), desenvolvimento (Aspecto Imperfectivo) ou seu estado posterior (Aspecto Perfeito).

Smith (1991) expande ainda um pouco mais a classificação proposta por Vendler (1967). A autora sugere cinco classes distintas para as eventualidades expressas pelas sentenças das línguas naturais. Tais classes se definem por um conjunto de propriedades temporais composto por *estaticidade*, *dinamicidade*, *instantaneidade*, *duração*, *telicidade* e *atelicidade*. A combinação dos traços semânticos apontados nos pares *estático/dinâmico*, *instantâneo/durativo* e *télico/atélico* define as classes de eventualidades.

Os estados são estáticos, por ocorrerem em um período único indiferenciado, e mais importante que isso, por constituírem uma eventualidade de natureza diferente das atividades e dos eventos, que são dinâmicos, pois consistem de estágios sucessivos que ocorrem em momentos diferentes.

As eventualidades podem ser durativas ou instantâneas. Os estados são sempre durativos, enquanto que as atividades e os eventos podem ser durativos ou instantâneos.

Finalmente, as eventualidades do tipo de estados serão sempre atélicas e as outras, como as atividades e os eventos, podem ser atélicas ou télicas.

¹⁴ O modelo de estudo desenvolvido por Reichenbach, em seu *Elements of Symbolic Logic* (1947), entende que para formular uma definição adequada das formas temporais, não se pode levar em conta somente o MF (momento da fala) e o ME (momento do evento), mas também o MR (momento de referência), cujo papel crucial é o de ligação entre o falante e o evento.

Para Smith, uma eventualidade tética contém uma mudança de estado que constitui seu resultado ou alvo. A eventualidade se completa, quando o alvo é atingido e a mudança de estado se concretiza. É um limite final natural, intrínseco à eventualidade.

Uma eventualidade atética, por outro lado, não tem esse limite final intrínseco, constituindo-se em um processo sem culminância. Não há resultado, nenhum alvo é atingido. Ao contrário das eventualidades téticas, com limite final natural, as atéticas só podem ter um limite final arbitrário e, assim, poderão ser interrompidas a qualquer instante.

A atribuição de propriedades concretas ou abstratas, posse, locação, crença e outros estados mentais e a descrição de hábitos podem exemplificar as eventualidades denominadas *estados*. São situações que se mantêm por um intervalo de tempo, sendo, portanto, estáticas e durativas. Como constituem um período único, indiferenciado, os estados não têm estrutura interna, e não apresentam, assim, limites iniciais ou finais.

Diferentemente dos estados, as atividades têm uma estrutura interna; não constituem um período único, indiferenciado. São, exclusivamente, processos que envolvem atividade física ou mental e seus traços temporais são: dinamicidade, duratividade e atelicidade. As atividades só podem ter um limite final arbitrário, independente de sua estrutura. Podem ser interrompidas, mas não se completam, justamente por não terem um limite final natural.

Accomplishments consistem em eventualidades que apresentam um limite final intrínseco e podem ser definidas pelas propriedades de dinamicidade, duratividade e telicidade. A mudança de estado nos *accomplishments* ocorre de formas variadas e alguns resultados mais comuns dessas mudanças se realizam em objetos afetados.

Achievements são eventualidades dinâmicas e instantâneas que resultam em mudança de estado, sendo, portanto, téticas. Os *achievements* se caracterizam por serem eventualidades de um único estágio, dissociados de qualquer processo.

Por fim, Smith (1991), ampliando a classificação vendleriana, acrescenta a classe denominada *semelfactivo*, os quais se caracterizam como: dinâmicos, instantâneos e atéticos. São eventos que consistem de um único estágio e não têm resultado ou consequência. Não têm um processo, são verbos que expressam apenas a ocorrência da própria eventualidade.

Em resumo, vimos, nesta seção, que os modelos anglo-saxônicos para o estudo do Aspecto possuem algumas características marcantes, tais como: a centralização do significado desta categoria no componente temporal, voltando-se aos conceitos de tempo desenvolvidos por Reichenbach, e a preocupação com a função exercida por outros componentes (argumentos) e seus papéis semânticos para o estabelecimento do significado da sentença.

4.2. O ASPECTO NO MODELO ORIENTAL

Os estudos orientais aspectológicos, assim denominado por Dahl (1981), baseiam-se principalmente na noção de *Aktionsart*¹⁵, o qual designa os Modos de Ação, ou seja, os traços semânticos das formas, ao contrário da proposta vendleriana de classes. Não há, neste modelo, a noção de esquemas ou intervalos temporais para a definição dos Modos de Ação, os quais estão sujeitos a constantes variações e são analisados em bases puramente intuitivas. Também não apresentam nenhuma preocupação conseqüente com os demais elementos da sentença, com exceção do advérbio.

Surge, a partir de então, a forte influência das línguas eslavas para o estudo do Aspecto em geral, pois devido às diferenças morfológicas entre as classes de verbos, estas distinguem dois aspectos: o perfectivo e o imperfectivo.

Nos estudos funcionalistas, a variedade de fatores morfológicos, lexicais e sintáticos é usada para explicação da difusão dos significados aspectuais e da escolha pelo falante da forma aspectual no enunciado. Assim, a gramática funcional é orientada para a descrição das funções e do funcionamento das unidades gramaticais, bem como de suas relações com elementos de diferentes níveis lingüísticos que participam da transmissão do sentido do enunciado. Além disso, sintetiza a análise tanto da forma para o conteúdo, quanto do conteúdo para a forma.

Um dos modelos difusores da gramática funcional russa foi o defendido por Bondarko (apud Godoi 1992), no qual a categoria semântica da forma verbal é deduzida através da análise do significado principal de uma forma no contexto, da determinação de outros meios lingüísticos para expressar o mesmo significado e do estabelecimento da variante semântica desta categoria, operando assim com o conceito de *campo semântico*. A definição de campo semântico compreende o conteúdo lingüístico, o qual pertence à área da semântica, já expressão lingüística, em sua unidade, pertence aos meios gramaticais.

Ainda segundo os estudos de Bondarko (apud Godoi 1992), um dos campos semânticos funcionais é o da aspectualidade, cujo conteúdo é o caráter de desenvolvimento da ação. Já a forma é representada pelos meios morfológicos e lexicais e pela participação de alguns elementos sintáticos. Baseada em Desherieva, Godoi (1992) define aspectualidade como o

¹⁵ Vocábulo alemão que designa, segundo Castilho (1968), o modo de ser da ação e que representa uma compreensão *lato senso* das noções aspectuais, com um número ilimitado de possibilidades, o qual engloba e ultrapassa a bipolaridade (perfectivo ou imperfectivo) que caracteriza o aspecto.

conjunto de meios lingüísticos da expressão dos caracteres e dos modos da ação, os quais indicam as propriedades semânticas do verbo.

Para designar este campo semântico, os lingüistas russos levam em conta o modo de ser da ação (*Aktionsart*), ou seja, traços semânticos do verbo.

Estudos da gramática russa ainda dividem o campo semântico-funcional das aspectualidade em duas partes: a aspectualidade qualitativa e a quantitativa. A aspectualidade qualitativa engloba as oposições: caráter estático/dinâmico e ação terminativa/aterminativa. O traço da terminatividade/aterminatividade se transfere para os significados lexicais dos verbos. Assim, as ações indicadas pelos verbos são “por natureza”, no mundo real, *terminativas*, as quais supõem certa duração ou uma ação momentânea; ou *aterminativas*, cujos limites encontram-se fora da própria ação. Já a aspectualidade quantitativa caracteriza a ação por repetições, ininterruptividade de realização, duratividade e intensidade.

Os funcionalistas russos concluem que todos os verbos, em todas as línguas, se dividem necessariamente em terminativos e aterminativos. Essa dicotomia possui características profundamente semânticas, por isso, o caráter terminativo/aterminativo do verbo, entrando em diversas relações com o significado gramatical, gera o significado final.

Em observação às diferenças aspectuais das formas de Pretérito Perfeito e Imperfeito, que possuem o mesmo tempo externo, Godoi (1992) afirma que não é o significado lexical do verbo que tem o traço terminativo/aterminativo, mas a forma verbal em si.

Há ainda trabalhos russos com respeito à aspectologia que incluem as categorias vendlerianas dentro da dicotomia aspectual tradicional eslava: o perfectivo e o imperfectivo. O processo semântico básico do imperfectivo é a possibilidade da situação cumprir uma série de fases temporais subseqüentes e contínuas no eixo do tempo, sem se transformar em uma outra situação. Já para o perfectivo é a ocorrência de uma situação que apresenta um limite em sua evolução no eixo do tempo.

Com uma interpretação a partir da tipologia quadripartida de Vendler, o imperfectivo pode configurar nos verbos de *estado*, visto que, nestes casos, o verbo indica uma situação que se prolonga e representa uma seqüência de fases. Como ocorre em (19):

(19) (...) quais era os cinemas que **existiam**...

(Inq. D2 45)

Pode também ocorrer nas atividades, uma vez que estes designam situações que contém um processo que atravessa uma série de fases homogêneas. Como, por exemplo, em (20):

(20) (...) quer dizer o colégio público que era o LiCEU... que era a {Escola Municipal...eles eles **absorviam** um GRANde número de de de de aluno...

(Inq. D2 45)

Já o Aspecto Perfectivo poderá ser possível tanto nos *achievements*, quanto nos *accomplishments*, conforme podemos perceber em (21) e (22), respectivamente:

(21) eu **vim** pra RFFSA quase com a minha experiência administrativa...

(22) no Departamento de Transporte eu **passei** uns três anos...

(Inq. D2 45)

Em (21), a forma verbal perfectiva *vim* é um *achievement*, pois representa uma situação pontual.

Em (22), a forma verbal também perfectiva *passei* é um *accomplishment*, uma vez que representa uma situação limitada na sua evolução.

Para finalizar o panorama das diversas abordagens a respeito do Aspecto no decorrer do tempo, citamos Godoi (1992 p.118), a qual estabelece a distinção entre estudos anglo-saxônicos e orientais, afirmando que:

As duas tradições – a anglo- saxônica e a oriental – levaram os estudos sobre o aspecto para duas áreas da lingüística distintas: a anglo-saxônica se inclina para a semântica formal; já a oriental, com a gramática funcional russa como linha mestra, se inclina para a psicolingüística (estruturalista) com os componentes pragmáticos.

5. O ASPECTO NUMA PERSPECTIVA DISCURSIVA

Procuramos, nesta seção, definir, com base em alguns autores, discurso, enunciado e enunciação, a fim de melhor inserirmos a análise da categoria verbal Aspecto dentro deste contexto.

5.1. O DISCURSO

Tem-se a tendência de identificar o texto como sendo o discurso, ou seja, um conjunto coerente de enunciados que resulta de um processo de comunicação entre dois falantes. De extensão variável, o discurso é analisado, sobretudo, nas suas qualidades de coerência e coesão.

Para tratarmos o Discurso, devemos nos ater aos enunciados e não esquecermos que existe um espaço da enunciação. Enunciação é todo o trabalho para que se chegue a produzir um enunciado. Assim é que podemos falar em sujeito da Enunciação e sujeito do Enunciado, enquanto que o sujeito da Enunciação é o sujeito do Inconsciente, o sujeito do Enunciado é o que aparece na fala. A definição da dicotomia enunciado/enunciação é fundamental para uma visão ampla a respeito de como se constitui o discurso, bem como de sua coerência.

Segundo Greimas (1974), o enunciado é um conceito bastante claro. Na verdade, é a frase lingüística nos seus elementos mais simples, isto é, um enunciado elementar, seja sujeito, predicado, verbo, seja destinador, mensagem, destinatário etc. Este enunciado, como a palavra indica, é o que é enunciado, o que é dito ou escrito, enfim, o que é comunicado. O autor afirma ainda que o enunciado na sua forma mais simples pode ter a forma canônica do enunciado frástico, ou, ainda, num sentido amplo, que o enunciado é o que é enunciado, isto é, todo encadeamento sintagmático que transcende, ultrapassa as dimensões da frase e que compreende, portanto, o discurso enquanto enunciado. O enunciado é a manifestação em termos psicológicos do processo de pensamento. Portanto, é necessário que o enunciado possua um predicado, uma função, enfim, a enunciação.

Se um enunciado é concebido, não como uma única frase, mas como um encadeamento discursivo, cada enunciado possui a sua enunciação. Há, portanto, uma recorrência da enunciação que acompanha a totalidade do discurso. E esta recorrência constitui o que podemos chamar um “nível enunciativo”. Portanto, não há uma única enunciação, todo o discurso é conotado pela enunciação.

Greimas (op. cit.) considera que há uma relação hipotática entre o enunciado e a enunciação, já que a enunciação é a totalidade e que o enunciado é uma parte, pois a relação entre enunciação e enunciado é do tipo do todo para a parte.

A enunciação se opõe ao enunciado, mas possui, ela também, a estrutura de um enunciado elementar, com um sujeito, um predicado e um objeto, mas com a diferença que o actante objeto da enunciação é um enunciado. Só há uma enunciação, na medida em que esta enunciação é enunciada. A enunciação é um enunciado no qual apenas o actante-objeto é manifestado. Se um dos termos do enunciado é conhecido, os outros podem ser deduzidos, ou seja, são pressupostos logicamente. Portanto, a enunciação não pode ser conhecida exceto pela forma de pressuposição lógica, e é o único modo de existir da enunciação.

Para Greimas (op. cit.), o eu da enunciação está sempre oculto. O sujeito da desta não é apenas um simples sujeito que fabrica mensagens, enunciados, mas é também um sujeito que transmite o saber. Portanto, não é apenas sujeito de uma frase do tipo sujeito/objeto, mas também destinador de uma enunciação que pode ser descrita como destinador/destinatário.

O sujeito da enunciação, que é um sujeito lógico, é considerado por alguns estudiosos, como um sujeito ontológico, pois estes postulam a existência de um referente exterior à linguagem. Por isso o autor afirma que existe uma realidade extralingüística que nós podemos conhecer através de métodos que são lingüísticos. Ou seja, a atitude do lingüista diante do texto é dizer que o discurso, o texto, na medida em que é manifestado, é a única realidade da qual a Lingüística se ocupa. E, então, ela diz tudo que pode ser dito sobre o texto manifestado. Entretanto, a Lingüística não pode afirmar que não existam outras realidades. Mas se ela tem um projeto de pesquisa coerente, deve limitar-se àquilo que pode fazer.

5.2. BASE DISCURSIVA DA DICOTOMIA ASPECTUAL EM PORTUGUÊS: O PERFECTIVO E O IMPERFECTIVO

Segundo alguns autores como Costa (1997), o Tempo se distingue do Aspecto no sentido de que este trata da concepção do chamado *tempo interno*¹⁶, ou seja, das noções de duração, instantaneidade, começo, desenvolvimento e fim. Já o Tempo trata do *tempo externo*, ou seja, diz respeito à localização do fato enunciado referente ao momento da enunciação. Ambas as noções se referem à maneira de como o tempo é decorrido, dentro dos limites do fato abordado no momento da enunciação.

¹⁶ Grifo nosso.

Podemos confirmar esta postura com o que diz Comrie (1981 p. 2-3), baseado nas idéias de Holt (1943).

Tense¹⁷ localiza o tempo de uma situação relativa à situação de expressão, logo podemos descrevê-lo como dêitico (...) O Aspecto difere-se disto, pois são diferentes modos de ver a constituição temporal interna de uma situação.¹⁸

A respeito desta concepção, Lyons (1979) já afirmara que o Aspecto diz respeito à distribuição temporal de um acontecimento ou estado e não à sua localização no tempo.

De acordo com Referovskaja (apud Godoi, 1992), nas línguas indo-européias, tanto o tempo externo (Tempo) como o tempo interno (Aspecto) são representados pelas formas verbais flexionadas. A representação do significado aspectual constitui o significado secundário do tempo, presente em diferentes graus em formas flexionadas.

Podemos citar, ainda, a caracterização de Aspecto dada por Travaglia (1994), o qual afirma que esta categoria verbal refere-se à situação em si, ou seja, a um tempo interno à situação, marcando sua duração e suas respectivas fases.

Procuramos mostrar, com base em alguns teóricos, a distinção quanto à questão referencial entre as categorias verbais Tempo e Aspecto. Entretanto, não podemos esquecer que ambas são complementares, uma vez que o Tempo serve como base linear temporal para a delimitação do fato verbal estabelecida pelo Aspecto. Este último passa a funcionar, então, como um *recorte* do primeiro.

Ainda hoje, nos estudos das categorias Tempo e Aspecto, percebe-se a forte ligação do Pretérito Perfeito com o Aspecto Perfectivo, resultante da idéia de duração; e do Pretérito Imperfeito com o Aspecto Imperfectivo, resultante da não-duração expressa por essas formas.

Para Referovskaja (op. cit.), os significados de Pretérito Perfeito e do Imperfeito são vários, ora contrários, ora idênticos. Essas duas formas representam a ação no plano temporal passado. Ou seja, o tempo externo é o mesmo, entretanto a distinção destas ocorre no tempo interno, representado de diferentes maneiras. Essas diferenças se refletem na diversidade de termos que os lingüistas usam para caracterizar o Aspecto.

Segundo Fuchs (1988), estudos que tratam do Aspecto como possuidor de um caráter não-dêitico, baseiam-se em uma concepção bastante estreita de dêixis, a qual se limita a um modelo tradicional dirigido às categorias de pessoa, tempo e lugar. Para a autora, o fato de os aspectos não estabelecerem relações temporais diretas não quer dizer que estes não sejam

¹⁷ Tense, para Comrie, é o que chamamos de tempo verbal no presente trabalho, optamos pela manutenção do termo em inglês para melhor distinção de significado.

¹⁸ Since tense locates the time of a situation relative to the situation of the utterance, we may describe tense as deictic. (...) aspects are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation.

dêiticos. De fato, a maioria das formas verbais em que se pretende analisar o Aspecto são formas que precisam ser ancoradas, ou seja, o Aspecto é determinado por uma situação de referência interna, como é o caso do Pretérito Imperfeito e do Pretérito Perfeito composto em português. Entretanto, essa referência interna não se apresenta em caráter temporal.

Fuchs (op. cit.) propõe uma nova dimensão de referência dêítica, a fim de permitir a formulação de uma nova teoria de referência do Aspecto, a qual, segundo ela, servirá para organizar a descrição do domínio da dêixis em geral.

De acordo com Campos et al. (1996), os Pretéritos Perfeito e Imperfeito localizam os eventos no passado. Com uma ancoragem no real, as formas de Pretérito Perfeito referem-se ao tempo da enunciação, estabelecendo relações temporais diretamente com o Momento da Fala¹⁹, numa ancoragem dêítica. Por sua vez, o Pretérito Imperfeito estabelece suas relações, não com a situação real de fala, mas com outro evento já enunciado no texto ou no contexto, algo já conhecido pelos interlocutores, adotando assim uma ancoragem anafórica.

Ao trabalhar com a compreensão do Pretérito Imperfeito, Ikeda (1992) analisa este Tempo verbal como tipicamente anafórico, o qual se liga a um antecedente temporal R²⁰ fornecido pelo contexto. Além disso, segundo Weinrich (1973), o Imperfeito funciona como pano de *fundo* para uma ação do Perfeito, numa indicação de relevo através do tempo verbal dentro de uma narrativa, por exemplo.

Quanto à questão da duração como característica do Aspecto verbal, Givón (1984), ao estudar o Aspecto como um dos componentes do complexo TAM, afirma que um evento compacto e pontual recebe seu ponto de referência *implícito* no discurso, enquanto que um evento durativo freqüentemente requer um ponto *explícito* de referência. Vejamos nos exemplos do próprio autor:

(23) Ela **leu** o livro. (evento compacto)

(24) Quando **cheguei** dentro do quarto, ela **estava lendo** o livro.

A integração do Aspecto, de acordo com Fuchs (1988), no domínio da dêixis situa as análises num quadro teórico mais geral, procurando estabelecer um paralelo entre o Aspecto e os demais signos dêiticos. Dessa forma, o Aspecto deve ser abordado, observando o ato do

¹⁹ Nomenclatura adotada pelo autor, baseada no modelo desenvolvido por Reichenbach (1947).

²⁰ MR (Momento de Referência) conforme Reichenbach (1947). Segundo Ikeda (1992), funciona como um transportador da posição temporal, podendo ser uma forma verbal ou um advérbio temporal.

seu aparecimento, a situação em que ocorreu e que mecanismos lingüísticos favoreceram esta ocorrência.

Uma determinada forma verbal pode tanto ser aceita numa forma perfectiva quanto imperfectiva, a interpretação de cada uma delas vai depender do seu uso em um enunciado. É importante lembrar que, conforme Flores e Silva (2000), nessa abordagem, o ponto de referência dêitico não é mais o falante, mas o sujeito “eu” (centro único de referência), o qual passa a fazer divisões aspectuais ancoradas na enunciação.

Desta forma, num estudo da categoria Aspecto, deve-se levar em conta o papel do ponto de referência dêitico dentro da situação discursiva, a fim de observar o comportamento das estruturas lingüísticas para a caracterização aspectual da forma verbal empregada.

Lyons (1980) define referência como a relação que se dá entre expressões e entidades, propriedades ou situações, ligadas ao contexto de enunciação. Na ampliação de seus estudos, Lyons ainda aborda a dêixis. Esta, segundo o autor, é uma sobreposição da referência, e sua propriedade essencial é determinar a estrutura e a interpretação dos enunciados em relação à hora, ao lugar de sua ocorrência, à identidade do falante e do interlocutor, e aos objetos e eventos, na situação real da comunicação.

De acordo com Flores e Silva (2000), Aspecto pode ser visto como uma categoria dêitica, desde que não se considere a dêixis dentro dos parâmetros referenciais ontológicos da linguagem, mas como uma categoria enunciativa. Um dêitico, segundo estes autores, não é uma palavra que adquire sentido quando se refere a uma situação no mundo real, mas quando faz referência ao sujeito que a enuncia.

A respeito disso e servindo como base para muitas das teorias que concebem um novo modelo de abordagem da dêixis, Benveniste (1988) diz que a categoria Aspecto é semelhante às demais categorias do paradigma verbal, porque é resultado de uma atualização, em face da instância do discurso.

O Aspecto é uma categoria dêitica em termos enunciativos, conforme Flores e Silva (op. cit.), os quais concluem que os dêiticos, embora possuam um lugar na língua, são categorias vazias porque, enquanto signos concretos, somente adquirem estatuto pleno na e pela enunciação.

Dessa forma, os signos que se referem a uma realidade objetiva não necessariamente indicam uma realidade ontológica, mas fazem referência à própria língua, conforme o que Benveniste (op. cit) chamou de *enunciação estendida*, em que a apropriação da língua pelo indivíduo é constitutiva da enunciação e cada instância do discurso constitui-se assim como um centro de referência interno.

Estudos atuais têm atribuído o caráter dêitico a muitas outras categorias, como as conjunções de ligação, a ordem das palavras etc., as quais não têm referência somente com o real, mas também funcionam como estabelecadores de *relevância temática*²¹, entre o que é dito e o seu contexto temático. Surge a partir daí um novo tipo de referência dêitica. Assim, um componente de referência verbal, como o de pessoa, por exemplo, não se refere apenas às designações de pessoa, mas a todos os elementos expressivos aí incluídos. As análises de empregos de referência no discurso têm apontado para uma grande flexibilidade na escolha dos pontos de referência, não se relacionando apenas ao momento da fala, como é tradicionalmente tratada a referência dêitica.

De acordo com esta análise, o Aspecto se insere no domínio da dêixis, quanto à sua *relevância temática*. O que passa a ser chamada de *dêixis temática*, a qual diz respeito à relação entre o estado de coisas do enunciado e o estado de coisas da enunciação, que surge a partir do conhecimento partilhado pelos interlocutores. O reconhecimento desta *relevância temática* implica no reconhecimento de um novo tipo de referência dêitica. Assim, a relação entre o significado do signo dêitico e o tipo de referência revela-se mais complexa do que no modelo tradicional.

Esta categoria passa, então, a assumir uma definição não apenas funcional como reflexão das regras da língua, mas passa a ser vinculada com o sujeito que a enuncia, ou seja, começa a se observar o Aspecto não como uma marca de estilo, mas como uma marca de subjetividade no discurso.

Cabe, para tanto, a distinção entre Aspecto e Modo de Ser da Ação. Se considerarmos o Aspecto como categoria prevista no léxico, como ela pode depender de um enunciado subjetivo? O Aspecto, segundo Corôa (2005), é uma categoria gramatical e o Modo de Ser da Ação é uma categoria léxico-semântica. Ambos são integrantes de um sistema e ambos dependem de uma atualização enunciativa.

Categorias como Aspecto, Tempo e Modo, segundo Fuchs (op. cit.), em tempo-base não-marcado, como o Presente do Indicativo em português, são deduzidas através do contexto. Já com os tempos marcados morfológicamente, estas marcas gramaticalizam as relações contextuais.

Conforme a autora acima citada, a categoria Aspecto é responsável pela *relevância temática*, a qual liga uma predicação com um assunto de referência e seus elementos. O ponto

²¹ Segundo Fuchs (1988), *relevância temática* é um dos recursos utilizados por estudiosos da dêixis social e da dêixis do discurso, a qual diz respeito às relações de relevância estabelecidas entre o enunciado lingüístico e o seu contexto (assunto ou estado de coisas atingido por este enunciado).

de referência temático passa a ser uma situação ou um evento. De acordo com isso, são determinadas duas funções aspectuais dos tempos verbais: a localização do ponto de referência da *relevância temática* e a indicação do tipo de relevância.

A indicação do ponto de referência da *relevância temática* para uma situação projetada é necessária para a formação do Pretérito Imperfeito do Português.

Já a caracterização de várias espécies de relevâncias temáticas do enunciado ocorre como evento no caso do Perfeito do Simples do português.

No intuito de valorizar os fatores semântico-discursivos indicadores do Aspecto e o seu valor de referência no contexto, Fuchs (1988, p. 94, 97) afirma que

A interpretação de dada forma aspectual depende muito da integração comunicativa tal como ela se define no ponto da interação em que a forma está usada, por sua vez, pode ser determinada por toda uma rede de intenções e subintenções dependentes da intenção global subjacente ao discurso inteiro [...] Os significados aspectuais variam muito com os fatores situacionais, as intenções e a estrutura do discurso e a reflexão destes fatores na estrutura do enunciado [...].

Ainda com relação à referência no Aspecto, Coan (2003), em seu estudo a respeito da referência na significação dos Pretéritos Mais-que-Perfeito e Perfeito do Indicativo, cita alguns tipos de ponto de referência.

Os tipos de ponto de referência considerados por Coan (op. cit.) são:

a) Temporal: o ponto de referência temporal pode aparecer codificado por uma forma verbal, um advérbio ou por verbo e advérbio conjuntamente;

b) Discursivo: considera-se uma referência como discursiva quando se retoma, no discurso, uma situação passada.

c) Pressuposto: o ponto de referência é pressuposto a partir de informações dadas no próprio enunciado.

d) Compartilhado: a interpretação da localização temporal de uma situação depende do conhecimento de mundo, de uma crença.

5.3. A FUNÇÃO DOS CIRCUNSTANCIADORES TEMPORAIS NA DETERMINAÇÃO DO ASPECTO

Embora não seja este um dos fatores de análise neste trabalho, dedicamos esta sessão aos circunstanciadores temporais, pois é inegável seu papel dentro de alguns contextos discursivos. Há uma série de estudos dedicados a este assunto, entretanto, aqui,

sumariamente, propomo-nos apresentar a importância destes elementos para determinação do Aspecto verbal.

De acordo com Castilho (1968), a categoria verbal Aspecto pode ser atualizada por falantes de uma língua sob diferentes meios, tais como os recursos lexicais (o semantema do verbo) e a estrutura morfossintática do verbo (a flexão temporal, os sufixos, as perífrases verbais, os complementos verbais, os tipos oracionais, entre outros).

Outros fenômenos lingüísticos extra-sentenciais também interferem na leitura aspectual. Mória (1999) menciona situações discursivas em que as estruturas sentenciais de imperfectivo dão suporte ao *enquadramento* narrativo, ao passo que as estruturas perfectivas dão suporte aos *trechos narrativos* propriamente ditos. Períodos construídos com *quando* ou com *então* também têm implicações aspectuais fortes.

Um outro elemento utilizado pelos falantes para a atualização aspectual de dada forma verbal diz respeito aos circunstanciadores temporais, os quais podem atualizar uma forma verbal tanto em relação ao seu tempo externo (Tempo), quanto ao seu tempo interno (Aspecto).

Estes circunstanciadores podem ser, conforme rotulação tradicional, os advérbios, as locuções adverbiais ou até mesmo orações, os quais oferecem possibilidades de expressão do tempo físico, bem como apontam para o possível conteúdo aspectual da forma verbal a qual estão ligados.

Segundo alguns estudiosos das categorias verbais, tais como Ilari (1997), os adjuntos adverbiais, conforme chama a Gramática Tradicional numa análise sintática dos elementos da oração, interagem com as formas verbais atribuindo-lhes valores aspectuais de duração, iteração etc. Estes adjuntos operam nestas formas, dando-lhes valores que prevalecem no uso concreto da língua. Uma vez que algumas formas verbais podem ser consideradas polissêmicas, estes servem para estabelecer certas restrições de sentido.

As marcas dos circunstanciadores temporais são observadas quanto à sua influência para a caracterização aspectual de uma forma verbal, tanto no seu próprio conteúdo lexical, quanto no valor aspectual que provocam nesta forma.

De acordo com Costa (1997), os circunstanciadores temporais podem ser classificados em quatro grupos:

a) Circunstanciadores temporais propriamente ditos: referem-se apenas a momentos cronológicos considerados no discurso, não fazem referência à estrutura temporal interna dos fatos e não apontam, por si só, para a imperfectividade. Como no exemplo de Costa (op. cit.), abaixo:

(25) Porque eu fiz feira *sexta-feira passada*, hoje já não vou.

b) Circunstanciadores pontuais: expressam uma ocorrência momentânea, trazendo em si traços característicos da perfectização, e impedindo que ocorra a imperfectização. Como é o caso do exemplo abaixo, citado pela autora:

(26) O medo que eu tenho é que meus filhos *de repente* passem a ter algum problema psicológico.

Vale ressaltar que esta definição a respeito dos circunstanciadores temporais, dada por Costa (1997), não se aplica somente às formas perfectivas, embora estas tendam a ser mais pontuais que as imperfectivas. Durante nosso processo de análise, encontramos a seguinte ocorrência:

(27) (...) e depois **tinha** a parte de...de artística de futeBOL de de CANto de MÚsica...né?
 ...**afastava** logo aquela história toda.

(Inq. D2 45)

Observemos que, em (26), o circunstanciador temporal, *logo*, transmite a idéia de pontualidade, entretanto, está ligado a uma forma imperfectiva, *afastava*.

c) Circunstanciadores de freqüência: marcam a periodicidade e a regularidade das ocorrências expressas pelo fato verbal, admitindo em si o conceito de iteração. Conforme exemplifica Costa (op. cit), abaixo:

(28) Depois tentei *de novo*.

d) Circunstanciadores durativos: aqueles capazes de indicar a imperfectização de um fato verbal por si só, seja reforçando uma forma verbal já imperfectiva ou dando a uma forma perfectiva um valor imperfectivo, como ocorre em (29),

(29) Eu estudei *durante o ano todo*....

6. METODOLOGIA

Neste capítulo, descreveremos como foram coletados e contabilizados os dados desta pesquisa, bem como os fatores de análise considerados, em função da proposta de pesquisa e do referencial teórico apresentado.

6.1. CORPUS

Na modalidade oral, costuma-se pensar em variedades ou normas sociais, dentre elas a culta e a popular. A primeira seria praticada por falantes que possuem um maior grau de escolaridade; e a outra pelos falantes de menor grau de escolaridade. Preti (2004) afirma que as linhas que delimitam essas duas variedades são bastante tênues, paralelas e que, às vezes, se entrecruzam, devido aos vários papéis sociais desempenhados pelos falantes em grupos sociais culturalmente diversos. Os falantes cultos são aqueles que possuem maior consciência da necessidade de variação de sua linguagem, pois estes compreendem melhor a diversidade de interação a qual estão expostos. Em razão de sua maior cultura lingüística, estes falantes estão aptos a empregar a linguagem em seus vários usos, adequando suas formas e empregando-as mais próximas ou mais distantes das regras gramaticais da escrita, de acordo com o grau de cultura dos seus interlocutores e com o tema da conversação.

Não significa dizer que o falante culto, apesar de sua escolaridade ou seu conhecimento lingüístico, seja formal em qualquer situação de interação, aplicando, a todo momento, as regras da gramática normativa. Isso porque o ato de conversação implica uma naturalidade, em que são levados em conta o momento e o objetivo desta. É claro que a cultura lingüística, a faixa etária, a profissão, dentre outros fatores influenciam na autodisciplina da linguagem do falante, pois seu nível de fala denota sua própria personalidade. Entretanto, o falante culto tem a capacidade de ser sensível ao uso lingüístico de outros grupos menos favorecidos, tais como as gírias, os coloquialismos sintáticos, e outros recursos que o permitam ganhar uma maior familiaridade no momento de interação. Isto porque falar fora dos hábitos lingüísticos de um determinado grupo, tanto em uma linguagem não-padrão, quanto em uma linguagem excessivamente presa às normas, gera certa marginalização.

Preti (2004) afirma que a grande diferença entre os falantes “cultos” e os “incultos” está no fato de os últimos não possuírem estratégias lingüísticas de variação nos diálogos em

que se envolvem, ou seja, não possuem recursos para se comunicar com interlocutores de diferentes grupos sociais, se fizerem entender ou impor seus argumentos.

Foi com base nestas definições a respeito do falante “culto” que nos propomos a analisar um corpus de norma culta urbana, pois neste tipo de corpus, a nosso ver, há uma maior quantidade de estratégias lingüísticas, o que amplia nosso campo de análise.

O *corpus* utilizado para o desenvolvimento deste trabalho foi retirado do banco de dados identificado pelo siglóiide PORCUFORT (Português Oral Culto de Fortaleza), o qual resultou de uma pesquisa levada a efeito na Universidade Estadual do Ceará, durante o biênio 1991-2, e é organizado nos moldes do projeto NURC – Norma Urbana Culta. Este material possui 62 inquéritos, distribuídos em: a) 13 inquéritos de Diálogo entre dois Informantes (D2); b) 30 inquéritos de Diálogo entre Informante e Documentador (DID); c) 19 inquéritos de Elocuções Formais (EF). Estes inquéritos têm como informantes universitários e pós-universitários de Fortaleza, fortalezenses ou cearenses²², os quais nunca se afastaram de seu Estado. Há informantes de ambos os sexos e de faixas etárias distintas, como: a) Faixa I, de 22 a 35 anos de idade; b) Faixa II, de 36 a 55 anos de idade; c) Faixa III, a partir de 56 anos de idade.

Dentre os três grupos, foram selecionados alguns inquéritos como *corpus mínimo*, para descrição e análise do Aspecto Perfectivo e imperfectivo, em formas simples do Pretérito Perfeito e do Pretérito Imperfeito do Indicativo.

Foi selecionado um total de 06 inquéritos, sendo: 02 inquéritos de Diálogo entre dois Informantes (D2), 02 inquéritos de Diálogo entre Informante e Documentador (DID) e 02 inquéritos de Elocuções Formais (EF). Além da variação do tipo de inquérito, procuramos obter inquéritos de duas faixas etárias e ambos os sexos.

Os inquéritos selecionados foram:

a) Diálogo entre dois Informantes (D2):

1. D2 02: Informante 1 - Mulher, I faixa etária, fortalezense, pais fortalezenses, arquiteta.

Informante 2 - Mulher, I faixa etária, fortalezense, pais fortalezenses, bacharela em Comunicação Social

Tema - *A casa, construção, planejamento urbano*

Duração do inquérito - 45 minutos;

2. D2 45: Informante 1 - Homem, II faixa etária, 52 anos, fortalezense, pais fortalezenses, graduado em Engenharia Elétrica

²² O termo *cearense*, aqui, refere-se a pessoas que não nasceram na capital, mas sim em cidades do interior do estado do Ceará.

Informante 2 - Homem, II faixa etária, 50 anos, fortalezense, pai cearense e mãe fortalezense, graduado em Engenharia Química

Tema - *Transporte ferroviário, atualidades, lembranças da juventude*

Duração: 60 minutos;

b) Diálogo entre Informante e Documentador (DID):

1. DID 06: Informante - Mulher, I faixa etária, 27 anos, fortalezense, filha de pais fortalezenses, graduada em Filosofia

Tema - *Lazer e estudo*

Duração - 34 minutos;

2. DID 08: Informante - Homem, II faixa etária, 40 anos, fortalezense, filho de pais fortalezenses, graduado em Letras

Tema - *A família*

Duração - 50 minutos;

c) Elocuções Formais (EF):

1. EF 17: Informante - Homem, II faixa etária, 32 anos, fortalezense, pais cearenses, licenciado em Filosofia

Tema - *Revoluções e movimentos populares*

Duração - 60 minutos;

2. EF 156: Informante - Mulher, II faixa etária, 54 anos, fortalezense, filha de pais cearenses, graduada em Letras

Tema - *A Padaria Espiritual*

Duração - 24 minutos.

Não foram levados em conta, nesta seleção, os temas desenvolvidos nos inquéritos, pois são de assuntos bastante variados; também não foram analisadas as diferenças por sexo e faixa etária. No entanto, os tipos de inquérito foram controlados no decorrer da pesquisa. Observamos, durante o processo de análise dos dados, se as formas verbais sofrem alguma variação quanto ao seu Aspecto, quando inseridas em tipos de inquéritos distintos.

6.2. RESTRIÇÕES, CRITÉRIOS E DADOS DESCONSIDERADOS

Não foi considerado, nesta pesquisa, o Aspecto de formas verbais que possuem valores de marcadores conversacionais, tais como: *Entendeu? Não foi?*, entre outras.

No caso de formas verbais repetidas, consideramos apenas uma, quando estas não se diferenciavam nos planos: sintático, em relação ao número de argumentos; ou semântico, em relação a possuírem o mesmo sentido. Isso porque a repetição de uma mesma forma pressupunha a repetição dos mesmos parâmetros de análise, o que poderia enviesar o resultado da pesquisa no momento da contagem de ocorrências.

As formas de Pretérito Perfeito e Imperfeito do Indicativo do verbo *ser* não foram consideradas, uma vez que a grande quantidade destas indicaria um número repetidamente grande de alguns parâmetros em detrimento de outros, o que acabaria por não revelar as diferenças entre os Pretéritos Perfeito e Imperfeito, mas sim as diferenças entre os Pretéritos Perfeito e Imperfeito do verbo *ser*, apontando para um resultado enviesado dos dados analisados com um todo.

Não negamos, nesta pesquisa, o importante papel das perífrases verbais enquanto marcadoras do Aspecto. Entretanto, para uma maior delimitação do foco de análise e devido à vasta quantidade de dados a serem observados, optamos, neste momento, pelo estudo do Aspecto em formas simples. Um estudo que analise o conteúdo semântico-discursivo como caracterizador do Aspecto nas perífrases verbais poderá vir a ser discutido em um outro momento.

6.3. FATORES DE ANÁLISE E PROCEDIMENTOS

Nesta seção, convém ressaltarmos que nosso “material” de análise são as formas simples de Pretérito Perfeito e Imperfeito do Indicativo. Como nosso objetivo é destacar as características semântico-discursivas da categoria Aspecto, nossos fatores de análise não refletem apenas o valor semântico dos paradigmas verbais do Pretérito Perfeito e do Pretérito Imperfeito do Indicativo, mas o valor destes quando inseridos no discurso.

Para uma melhor apresentação de quais fatores de análise foram utilizados no decorrer deste estudo, desenvolvemos, abaixo, um quadro, no qual os fatores estão distribuídos em grupos que representam os planos de análise que seguimos.

Quadro 1 - Distribuição dos Fatores de Análise

Plano Sintático-Semântico: Parâmetros de Transitividade		Plano Semântico-Lexical: Tipos de Verbo	Plano Semântico-Discursivo: Interpretação	Plano Textual-Discursivo
Número de Participantes	Polaridade	<i>Achievements</i>	Interpretação Semântica	Figura
Cinese	Modalidade	<i>ccomplishments</i>	Interpretação Semântico-Discursiva	Fundo
Pontualidade	Agentividade	Estados	Interpretação Pragmática	
Aspecto	Afetamento do Objeto	Atividades		
Volitividade	Individuação do Objeto			

6.3.1. Plano sintático-semântico: Parâmetros de Transitividade

Inicialmente, a análise estende-se para o valor do Aspecto verbal dentro do plano sintático-semântico. Também em uma tabela, na qual estavam dispostos todos os dados separados em sentenças, verificamos o nível de transitividade que cada forma verbal apresentava, ou seja, o nível de efetivação da ação do verbo sobre seus argumentos. Buscamos observar como as formas verbais dos Pretéritos Perfeito e Imperfeito do Indicativo relacionam-se com alguns parâmetros da transitividade estabelecidos por Hopper e Thompson (1980) e complementados por Rodrigues et al (1996).

Foi levada em conta, neste estudo, a quantidade de parâmetros, indicadores de alta transitividade aplicados à forma verbal, numa escala de 0 a 10. Ou seja, se em uma oração a forma verbal contempla somente de 0 a 04 parâmetros indicadores de transitividade, o nível de transitividade desta forma é considerado baixo. Porém, se em uma oração a forma verbal contempla de 06 a 10 parâmetros indicadores de transitividade, sua transitividade é

considerada alta, por atender a um maior número de parâmetros que designam alta transitividade no discurso.

Foram desconsiderados para esta análise dados que possuíam 05 parâmetros indicadores de transitividade; esta quantidade, segundo Catelan e Ravagnani (2002), corresponde ao que a Estatística chama de valor da Mediana, ou seja, é o valor da variável que ocupa a posição central e que divide a frequência total em duas metades iguais. Portanto, esta quantidade de parâmetros não indicaria nem alto, nem baixo nível de transitividade, uma vez que estaria no valor médio da escala.

Assim, consideramos como dados válidos, para observação do nível de transitividade de cada sentença, as formas verbais do Perfeito e do Imperfeito do Indicativo que possuísem de 0 a 04 ou de 06 a 10 parâmetros indicadores de alta transitividade.

Analizamos os dados dentro desta perspectiva, observando o nível de transitividade que a forma verbal possui na relação com seus argumentos, bem como a ênfase dada pelo falante a esta forma na composição do enunciado.

Os parâmetros de transitividade utilizados para a análise das formas verbais de Pretérito Perfeito e Imperfeito do Indicativo, encontradas no corpus, são: Número de Participantes, Cinese, Aspectualidade, Pontualidade, Volitividade, Polaridade, Modalidade, Agentividade, Afetamento do Objeto e Individuação do Objeto. Estes parâmetros serão explicados na análise dos dados.

A hipótese inicial a respeito deste plano é que um Aspecto verbal, classificado sob fatores morfológicos e lexicais, pode sofrer alterações em seu estatuto semântico-textual, dependendo da composição sintática das sentenças. Ou seja, com formas no Aspecto Perfectivo ocorrerá maior transitividade na sentença, pois estas formas atenderão melhor aos parâmetros indicadores de transitividade, que são: Número de Participantes, Cinese, Aspectualidade, Pontualidade, Volitividade, Polaridade, Modalidade, Agentividade, Afetamento do Objeto e Individuação do Objeto. Já as formas com Aspecto Imperfectivo atenderão com uma menor frequência a estes parâmetros e, portanto, obterão um menor nível de transitividade.

6.3.2. Plano Semântico-Lexical

Conforme o quadro 1, em um segundo momento, nossa análise se propõe observar como o Aspecto verbal se comporta no plano semântico-lexical. A classificação utilizada, como fator, neste momento da análise, é a desenvolvida por Vendler (1967), apoiada nos

primeiros conceitos de Aspecto observados por Aristóteles: *energeia* e *kinesis*. Vendler (op. cit.) classificou as formas verbais, levando em conta o valor do Aspecto em termos semântico-lexicais. Assim, os verbos podem ser classificados em: *achievements*, *accomplishments*, atividades e estados.

Esta classificação, como explicitada na fundamentação teórica deste trabalho, leva em conta as relações estabelecidas no eixo sintagmático, uma vez que um constituinte altera o significado do outro ao qual está diretamente relacionado. *Achievements* referem-se a situações pontuais, pois denotam o começo ou o clímax de uma situação, não indicando uma extensão temporal. Os *accomplishments* são definidos por sua referência a um segmento inteiro de tempo, o qual evidencia um ponto final natural. Os *estados* são situações que ocorrem durante todos os períodos de um tempo. As *atividades* são situações de duração temporal indefinida, as quais não envolvem culminação, ou seja, não implicam em um término específico.

Através de uma tabela composta pelos dados, que foram separados em sentenças, analisamos as formas de Perfeito e Imperfeito do Indicativo no plano semântico-lexical, considerando o léxico do verbo e observando, enfaticamente, a importância dos argumentos para o estabelecimento do sentido destas formas, dentro da situação comunicativa. Com todas estas características reunidas, passamos a classificar as formas verbais em um dos tipos semânticos de verbo propostos por Vendler (1967).

Nossa hipótese inicial a respeito da análise deste plano era que o tipo semântico-lexical do verbo possui relação direta e condicional de alguma forma para o uso do Aspecto perfectivo ou imperfectivo.

6.3.3. Plano Semântico-Discursivo: Interpretação

Na análise do plano semântico-discursivo, observamos a questão da interpretação das sentenças, procuramos verificar como as formas verbais dos Pretéritos Perfeito e Imperfeito do Indicativo devem ser interpretados semântica, discursiva ou pragmaticamente, para que o interlocutor compreenda efetivamente o que está sendo dito na situação comunicativa.

Esta análise do plano semântico-discursivo leva em conta a diferenciação contextual proposta por Moura (apud Coan, 2003).

Procuramos classificar as formas verbais em três fatores de análise, os quais chamamos de:

- a) Interpretação Semântica: compreensão do sentido do verbo no enunciado, com base nos elementos lingüísticos que compõem a sentença.
- b) Interpretação Semântico-discursiva: compreensão do sentido do verbo no enunciado com base nos elementos lingüísticos que compõem a sentença e nos elementos lingüísticos apresentados ao longo do texto.
- c) Interpretação Pragmática: a compreensão do sentido do verbo no enunciado não se dá apenas pelos elementos lingüísticos que compõem a sentença ou pelos elementos lingüísticos do texto, mas também pelo conhecimento de mundo, pela crença ou pela suposição do interlocutor.

Por meio desses fatores, o Aspecto de uma dada forma verbal é demonstrado além da estrutura do enunciado, isto é, apresenta-se também no nível pragmático-discursivo por meio de mecanismos lingüísticos utilizados pelo falante. Esta categoria pode sofrer modificações quanto ao seu comportamento semântico-pragmático, pois se apresenta sob o ponto de vista particular e interno da ação verbal. Logo, o significado de uma forma verbal, quanto ao seu Aspecto, modifica-se de acordo com os fatores situacionais, as intenções e a estrutura do discurso.

Nossa hipótese inicial é de que, entre os três tipos de interpretação, há uma maior quantidade de formas que necessitam da interpretação semântico-discursiva, principalmente aquelas que atualizam o Aspecto Perfectivo.

6.3.4. Plano Textual-Discursivo: Figura/ Fundo

No plano textual-discursivo, observamos como fator de análise a correlação *figura* e *fundo*, desenvolvida por Hopper e Thompson (1980). Classificamos as formas verbais em *figura* ou *fundo*, de acordo com o plano textual em que a forma verbal se localizava e que papel esta desempenhava na configuração espacial do texto.

Este parâmetro serviu para verificarmos a função dos Pretéritos Perfeito ou Imperfeito do Indicativo, no que diz respeito à organização dos eventos no texto, bem como o tipo de Aspecto que o falante utiliza para apresentar o fluxo de informação.

Inicialmente, temos a hipótese de que os planos textual-discursivos, *figura* e *fundo*, determinam o Aspecto verbal utilizado na composição do texto. Assim, acreditamos que o Pretérito Perfeito (Aspecto Perfectivo) aparece mais em construções verbais caracterizadas como *figuras* e que o Pretérito Imperfeito (Aspecto Imperfectivo) aparece mais em formas verbais caracterizadas como *fundo*.

7. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

De acordo com os fatores de análise e os requisitos de pesquisa já expostos anteriormente, foi coletada do *corpus* PORCUFORT, e utilizada para esta análise, a quantidade de dados descrita nas tabelas abaixo:

Tabela 1: Quantidade de dados da pesquisa

Inquéritos	D2 02	D2 45	DID 08	DID 06	EF 17	EF 156
Total de dados por inquérito	429	299	229	259	136	102
Total de dados por tipo de inquérito	728		488		238	
Total geral de dados	1454					

Tabela 2: Quantidade de Perfeito e Imperfeito por inquérito

Inquéritos	D2 02	D2 45	DID 08	DID 06	EF 17	EF 156
Total de Perfeito	298	150	171	131	92	70
Total de Perfeito por tipo de inquérito	448		302		162	
Total de Imperfeito	131	149	88	98	44	32
Total de Imperfeito por tipo de inquérito	280		186		76	
Total geral de dados	1454					

Conforme a tabela 1, tivemos um total de 1454 dados, sendo que 728 destes são de inquéritos do tipo Diálogo entre dois Informantes (D2), 488 dados foram encontrados em Diálogos entre Informante e Documentador (DID) e 238 dados nas Elocuções Formais (EF).

Vale ressaltar que a quantidade de dados em inquéritos do tipo Diálogo entre dois informantes é bem maior, pois foram coletadas as formas verbais de todos os informantes envolvidos na situação comunicativa. No caso dos inquéritos do tipo Diálogos entre Informante e Documentador (DID), somente as formas dos Pretéritos Perfeito e Imperfeito do Indicativo produzidas pelo informante foram computadas, as do documentador serviram apenas para análise da interpretação dos Pretéritos Perfeito e Imperfeito do Indicativo quando da análise do plano semântico-discursivo.

Os dados coletados são de situações diferenciadas, tanto formais, como as Elocuções formais, que são dados gravados durante aulas expositivas; quanto informais, como a conversa entre dois colegas de trabalho ou entre duas amigas.

Conforme a tabela 2, em todos os tipos de inquéritos, houve uma quantidade maior de ocorrências no Pretérito Perfeito. Esta diferença se deu mais acentuadamente nas formas de inquéritos do tipo Diálogo entre dois Informantes (D2). Em D2 45, por exemplo, a diferença entre a quantidade de Perfeito e Imperfeito é de apenas 1 ocorrência. Já em D2 02 esta diferença é de 167 ocorrências.

Não foi contabilizado, neste levantamento, o tempo de duração de cada inquérito, isto porque, em alguns inquéritos, o tempo de gravação não corresponde ao material transcrito, do qual tiramos as ocorrências para análise. Um exemplo disso é o caso do inquérito EF 17. O tempo de gravação deste inquérito é de 60 (sessenta) minutos, entretanto, se compararmos com o inquérito D2 45, que também possui 60 (sessenta) minutos de gravação, EF 17 possui pouca transcrição, não encerra o assunto abordado, e possui a menor quantidade de dados de todo o nosso corpus.

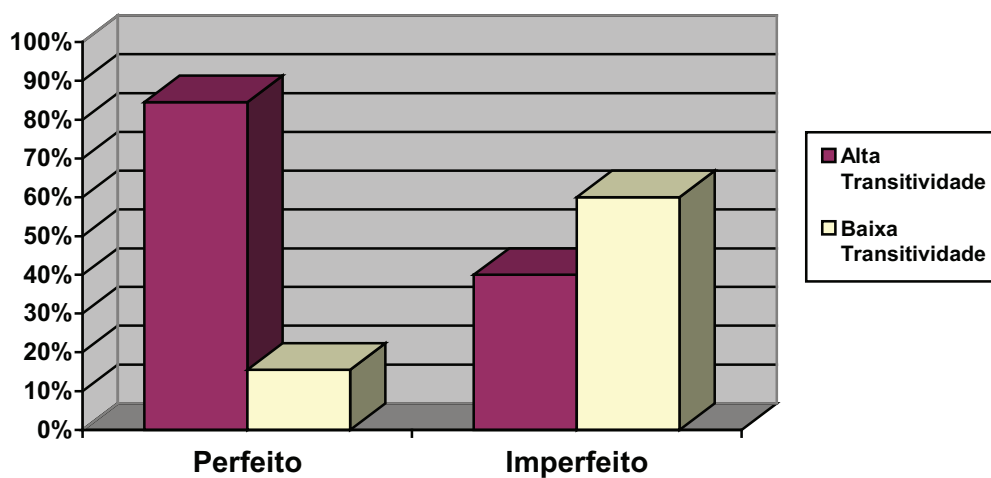
7.1. ANÁLISE QUANTO AO NÍVEL DE TRANSITIVIDADE

Em todo o *corpus*, foram observados, de acordo com nossos critérios de análise, 1454 dados. Considerando-se apenas formas verbais cujo valor na aplicação de parâmetros indicadores de alta transitividade estivesse numa escala de 0 a 4 ocorrências (baixa transitividade) ou de 6 a 10 ocorrências (alta transitividade), temos como dados válidos, para medir o nível de transitividade dos enunciados, um total de 1246 dados, sendo estes 774 formas do Perfeito e 472 formas do Imperfeito.

Somam-se 208 ocorrências, 14,3% do total, de formas do Perfeito e do Imperfeito com ocorrências de 05 parâmetros indicadores de transitividade, ou seja, um valor médio, em termos estatísticos, que não poderia determinar o alto ou baixo nível de transitividade da sentença.

A seguir apresentamos o gráfico 1, que nos mostra percentual de transitividade em formas dos Pretéritos Perfeito e Imperfeito do Indicativo.

Gráfico 1: Nível de transitividade em formas do Perfeito e do Imperfeito

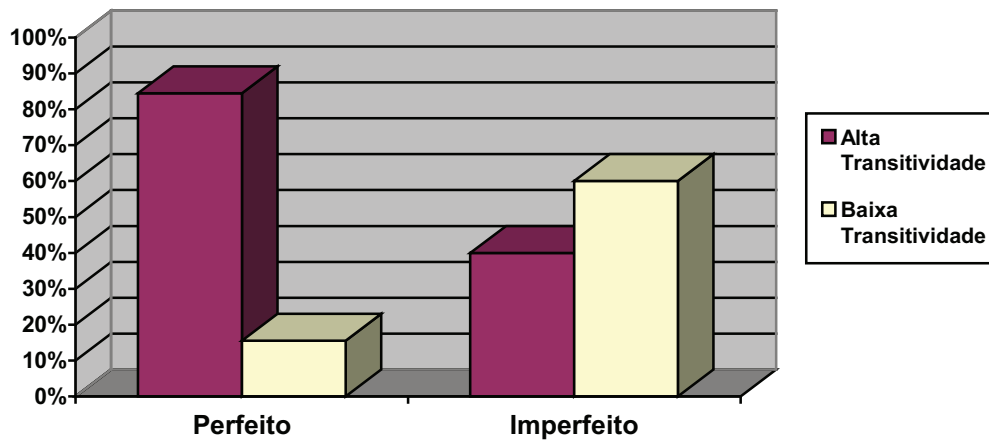


Dentre as 774 formas de Perfeito válidas, apenas 120 delas, 15,5%, apresentaram um quadro de baixo nível de transitividade, ou seja, 0 a 4 parâmetros indicadores de transitividade. Já as formas de Perfeito que apresentaram um maior número de parâmetros necessários para determinação da alta transitividade, ou seja, 6 a 10 parâmetros, somam 653 ocorrências, um percentual de 84,4% do total de formas do Perfeito válidas.

Já a maioria das 472 formas do Imperfeito válidas, 283 ocorrências, 59,9% do total, apresenta um baixo nível de transitividade. Do total das formas do Imperfeito válidas, apenas para 189 ocorrências, 40,1%, aplicam-se de 6 a 10 parâmetros, ou seja, apresentam uma quantidade de parâmetros suficiente para que seja determinada a alta transitividade.

Assim, numa totalidade de 1246 dados válidos analisados nesta pesquisa, entre formas do Perfeito e do Imperfeito, obtivemos 403 casos (32,3%) de baixa transitividade e 842 casos (67,7%) de alta transitividade. Dessa forma, temos o seguinte gráfico:

Gráfico 2: Nível de transitividade em dados válidos (%)



A exemplo dos resultados obtidos por Rodrigues et al. (1996), neste parâmetro, em análise de dados do Projeto NURC, nossos resultados mostram que, também, em dados do português culto falado em Fortaleza, as formas simples do Pretérito Perfeito do Indicativo tendem a possuir um maior grau de transitividade e, por isso, tendem a ser mais usadas pelos falantes do que as formas simples do Pretérito Imperfeito, mais freqüentemente, formas de baixa transitividade. Vale lembrar, aqui, que a diferença entre os níveis de transitividade é mais saliente em inquéritos do tipo Diálogo entre Informantes (D2).

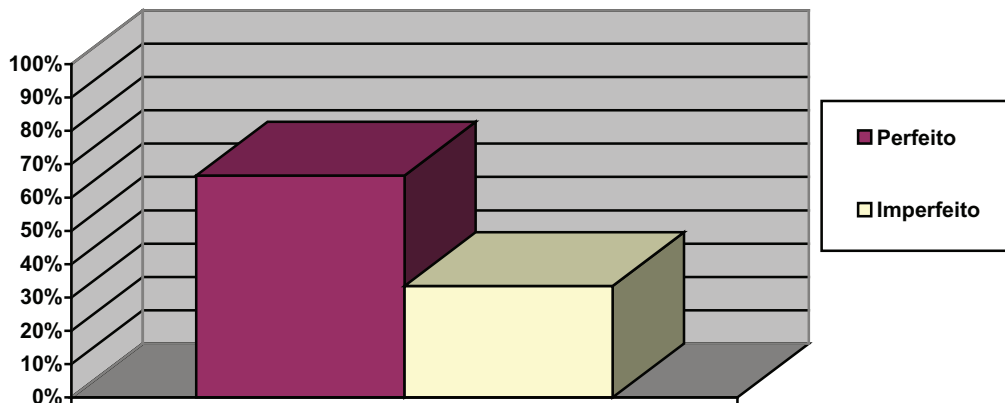
Em seguida, enumeramos os dados de Pretérito Perfeito e Imperfeito do Indicativo, de acordo com os dez parâmetros de análise da transitividade, quais sejam: Número de Participantes, Cinese, Aspectualidade, Pontualidade, Volitividade, Polaridade, Modalidade, Agentividade, Afetamento do Objeto e Individuação do Objeto. Assim, pretendemos mostrar quais parâmetros se aplicam com maior freqüência ao Pretérito Perfeito e quais ao Pretérito Imperfeito. Logo, podemos observar com qual forma verbal há maior transitividade na sentença e, conseqüentemente, no discurso.

7.1.1. Quanto ao número de argumentos

O primeiro parâmetro de transitividade, estabelecido por Hopper e Thompson (1980), em seus estudos, diz respeito ao número de argumentos. Isto é, podemos definir o nível de transitividade de uma dada sentença a partir da quantidade de argumentos que o verbo desta sentença possui. É necessário que a forma verbal possua, pelo menos, dois argumentos para ser considerada de alta transitividade. Isso ocorre porque, segundo os autores, quanto maior o

número de argumentos de uma sentença, maior será a possibilidade de transferência da ação de um participante para outro e, portanto, maior será a transitividade no discurso. Considere-se, portanto, o gráfico a seguir:

Gráfico 3: Ocorrência de Perfeito e Imperfeito quanto à presença de dados com dois ou mais argumentos (%)



Segundo Rodrigues et al (1996), as formas do Imperfeito tendem a ter menos argumentos que as formas do Perfeito. Nosso estudo demonstrou que, dos 1454 dados analisados, 999 dados, ou seja, 68,7%, apresentaram dois ou mais argumentos. Deste total, 664 formas do são do Perfeito, 66,5%. Já das formas do Imperfeito encontradas, somam-se 335 casos que possuem mais de um argumento, ou seja, apenas 33,5%. Com isso, pudemos verificar que as formas do Perfeito tendem a possuir um maior número de argumentos e, portanto, um maior grau de transitividade que as formas do Imperfeito. Vejamos o exemplo a seguir:

(30) (...) **tinha** a Escola Normal...que era das mulheres... **tinha** duas Escola Normal a Escola Normal LÁ da Treze de Maio e o Justiniano de Serpa né? e **tinha** outros colégio o Lourenço Filho o Castelo o Sete de Setembro época os colégio num enricavam de uma vez toda **tinha** concorrente (...)

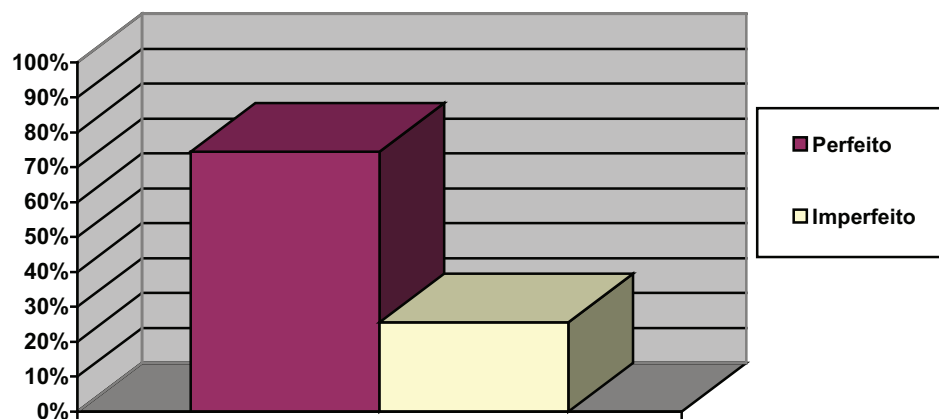
(Inq. D2 45)

No exemplo (30) acima, podemos observar algo muito recorrente no decorrer da análise, verbos de estado como *ter* ou *haver*, que apresentam um menor número de argumentos devido à ausência do Argumento 1²³, geralmente aparecem na forma do Imperfeito.

7.1.2. Quanto à cinese

O segundo parâmetro de transitividade abordado nesta análise diz respeito à Cinese, ou seja, refere-se à característica do verbo em expressar ou não uma ação. Vejamos os resultados no gráfico abaixo:

Gráfico 4: Ocorrência de Perfeito e Imperfeito em formas verbais que denotam ação (%)



Dos 1454 casos analisados, 919 possuem formas verbais indicativas de ação, ou seja, 63,2% dos dados. Foram encontradas 684 formas do Perfeito que possuem caráter de ação, ou seja, 74,4% do total. Já no Imperfeito, 235 formas possuem esta característica, ou seja, apenas 25,6% das formas de Imperfeito analisadas possuem verbos que denotam ação. Com isso, podemos concluir que a ação tende a ser codificada pelo Perfeito. Vejamos o exemplo a seguir:

(31) (...) falar nisso A. eu **fui** com o M. lá na na...loja do menino do...()...aí **tinha** um Cruzeiro de mil novecentos e cinqüenta e três a coroação da rainha Elisabeth né?
(Inq. D2 45)

²³ Argumento1 considerado, neste estudo, como o sujeito da sentença.

O exemplo (31) aponta-nos um dos casos encontrados no *corpus* em que a forma do Pretérito Perfeito designa a ação de *ir*, pressupõe locomoção ou movimento, ao passo que o verbo *ter* no Pretérito do Imperfeito indica existência.

7.1.3. Quanto ao Aspecto

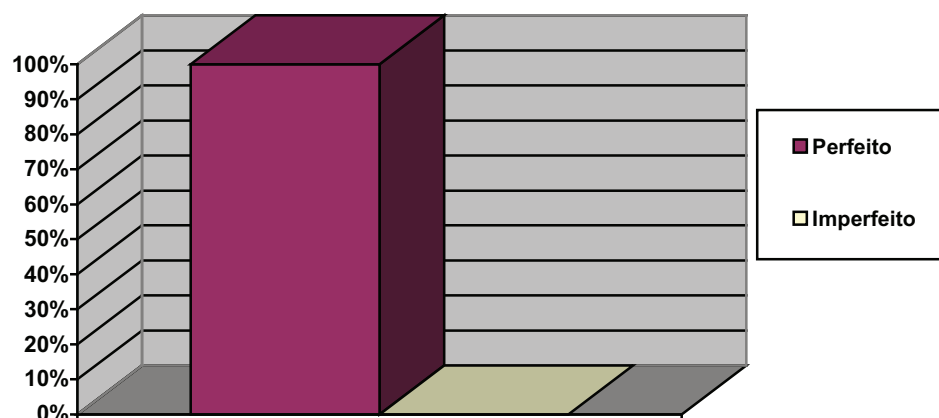
O terceiro parâmetro abordado neste estudo é o Aspecto da forma verbal, ou seja, refere-se à idéia de completude da ação. Aqui, confirmamos ainda o estudo de Comrie (1976) em relação ao Aspecto das formas verbais, e consideramos este parâmetro como uma propriedade relativa à estrutura temporal inerente às situações expressas pelo verbo.

Uma forma verbal é considerada télica ou perfectiva quando sua ação foi acabada, e isso ocorre geralmente nos casos de Pretérito Perfeito. Já uma forma verbal é considerada atélica, quando sua ação esteve em processo no passado e não foi acabada em relação ao ponto de referência, como é o caso das formas do Pretérito Imperfeito.

Como dito anteriormente, durante o processo de análise dos dados, contabilizamos a quantidade de parâmetros indicadores de transitividade nas formas verbais. Segundo os autores nos quais nos fundamentamos, Hopper e Thompson (1980), uma forma verbal só possuirá um alto nível de transitividade se for télica, ou seja, se possuir o Aspecto Perfectivo, o que ocorre com formas do Pretérito Perfeito.

Assim, o fato de não haver nenhuma ocorrência do parâmetro indicador de alta transitividade (telicidade ou perfectividade) nas formas do Pretérito Imperfeito, conforme o gráfico abaixo, dá-se porque, neste tempo, todas as formas encontradas no *corpus* são atélicas, e por isso não entraram na contagem de dados da presente pesquisa. Vejamos o gráfico:

Gráfico 5: Ocorrência de formas verbais que denotam Aspecto Perfectivo (%)



Em um total 1454 dados coletados, 912 apresentaram o Aspecto Perfectivo. Com uma observação no gráfico, concluímos, então, que 62,7% dos dados apresentam formas do Pretérito Perfeito e características de telicidade. As formas do Imperfeito estão possuem 0 ocorrência, pois não foram contabilizadas, por não possuírem o parâmetro do Aspecto como indicador de transitividade. A título de ilustração, considere-se um exemplo de forma perfectiva:

(32) (...) no Departamento de Transporte eu **passei** uns três anos...

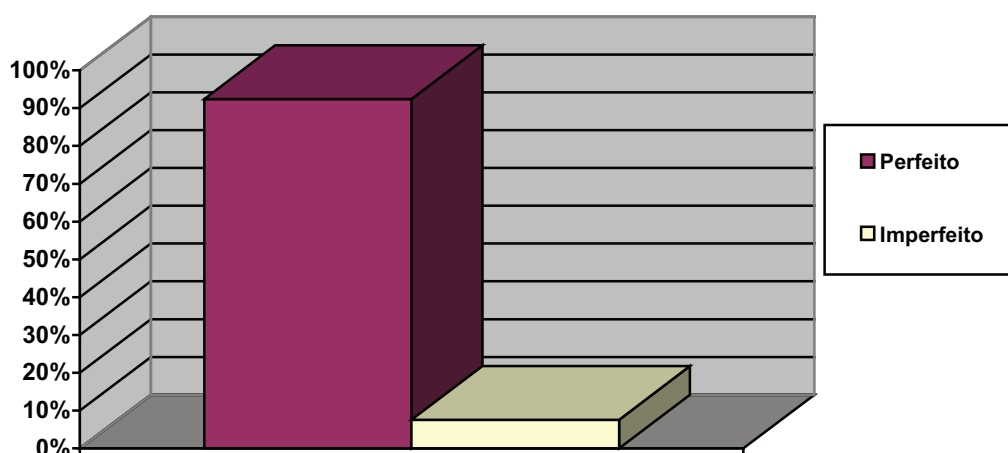
(Inq. D2 45)

Em (32), podemos observar uma forma verbal perfectiva, cujo valor de telicidade encontra-se no término da ação de *passar*, delimitada pelo circunstanciador temporal.

7.1.4. Quanto à pontualidade

O quarto parâmetro diz respeito à pontualidade. O nível de transitividade é maior em ações pontuais, pois a ação ocorre instantaneamente, isso porque o momento em que a ação se dá e o momento em que o objeto recebe a ação são os mesmos. Vejamos o que ocorre em se tratando de Perfeito e Imperfeito no gráfico abaixo:

Gráfico 6: Ocorrência de Perfeito e Imperfeito em formas verbais que denotam pontualidade (%)



Da totalidade de dados observados, 276 formas verbais, ou seja, apenas 18,9% atenderam ao parâmetro da pontualidade, sendo a maioria destas formas do Pretérito Perfeito.

Dos dados que atenderam à presença deste parâmetro, 255 formas que registraram um maior nível de transitividade no que diz respeito à pontualidade são do Perfeito, ou seja, um percentual de 92,4%. No Imperfeito, apenas 21 formas apresentaram alto nível de transitividade no que diz respeito à pontualidade, ou seja, um baixo percentual de 7,6%. Isso indica que as formas do Perfeito têm uma maior tendência a serem pontuais, e, conseqüentemente, mais transitivas, do que as formas do Imperfeito. Vejamos o exemplo abaixo:

(33) (...) a igreja **caiu** e... eu **morava** de perto só **vi** foi o estrondo da... **parecia** hoje uma imPLOsão né?

(Inq. D2 45)

Em (33), as formas do Perfeito, *caiu* e *vi*, apontam para uma ação pontual, ou seja, aconteceram, naquele dado momento, sem uma fase de transição ou duração maior. Já as formas do Imperfeito, *morava* e *parecia*, apontam para uma ação mais duradoura, envolvem um maior espaço de tempo, não denotam pontualidade e, portanto, possuem baixa transitividade no que diz respeito a esse quesito.

(34) (...) quando a mamãe **comprou** esse apartamento aQUI... o pessoal tudo **dizia** "não:: num compre não num compre que num vai valorizar...

(Inq. D2 02)

O primeiro verbo de (34), *comprou* demonstra um evento pontual e compacto; já o segundo verbo, *dizia*, denota um evento durativo, o qual requereu um ponto de referência explícito no eixo temporal, que foi a sentença com a forma perfectiva.

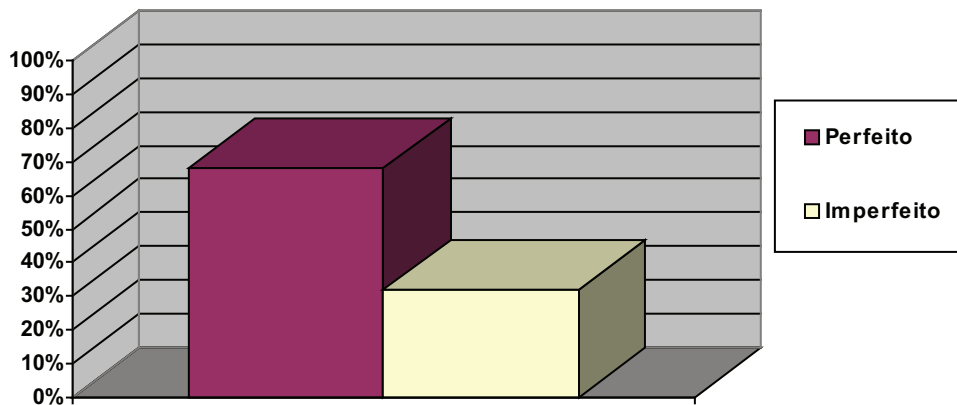
7.1.5. Quanto à volitividade

O quinto parâmetro de transitividade utilizado nesta análise trata da volitividade presente nas formas verbais. Uma forma com um maior nível de transitividade é aquela em que há a intenção ou o propósito por parte de um agente em praticar a ação do verbo. Já o baixo nível de transitividade ocorre quando não é definida, na forma verbal e no discurso, esta intenção.

Do total de dados analisados, neste estudo, 839 formas verbais, ou seja, 57,7% apresentaram alto nível de transitividade com relação ao parâmetro da volitividade. 573 formas do Perfeito manifestaram volitividade, ou seja, 72,7% do total. Já no Imperfeito, 266

formas apontaram para um alto nível de transitividade, através da volitividade, ou seja, um percentual de 33,7%. Logo, podemos observar que a volitividade é um parâmetro válido mais freqüentemente em formas do Perfeito que em formas do Imperfeito, como ilustra o gráfico 7.

Gráfico 7: Ocorrência de Perfeito e Imperfeito em formas verbais que apontam volitividade (%)



As formas do Perfeito tendem a ser mais transitivas, em relação ao propósito de realização, que as formas do Imperfeito. Um exemplo disso pode ser verificado em (35):

(35) (...) esses GRUpos... **sentiam** que... eles tinham... que ser... um ÓR-gão... de representação popuLAR...muitos solDAdos... marinheiros... e outros... **DES-respeiTaram...** os seus oficiais... (...)

(Inq. EF 156)

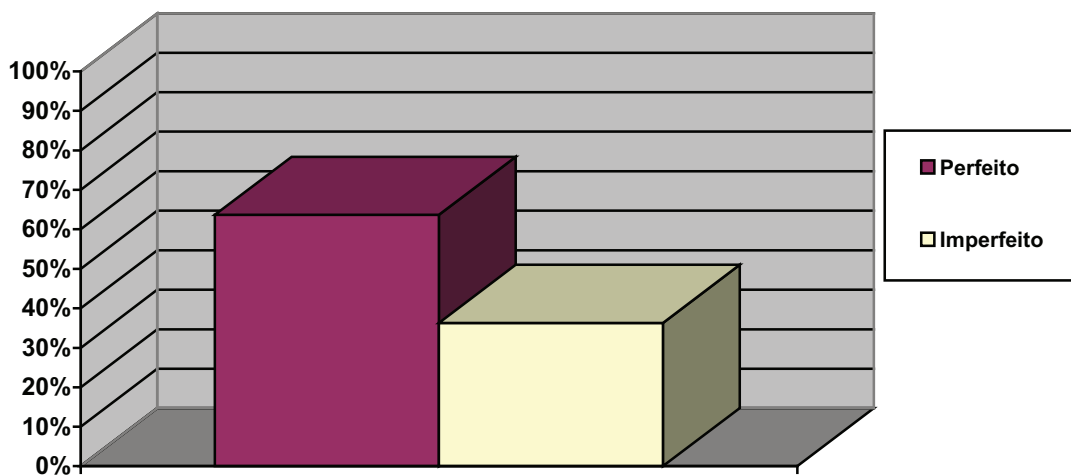
A forma imperfectiva *sentiam* não apresenta um alto grau de volitividade ou de intenção dos grupos em sentir que deveriam fazer algo. Já com a forma verbal perfectiva *desrespeitaram*, há subjacente uma intenção dos marinheiros em não mais respeitar seus oficiais, como forma de luta contra o poder de seus superiores.

7.1.6. Quanto à polaridade

Este parâmetro diz respeito à afirmação ou polaridade das formas verbais. Segundo Hopper e Thompson (1980), quanto mais positiva for a sentença, mais transitividade esta trará para o discurso, pois indica que a ação de fato ocorreu. Já sentenças negativas indicam que as

ações não ocorreram e por isso possuem um baixo nível de transitividade. Como procuramos observar a frequência do maior nível de transitividade, contabilizamos como sendo mais transitivos os casos em que as formas verbais estão em sentenças afirmativas. Durante nossa análise, observamos que tanto formas do Perfeito quanto as do Imperfeito sofrem variações quanto à polaridade. Vejamos o gráfico:

Gráfico 8: Ocorrência de Perfeito e Imperfeito em sentenças afirmativas



Em todo o *corpus*, 87,5% dos dados seriam de alta transitividade, a julgar pelo fato de as sentenças serem afirmativas. Destas formas, um percentual de 63,7% é do Perfeito (811 dados) e 36,3% do Imperfeito (462 dados). Houve um percentual bem mais acentuado de dados de Perfeito em sentenças afirmativas e, portanto, maior transitividade. Logo, conclui-se que, em relação à polaridade, formas de Perfeito manifestam alta transitividade com maior frequência. Os exemplos abaixo ilustram a explicação:

(36) (...) então é uma boa notícia pra nós porque...nós **tivemos** um incremento de:...sideRÚrgico. (Inq. D2 45)

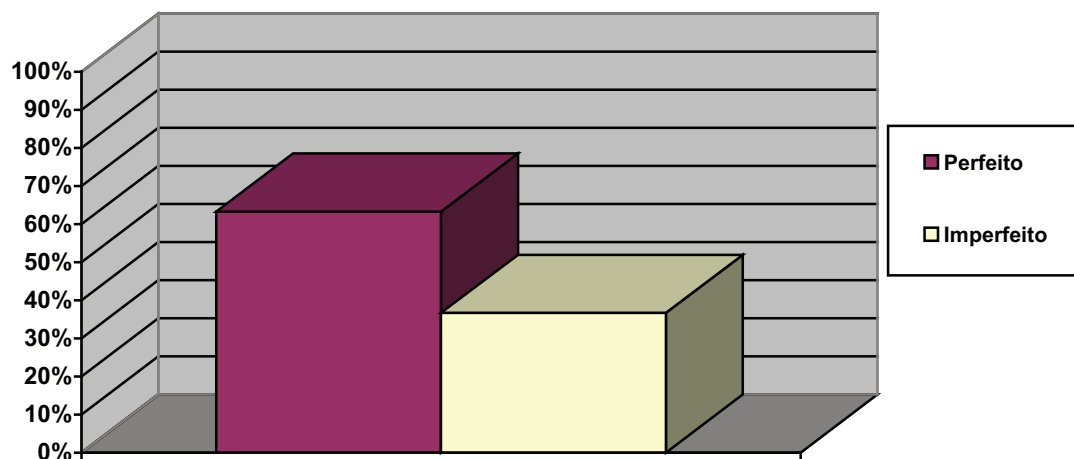
Em (36) temos exemplo de sentença com alta transitividade, pois a polaridade ocorre de forma afirmativa tanto na forma: *tivemos*, do Pretérito Perfeito.

7.1.7. Parâmetro quanto à modalidade

Outro parâmetro de transitividade usado nesta pesquisa foi o do Modo. Este parâmetro diz respeito à ação nos planos: real e irreal. A forma verbal que codifica uma ação no plano irreal é menos efetiva e, portanto, menos transitiva que uma forma que descreve uma ação no plano real. Uma particularidade vista é que, de todos os parâmetros de transitividade utilizados nesta etapa do estudo, este em relação à modalidade real foi o que obteve o maior número de ocorrências, isto porque nos tempos de Pretérito Perfeito e Imperfeito do modo Indicativo, que representam certeza, geralmente as ações verbais possuem um valor real, e foram efetivamente realizadas.

Uma parte dos casos encontrados no *corpus* em que as ações verbais nos tempos de Pretérito Perfeito e Imperfeito do Indicativo possuem valor irreal ocorre em sentenças interrogativas dos inquéritos do tipo D2, isto porque a forma verbal expressa pelo falante na interrogação não possui um valor de efetiva realidade. Passemos, agora, à descrição quantitativa dos dados, no que se refere à modalidade real. Vejamos o gráfico:

Gráfico 9: Ocorrência de Perfeito e Imperfeito quanto ao Modo Real (%)



Dos dados coletados, 1387 formas referem-se a ações reais realizadas no passado, ou seja, um percentual de 95,3% de dados manifesta um alto nível de transitividade com base neste parâmetro; 63,3%, ou seja, 879 destas ações estão nas formas verbais do Perfeito e 36,7%, 508 formas, estão no Imperfeito. Isto comprova as conclusões alcançadas nos estudos de Hopper e Thompson (1980), que mostraram que formas do Perfeito tendem a ser mais

transitivas por apresentarem ou “codificarem” um maior grau de realidade que formas do Imperfeito. Um exemplo disso pode ser verificado, ainda, em (37):

(37) (...) aí eu **disse** que tinha sido em Engenheiro Química...aí ela **perguntou** se você **exercia**...na RFFSA a Engenharia Química....

(Inq. D2 45)

As formas verbais perfectivas: *disse* e *perguntou* indicam ações com maior grau de realidade e efetivação do que a forma verbal *exercia*, a qual não apresenta uma idéia de certeza ou de realidade quanto à ocorrência da ação no passado.

7.1.8. Quanto à agentividade

Este parâmetro diz respeito ao potencial de agentividade de um participante na transferência de uma ação para outro participante. Assim, um participante com alto potencial de agentividade pode transferir uma ação de tal maneira que um participante com menor potencial de agentividade não pode. Logo, quanto maior o potencial de agentividade de um participante, maior o grau de transitividade da sentença. Considere-se o exemplo:

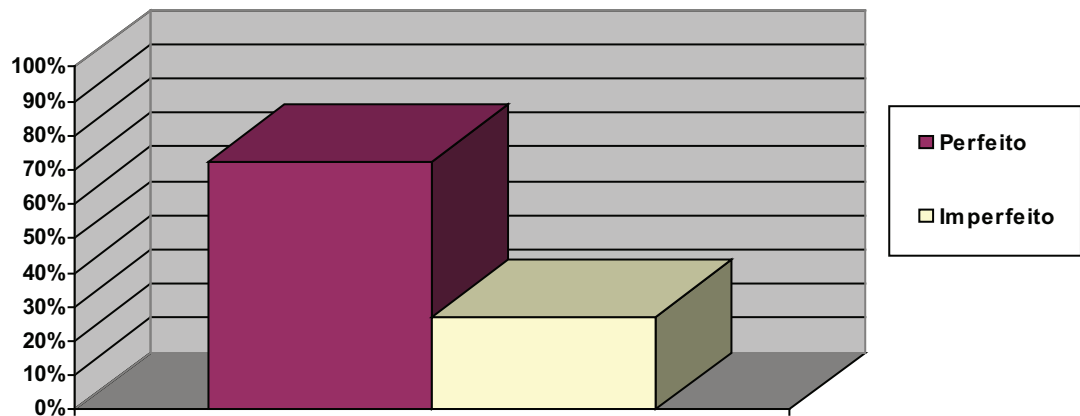
(38) (...) ele **trancava** muito a juventude...

(Inq. D2 45)

Em (38), podemos observar que, embora o verbo esteja no Pretérito Imperfeito, o Argumento 1 (sujeito) *ele* possui um alto poder de agentividade em relação a A2 (objeto) *a juventude*, pois, segundo a sentença, o sujeito a tranca, ou seja, a impede de fazer algo. Logo, podemos afirmar que, do ponto de vista da Agentividade, esta sentença possui alta transitividade, devido ao alto valor agentivo dado ao sujeito.

Na análise dos dados, conforme o gráfico 10 abaixo, verificamos a presença de 836 formas cujo participante A1 (Argumento 1) possuía um maior potencial de agentividade, ou seja, 57,4% do total de dados analisados possuem um maior grau de agentividade e, conseqüentemente, de transitividade. Deste total, foram encontradas 612 formas, ou seja, 72,2% do Perfeito; e 224 formas do Imperfeito, apenas 36,7% do total. Logo, concluímos que o caráter mais agentivo do Argumento 1 (Sujeito) ocorre mais com formas no Perfeito.

Gráfico 10: Ocorrência de Perfeito e Imperfeito quanto à presença de Agentividade (%)



7.1.9. Parâmetro quanto ao afetamento do objeto

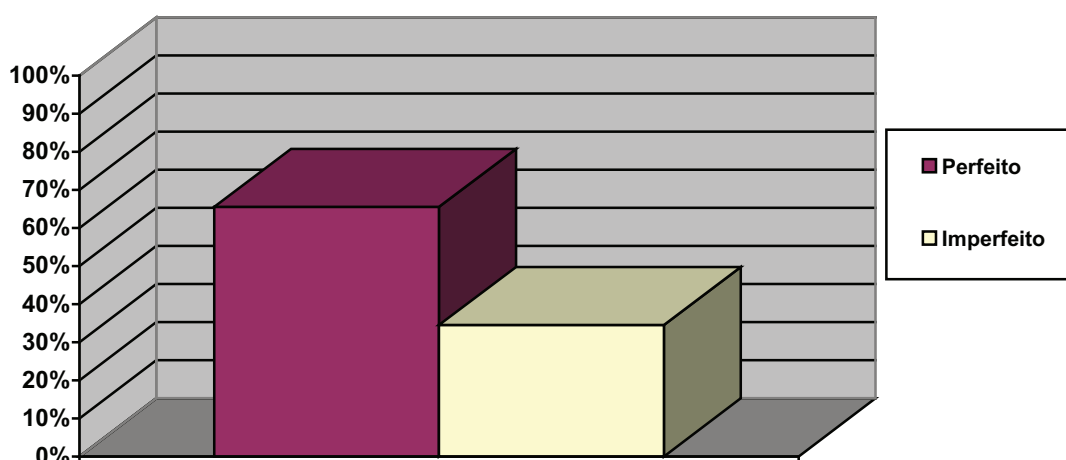
O parâmetro quanto ao Afetamento do Objeto trata do nível de transitividade de uma ação transferida de um sujeito a um objeto. Será mais transitiva a ação em que o objeto é afetado completamente. Em nossa análise, consideramos, ainda, com um maior nível de transitividade as sentenças que apresentam mudanças físicas e espaciais sofridas pelo objeto, no momento em que a ação verbal é executada.

- (39) Antônio SA-les... **desenrolou** o programa e **leu** a carta a Ramalho... que é o Ramalho Orti-GÃO... (Inq. EF 156)

Em (39), temos um enunciado com características que apontam para um alto nível de transitividade, pois a forma verbal *desenrolou* provoca a mudança física sofrida pelo objeto *programa*. O mesmo ocorre com a forma *leu*, pois o objeto a carta sofre a ação de ser lida pelo sujeito Ou seja, ambos os objetos foram totalmente afetados pela ação do sujeito, *Antonio Sales*.

Quanto aos resultados quantitativos deste parâmetro, observemos, inicialmente, o gráfico 11.

Gráfico 11: Ocorrência de Perfeito e Imperfeito quanto à presença de Afetamento do Objeto (%)



Na totalidade de dados do *corpus*, houve apenas 460 ocorrências deste parâmetro, ou seja, apenas 31,2% do total de dados coletados. Conforme o gráfico, deste total, 301 formas do Perfeito apresentaram Afetamento do Objeto, ou seja, 65,5% do total das ocorrências. Apenas 159 formas, 34,5% das ocorrências, são formas do Imperfeito. Isto nos leva a observar que é mais freqüente a ação de uma forma verbal no Pretérito Perfeito afetar completamente o objeto do que a ação de uma forma verbal no Pretérito Imperfeito. Podemos verificar exemplo disso em (40):

(40) (...) ontem mesmo eu **mandei** aquele material da RFFSA

(Inq. D2 45)

Observe que a forma do Pretérito Perfeito *mandei* afeta diretamente o objeto *material*, uma vez que este foi modificado de lugar devido à ação do sujeito.

7.1.10. Quanto à individuação do objeto

Este parâmetro diz respeito à individuação do objeto, ou seja, ao fato de que uma ação poderá ter um nível maior de transitividade quando for mais efetivamente transferida para um paciente (objeto) individuado do que para um objeto não-individuado. Este parâmetro é tratado por Hopper e Thompson (1980) seguindo alguns fatores tais como: próprio x comum;

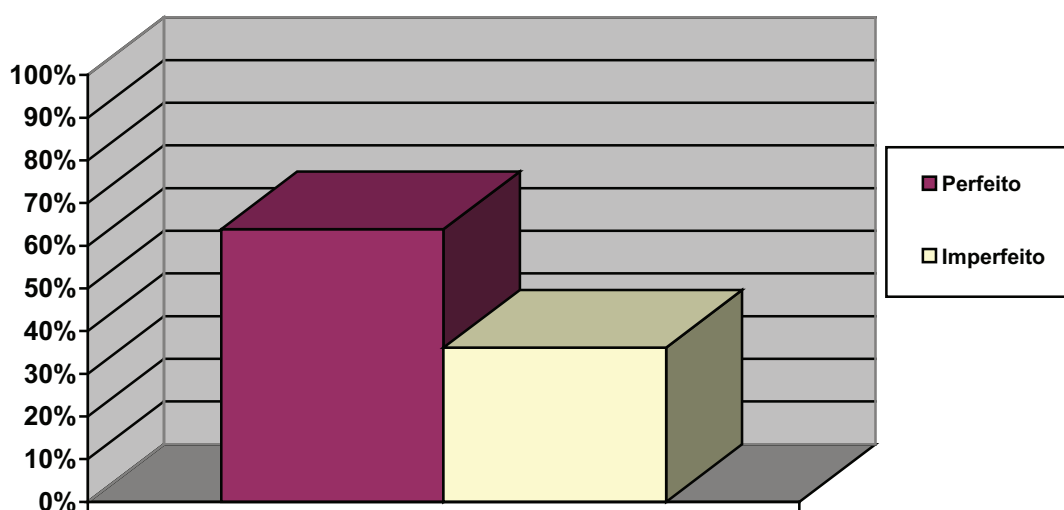
humano, animado x inanimado; concreto x abstrato; singular x plural, contável x incontável e determinado x não-determinado²⁴. Vejamos um exemplo disso.

(41) aí:... sim ah **dispensaram** a Susi né?...

(Inq. D2 02)

Em (41), temos um exemplo de alta transitividade, pois, em relação à individuação do objeto, a sentença atende a todos os traços estabelecidos por Hopper e Thompson (1980), ou seja, o objeto caracteriza-se como próprio, humano, animado, concreto, singular e determinado.

Gráfico 12: Ocorrência de Perfeito e Imperfeito quanto à presença da Individuação do Objeto (%)



Apenas 823 dados coletados apresentaram alto nível de transitividade no que diz respeito à individuação do objeto, ou seja, 56,6% dos dados. Deste total, 63,9%, 526 formas do Perfeito, apresentam alta transitividade. No Imperfeito, 297 formas, 36,1% das ocorrências, apresentaram individuação do objeto. Estes números nos levam a concluir que as formas do Perfeito têm um percentual maior de ocorrência de individuação do objeto que as formas do Imperfeito. Isto confirma que as formas, quando estão no Pretérito Perfeito, têm um maior grau de individuação do objeto, e, conseqüentemente, maior transitividade. Este fato

²⁴ Durante nossa análise de dados, neste parâmetro, observamos os fatores de determinação da individuação do objeto propostos por Hopper e Thompson (op. cit), entretanto, para a individuação dos objetos nos dados, os objetos considerados não necessariamente deveriam atender a todos os fatores da proposta. Assim, em uma dada ocorrência observávamos se o objeto em estudo atendia, no mínimo, a três fatores para que fosse considerado individuado e indicasse um maior nível de transitividade.

pode ser relacionado com outros parâmetros já expostos, tais como a cinesia e a pontualidade. Por exemplo:

(42) A gente se **conheceu** por telefone...

(Inq. DID 08)

Quando o entrevistado é interrogado pelo documentador como ele e sua esposa se conheceram, o mesmo responde conforme (42). Neste exemplo a forma verbal *conheceu* apresenta-se como tética, pontual e individua o objeto, já, pressupostamente, citado na fala do documentador. Ou seja, formas pontuais e que apontam ação são dotadas de alta transitividade e, geralmente, requerem um objeto individuado para que a ação seja efetivamente completa ao atingi-lo. Logo, são dotados de alta transitividade os objetos mais individuados, os quais estão mais presentes, segundo a análise, em formas perfectivas.

7.1.11. Considerações gerais sobre os parâmetros de transitividade

Em resumo, para uma melhor verificação a respeito do nível de transitividade nos dados, enumeramos, nos gráficos abaixo, o percentual de ocorrência de cada um dos parâmetros utilizados para a análise, considerando-se o total geral de ocorrências, no 1º gráfico; o total de formas do Perfeito, no 2º gráfico; e o total de formas do Imperfeito, no 3º gráfico.

Gráfico 13: Ocorrência dos parâmetros de transitividade em todos os dados (%)

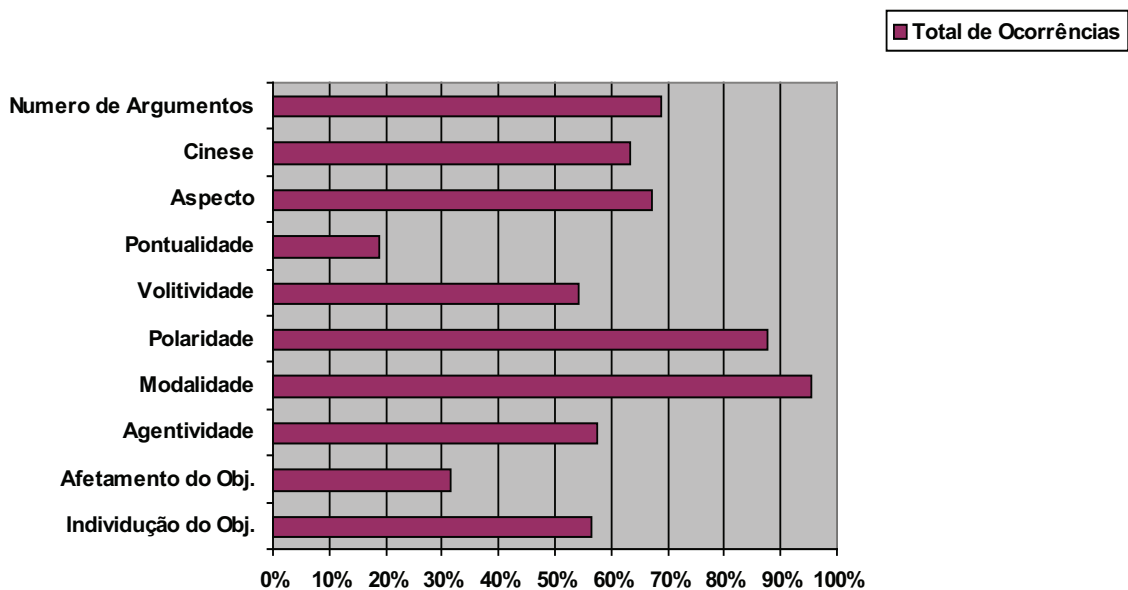


Gráfico 14: Ocorrência de ocorrências dos parâmetros de transitividade em dados do Perfeito (%)

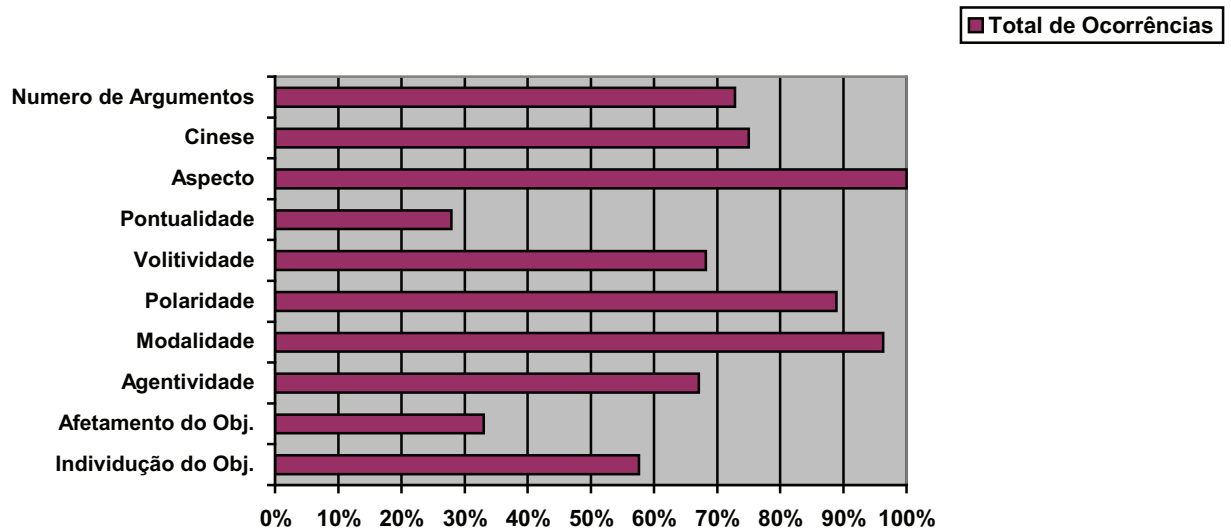
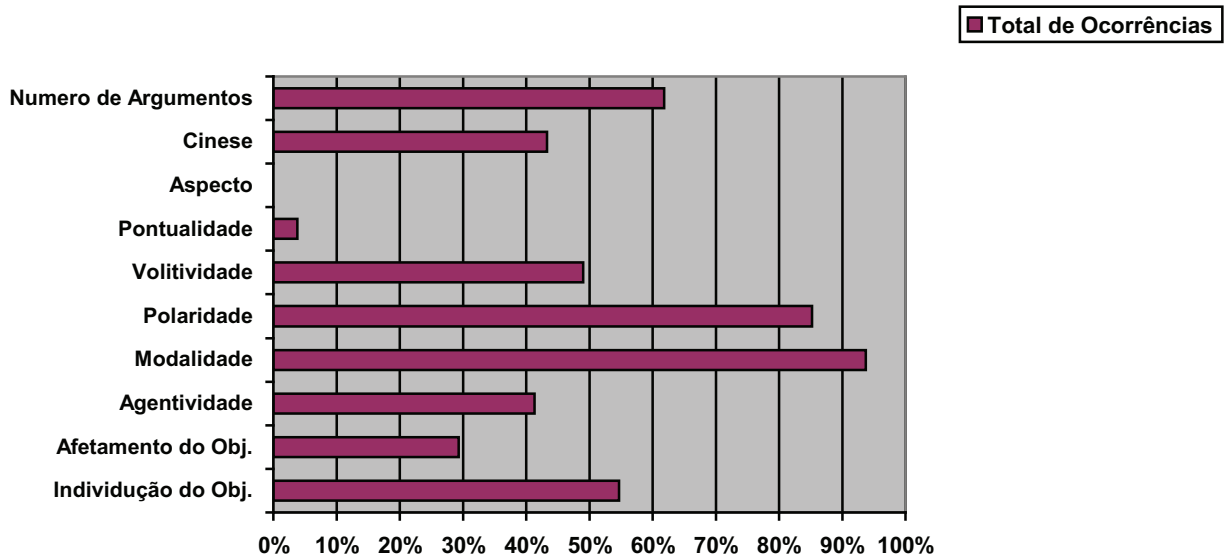


Gráfico 15: Ocorrência dos parâmetros de transitividade em dados do Imperfeito (%)



A ocorrência de dois ou mais argumentos dá-se em mais de 60% do total das formas analisadas. Entretanto, a diferença entre formas de Perfeito e de Imperfeito não é tão contrastante. Este parâmetro ocorre em 72,8 % das formas de Perfeito, e em 61,8% das formas de Imperfeito.

Conforme os gráficos 14 e 15, os parâmetros cujo percentual entre formas do Pretérito Perfeito e do Pretérito Imperfeito é mais contrastivo são Cinese e Pontualidade.

Com relação à Chinesa, isto ocorreu porque os verbos do Pretérito Perfeito do Indicativo encontrados traziam consigo a idéia de movimento. Contrário a isso, a maior parte dos verbos do Pretérito Imperfeito do Indicativo encontrada traziam consigo a idéia de estaticidade, uma vez que, em sua maioria, eram verbos semanticamente classificados com estado.

No que diz respeito à diferença de percentual entre formas do Perfeito e do Imperfeito no parâmetro da Pontualidade, atribuímos isto ao fato de que formas pontuais são, geralmente, expressas no Pretérito Perfeito, pois neste tempo há menos duração entre início e fim da ação verbal; o que não ocorreria com formas do Pretérito Imperfeito do Indicativo, cuja principal característica é a duração do evento ao longo do tempo.

Vale ressaltar, ainda, o percentual de 100% de formas no parâmetro do Aspecto, no qual foram consideradas apenas formas do Pretérito Perfeito do Indicativo, uma vez que, apenas neste tempo, as formas possuem alta transitividade, devido ao seu caráter + télico. O percentual de formas do Imperfeito, neste parâmetro, é de 0%.

O parâmetro da Volitividade encontra-se em mais de 60% das formas de Perfeito, e em mais de 40% das formas do Imperfeito. Isto nos indica que, quando o falante pretende dar propósito à ação expressa pela forma verbal, este opta mais por formas no Pretérito Perfeito.

Os parâmetros com maior ocorrência em todo o corpus analisado são Polaridade e Modalidade. Nestes também são menos salientes as diferenças de percentual de ocorrências entre formas do Pretérito Perfeito e do Pretérito Imperfeito.

Quanto ao parâmetro da Polaridade, isto ocorre porque uma sentença afirmativa não pressupõe, necessariamente, a opção do falante por um determinado tempo e, conseqüentemente, por um determinado Aspecto verbal. Os dados revelam que a polaridade não condiciona o uso de uma ou outra forma, ou seja, não influencia na escolha pelo Pretérito Perfeito ou Imperfeito.

Quanto ao parâmetro da Modalidade, o que ocorre é que ambos os tempos em análise possuem, em sua maioria, formas verbais do tipo *realis*, uma vez que pertencem ao modo Indicativo, modo este denota idéia de certeza de que as ações foram realizadas.

Os parâmetros com menor percentual de ocorrências são Pontualidade e Afetamento do Objeto.

Segundo nossa análise, quanto à Pontualidade, não há nos dados muitas formas verbais considerados como pontuais, e algumas formas verbais pontuais possuem seu status semântico alterado pelos argumentos e outros elementos lingüísticos que compõem a sentença. Neste parâmetro, a diferença de ocorrências de formas do Perfeito, 27,9%, e do

Imperfeito, 3,8%, é bastante relevante, e nos mostra que a pontualidade está mais ligada a formas perfectivas.

Em relação ao parâmetro do Afetamento do Objeto, há uma baixa ocorrência no total de dados analisados, porque, em alguns casos, o objeto ou Argumento 2 é afetado apenas parcialmente e não totalmente, como é pressuposto pela teoria para que se aplique o parâmetro de alta transitividade. A diferença de ocorrências de formas de Perfeito, 33%, e Imperfeito, 29,3%, neste parâmetro é de apenas 3,7%, o que não caracteriza uma disparidade grande em relação a estes dois tempos.

O parâmetro da Agentividade possui um percentual maior em formas do Perfeito, 67,1% destas, e em formas do Imperfeito, 41,3% destas. O que significa dizer que a agentividade do sujeito sobre o objeto ocorre mais frequentemente com formas de Pretérito Perfeito.

No que diz respeito ao parâmetro da Individuação do Objeto, com o objeto mencionado, a ocorrência de formas do Pretérito Perfeito e do Pretérito Imperfeito é bastante pequena, apenas 2,9%, pois, em ambos os tempos verbais, as ocorrências somam mais de 50%.

Em todos os parâmetros de transitividade analisados até então, os dados com formas do Pretérito Perfeito do Indicativo apresentam-se em maior número de ocorrências, portanto, dotadas de alta transitividade. Logo, devemos considerar que as formas verbais de Pretérito Perfeito, que atualizam o Aspecto Perfectivo, são mais transitivas, ou seja, as informações transitam no discurso de forma mais efetiva.

Isto confirma nossa hipótese inicial de que o tipo de Aspecto verbal de uma forma é determinado ou sofre alterações em seu estatuto semântico-textual, dependendo da composição sintática das sentenças.

7.2. ANÁLISES QUANTO AO PLANO SEMÂNTICO-LEXICAL

Mostramos, na tabela 3, a percentagem de ocorrências de cada um dos tipos de verbos utilizados como fatores de análise neste plano.

Tabela 3: Quantidade de dados por tipo de verbo

Tipos de Verbo	<i>Achievements</i>		<i>Accomplishments</i>		Estados		Atividades	
	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%
Quantidade de dados por tipo de verbo	302	20,8	584	40,1	448	30,8	120	8,3
Total de dados analisados	1454							

Conforme a tabela 3, acima, há nos dados uma maior parte de verbos do tipo *accomplishment*, 40,1%, ou seja, 584 verbos. Isto nos leva a pensar que, na maior parte das vezes, em uma situação comunicativa, o falante opta por marcar a finalização das ações verbais, a fim de objetivar compreensão daquilo que está sendo comunicado, já que os *accomplishments* representam situações que têm um ponto culminante de realização.

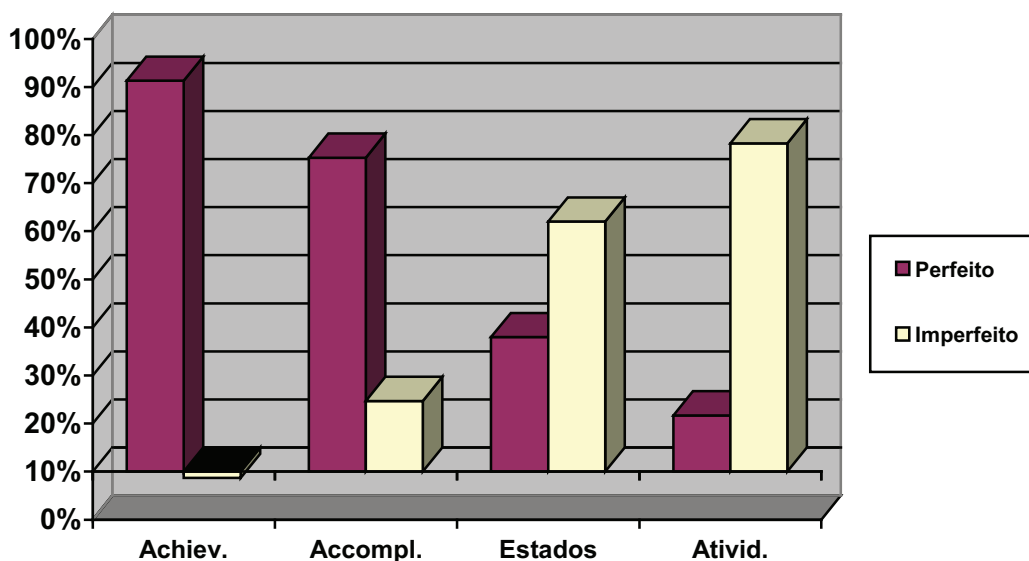
Os estados correspondem a 30,8% dos dados, ou seja, 448 ocorrências. Isto pode ser explicado devido à grande quantidade de verbos *ter* encontrada durante a análise, tanto no sentido de posse, quanto no sentido existencial.

Os *achievements* somam 20,8% do total de dados, ou seja, 302 ocorrências, porque não encontramos, no decorrer do estudo, muitas formas verbais com características de pontualidade.

O menor percentual dos tipos semânticos de verbos encontrado nos dados foi o das atividades, apenas 8,3%, ou seja, 120 ocorrências. Ao contrário dos *accomplishments*, estas não possuem um ponto final, nem argumentos que completam o ciclo expresso pelo verbo, o que, a nosso ver, não dá sinais de objetivação e resultado da ação verbal em um contexto comunicativo. Daí presume-se o menor uso deste tipo semântico nas situações de fala analisadas.

A seguir, apresentamos um gráfico que aponta para as ocorrências dos quatro tipos semânticos de verbo, conforme tipologia proposta por Vendler (1967), levando em conta o percentual de formas dos Pretéritos Perfeito e Imperfeito do Indicativo dentro de cada tipo de verbo.

Gráfico 16: Ocorrência de Perfeitos e Imperfeitos por tipo de verbo (%)



Como já visto na parte teórica deste trabalho, os *achievements*, segundo Vendler (1967), são verbos de ação, cuja culminância é instantânea e pontual. Os *achievements* também são eventos que ocorrem em um único momento. Estes se diferem das atividades por terem um ponto final inerente.

De acordo com o gráfico 16, os *achievements* ocorrem, predominantemente, em formas do Pretérito Perfeito do Indicativo, isto é, em 91,3% das ocorrências analisadas. Isso porque se caracterizam como ações pontuais e não se estendem no decorrer da linha do tempo, o que dificilmente ocorreu com formas do Pretérito Imperfeito do Indicativo, ou seja, em apenas 8,7% das ocorrências analisadas. Considere-se o exemplo abaixo:

(43) (...) logo em seguida **entrei** na Estadual

(Inq. DID 08)

Observa-se que a forma verbal *entrei* é classificado como um *achievement*, uma vez que evidencia uma ação sem a indicação de sua extensão temporal, ou seja, possui um ponto final inerente e instantâneo. A escolha do tipo de verbo revela que o falante quis destacar a entrada em algum lugar, não necessariamente a permanência nele, do contrário teria escolhido outro tipo de verbo, como: “Fiquei na Estadual” ou “Estava na Estadual”.

Os *accomplishments* correspondem a ações em que é possível identificar a culminância de um processo. As eventualidades do tipo *accomplishments* ocorrem em direção a este ponto final inerente.

(44) (...) então os camponeses... **REALizaram**... a reforma... a Reforma AGRÁria...

(45) (...) o sistema parlamentarista... **dissolvia**... o Congresso...

(Inq. EF 17)

Em (44), a forma verbal *realizaram*, caracteriza-se como um *accomplishment*, pois evidencia a idéia de completude e aponta para um ponto final natural do evento determinado pelo objeto *a reforma agrária*. Em (45), a forma *dissolvia* também apresenta um final determinado deste evento, que finaliza o ciclo da ação com o complemento *o congresso*. Além disso, estas formas podem co-ocorrer com advérbios de duração.

Os *accomplishments* podem ocorrer tanto em formas do Pretérito Perfeito, quanto em formas do Pretérito Imperfeito do Indicativo, conforme (44) e (45), respectivamente. Entretanto, se observarmos o gráfico 16, vemos que a maioria das ocorrências de *accomplishments* encontradas no *corpus*, 75,3%, são do Perfeito, e apenas 24,7% são do Imperfeito. Com isso, concluímos que, embora as duas formas simples de Pretérito possam codificar uma ação do tipo *accomplishment*, dentro de uma situação comunicativa, há uma tendência maior de que elas codifiquem formas télicas Perfectivas.

Os estados denotam uma eventualidade que não é uma ação e nem um movimento, e que se mantém por um determinado intervalo de tempo, ocorrendo em todos os pontos deste intervalo e não podendo ser dividido em fases. Como por exemplo, em (46), as formas verbais *houve* e *tivemos* designam situações que se mantêm por um intervalo de tempo, sendo estáticas e durativas.

(46) **HOUve** um desenvolvi-mento... nós **tivemos**... a sociedade escravoCRAta ... depois **tivemos** o mercantiLISmo... nós **tivemos** as oligarquias... o:: sistemas ab-solutistas... **tivemos**... o::s si/ sistemas... de TROpa... **tivemos**... o Êxito da terra no Feudalismo...

(Inq. EF 17)

Durante a análise dos dados, verificamos uma percentagem de ocorrência maior de estados nas formas do Pretérito Imperfeito, ou seja, 62%. As formas de Pretérito Perfeito encontradas, que se caracterizaram como estado, somam apenas 38% do total das ocorrências. Este resultado nos leva a crer que as formas de Imperfeito codificam mais freqüentemente o tipo de verbo estado, que possui caráter durativo e, geralmente, atélico.

As *atividades* são eventualidades diferentes dos estados, pois tem natureza de evento, já que denotam um processo expresso por um verbo de movimento. Elas ocorrem durante um período de tempo, mas não terminam, necessariamente, em um ponto definido.

(47) o povo queria então o povo **faZIA**...

(Inq. EF 17)

No exemplo (47), temos a forma *fazia*, a qual é considerada como *atividade*, pois se caracteriza como situação de duração temporal indefinida, não envolve culminação e co-ocorre com expressões adverbiais durativas do tipo *por um ano*. As atividades têm uma estrutura interna; não constituem um período único, daí sua diferença em relação aos estados.

As atividades encontradas na análise do *corpus* são codificadas em 78,3% dos casos por de formas do Pretérito Imperfeito, e apenas 21,7% por formas do Pretérito Perfeito.

Com isto, observamos que as formas do Imperfeito são bem mais caracterizadoras de verbos do tipo atividades, que não possuem um ponto final definido e remetem a ações de caráter dinâmico e durativo, conforme observamos nas formas verbais *ganhava*, em (48):

(48) (...) eu **ganhava** por Hora quanto mais eu trabalhasse eu **ganhava**.

(Inq. D2 02)

7.2.1. Considerações a respeito do plano semântico-lexical

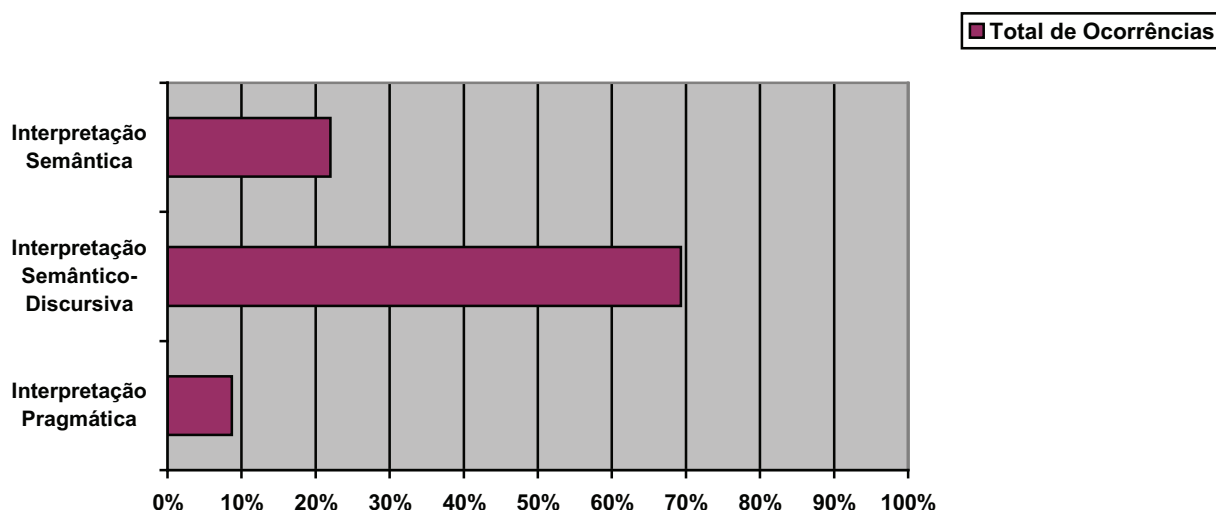
Nossa hipótese inicial a respeito da análise deste plano foi confirmada, à medida que concluímos que o tipo de verbo, no plano semântico-lexical, aponta diretamente para o uso do tipo de Aspecto. As atividades e os estados, por exemplo, em sua maioria, são codificados por verbos no Imperfeito (Aspecto Imperfectivo); já os *achievements* e os *accomplishments* são codificados, na maioria das vezes, por formas de Perfeito (Aspecto Perfectivo). Assim, podemos afirmar que a escolha por parte do falante por uma determinada forma verbal está ligada, também, aos elementos semântico-lexicais desta forma. Entretanto, esta não é uma relação arbitrária, há como vimos uma forte tendência a esta classificação, mas não abrange totalmente todas as ocorrências deste tipo.

7.3. ANÁLISE QUANTO AO PLANO SEMÂNTICO-DISCURSIVO: INTERPRETAÇÃO

Neste plano, o foco de nossa análise são as relações de sentido estabelecidas entre as formas verbais e seus argumentos. Verificamos se a interpretação do enunciado ocorria nos níveis semântico, semântico-discursivo ou pragmático.

No gráfico abaixo, mostramos o percentual de ocorrência dos três tipos de interpretação, considerando-se as formas verbais e seus argumentos.

Gráfico 17: Ocorrência dos tipos de interpretação dos dados (%)



De acordo com o gráfico 17, o tipo de interpretação com o maior percentual de ocorrências é a interpretação semântico-discursiva, 69,3%. Este resultado reflete o fato de que o discurso falado tem seus próprios mecanismos de funcionamento, e um destes mecanismos é a forte “negociação” da palavra. Na maior parte dos dados analisados, o falante se aproveita bastante de informações já ditas anteriormente, através de anáforas, principalmente, para continuar seu discurso. Assim, cabe ao interlocutor retomar essas informações para que compreenda o que está sendo dito.

A interpretação semântica manifesta-se em 22% das formas verbais. Isto ocorreu com muita frequência em informações consideradas novas no discurso, em que a intenção do falante é dar início a um novo tópico discursivo, materializando linguisticamente o que pretende dizer, para daí, serem iniciadas as inferências.

Com o menor percentual encontrado, em apenas 8,7%, aparece a interpretação pragmática. Em muitos desses dados ocorreram gírias e clichês. As pessoas interagem na conversação e, muitas vezes, se utilizam de vocábulos que, à priori, não deixariam clara a compreensão, caso o interlocutor não possuísse um conhecimento de mundo a respeito. Em nenhum dos dados que requereram a interpretação pragmática, parece ter ocorrido quebra de discurso pelo fato de o ouvinte não possuir o conhecimento necessário para a compreensão do que foi dito, ou seja, o falante já pressupôs que seu interlocutor tinha conhecimento necessário

para compreendê-lo. A interpretação pragmática ocorreu mais acentuadamente em inquéritos do tipo Diálogo entre dois Informantes (D2). Isso provavelmente porque, neste tipo de inquérito, os interlocutores pertencem ao mesmo grupo social e possuem relações próximas, o que facilita a compreensão de informações que ultrapassam a estrutura lingüística.

7.3.1. Análise quanto à interpretação semântica

De acordo com Coan (2003), a semântica estuda os aspectos do significado codificados em expressões lingüísticas, o sentido convencional. O contexto semântico é o contexto de ordem lingüística, um contexto que se “materializa” no ato da comunicação. Mas, de acordo com Sperber e Wilson (1995 apud Coan 2203, p. 110), a linguagem externa nem sempre codifica o tipo de informação que os humanos estão interessados em codificar. As representações semânticas codificadas são estruturas mentais abstratas que devem ser inferencialmente enriquecidas. Duas propriedades da comunicação são defendidas: a de ser ostensiva e a de ser inferencial.

Para análise dos dados numa interpretação semântica, foi observada a autonomia de sentido da forma verbal, juntamente com seus argumentos, dentro da sentença, ou seja, se esta consegue trazer, lingüisticamente em si, todo o sentido que pretende expressar, dizemos que sua interpretação é puramente semântica. O sentido dado a este enunciado está em sua própria estrutura lingüística, e não necessita, portanto, de relações com o contexto ou com o conhecimento de mundo do ouvinte, para que possa ser compreendido.

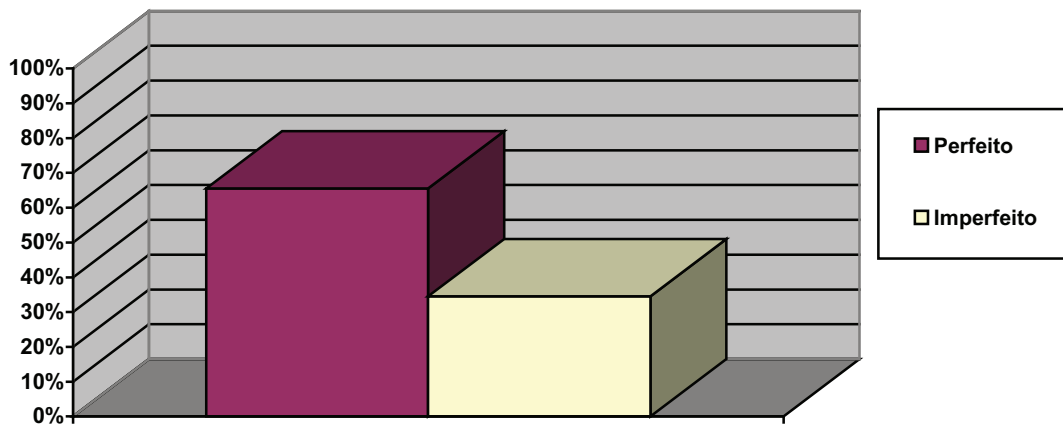
(49) (...) eu **tinha** uma casa de boneca...

(50) Carlim sempre **morou** só ...

(Inq. D2 02)

Em (49) e (50), a asserção dita pelo falante independe do contexto, ou seja, o ouvinte é capaz de compreendê-la sem que necessite recorrer ao contexto, ou fazer suposições através de seu conhecimento de mundo. Vejamos o gráfico a seguir:

Gráfico 18: Ocorrência de Perfeito e Imperfeito em relação à interpretação semântica (%)



Das 319 ocorrências de formas verbais de interpretação semântica, 65,5%, ou seja, 209 destas, estão em formas do Pretérito Perfeito; e 34,5%, 110 ocorrências, estão em formas do Pretérito Imperfeito. É neste tipo de interpretação que há uma maior diferença de percentual entre formas do Pretérito Perfeito e do Pretérito Imperfeito.

Isto nos leva a crer que, ao enunciar uma determinada sentença, dotada de significado a partir apenas de suas próprias estruturas lingüísticas, o falante opta por formas perfectivas télicas, pois estas demonstram de maneira mais objetiva a ação ou o processo expresso pelo verbo.

7.3.2. Análise quanto à interpretação semântico-discursiva

A interpretação semântico-discursiva diz respeito à necessidade que o ouvinte tem de retomar ou recorrer a informações do contexto discursivo, para que possa compreender o que está sendo dito no momento da comunicação. É o que ocorre, geralmente, quando há, na sentença, elementos lingüísticos, tais como pronomes, advérbios de tempo e lugar, dentre outros.

(51) (...) **perguntei** se ele queria ir pra lá...

(52) (...) depois eu **desisti**...

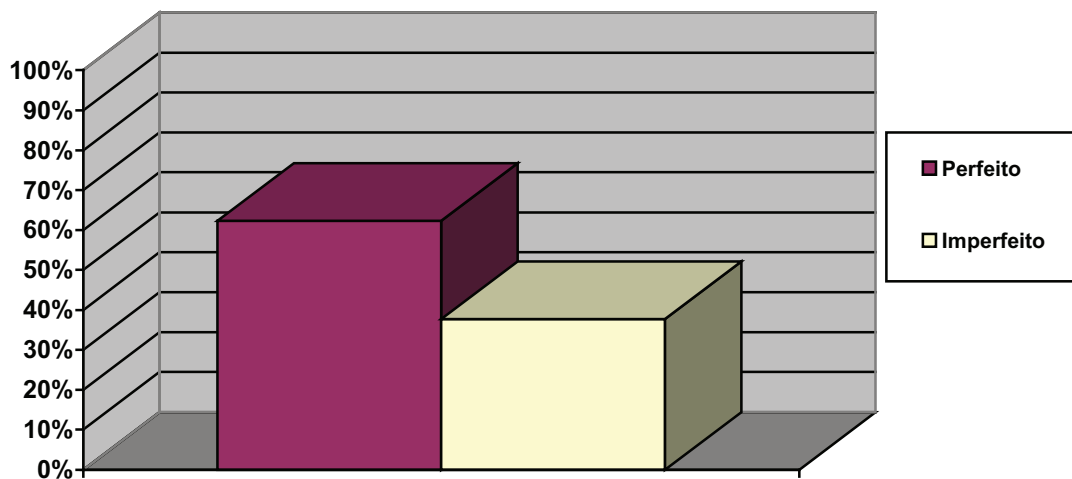
(Inq. D2 02)

Em (51), temos uma sentença que, isoladamente, não é capaz de repassar todas as informações necessárias à compreensão do que se quer dizer. O interlocutor só compreenderá,

neste enunciado, tudo que é dito pelo falante, se retomar informações anteriores, do discurso, que o permitam identificar a quem se referem os vocábulos *ele* e *lá*.

O mesmo ocorre com a forma verbal do Pretérito Perfeito do Indicativo, *desisti*, em (52), a qual só terá sentido completo, no momento de fala, se o interlocutor obtiver informações anteriores do discurso que lhe permitam saber do que o falante desistiu. Observemos o gráfico abaixo.

Gráfico 19: Ocorrência de Perfeito e Imperfeito em relação à interpretação semântico-discursiva (%)



Das 1008 ocorrências deste tipo de interpretação, 628 estão codificadas pelo Pretérito Perfeito, ou seja, um percentual de 62,3%; e 380 codificadas pelo Pretérito Imperfeito, ou seja, 37,7%. Este resultado nos indica que as formas do Aspecto Perfectivo têm uma maior frequência de uso do que as formas do Aspecto Imperfectivo quando o falante pretende relacionar as estruturas lingüísticas no decorrer do discurso.

A maior quantidade de ocorrências que dependem de interpretações semântico-discursivas deve-se ao grande número de formas verbais que utilizam algum tipo de referência em seus argumentos. Isto reflete uma característica própria da língua, quando o falante procura evitar repetições do mesmo vocábulo, para não ser redundante ou por economia.

7.3.3 Análise quanto à da interpretação pragmática

A interpretação das ações e situações veiculadas pelas frases de um texto é um dos problemas atualmente em estudo na área da pesquisa lingüística. Surge, então, a necessidade de relacionar essas entidades do discurso de forma a permitir sua interpretação pragmática. A

interpretação pragmática das entidades verbais - ações e situações explícitas ou implícitas - procura relacioná-las através de várias indicações lingüísticas, tais como o Aspecto verbal, que indica o ponto de vista em que se deve ver a ação: do ponto de vista em que já ocorreu ou ainda decorre; e a estrutura interna dos eventos. Para isso, é preciso levar em conta conhecimentos de mundo, conhecimentos lingüísticos e raciocínio sobre a ação, o evento ou o processo, expressos pelo verbo.

Segundo Coan (2003), a pragmática lida com a intenção e com o conhecimento que falante e ouvinte compartilham (implicitamente). O contexto pragmático é constituído pelo conjunto de informações (conhecimento de mundo e da situação, crenças) não verbalizadas, mas partilhadas por falante e ouvinte, e inferidas no ato da comunicação. De acordo com Moura (1999 apud Coan 2003, p. 110), os contextos, que não dependem de uma atribuição de crenças, não são pragmáticos, mas definidos no componente semântico, em função da dinâmica do discurso. Contudo, convém ressaltar que “a compreensão pragmática se dá paralelamente ao processo relativo de compreensão semântica, no qual os discursos e conhecimentos prévios do contexto são importantes para a interpretação de cada sentença.” (Van Dijk, 1992 apud Coan, 2003, p.110).

Coan (2003) afirma, ainda, que a importância de se lidar também com o contexto pragmático é evitar um tipo de falha interpretativa que ocorre, às vezes, quando se leva em conta apenas o contexto semântico. Quando o componente lingüístico indica que mais de uma interpretação é possível, a solução interpretativa deve estar na pragmática. O problema é que nem sempre falante e ouvinte partilham do mesmo contexto pragmático, ou o falante não sabe que não partilham. Se não há informação contextual suficiente, ambigüidades podem não ser solucionadas.

A análise de dados com base na interpretação pragmática é realizada quando as formas verbais e seus argumentos necessitam de elementos extralingüísticos para que possam ser efetivamente compreendidas pelo interlocutor. Ou seja, o significado destas formas depende do conhecimento de mundo, ou da suposição, ou da crença, dentre outros fatores, por parte do ouvinte, para que este possa compreender o que está sendo dito no enunciado. Por exemplo:

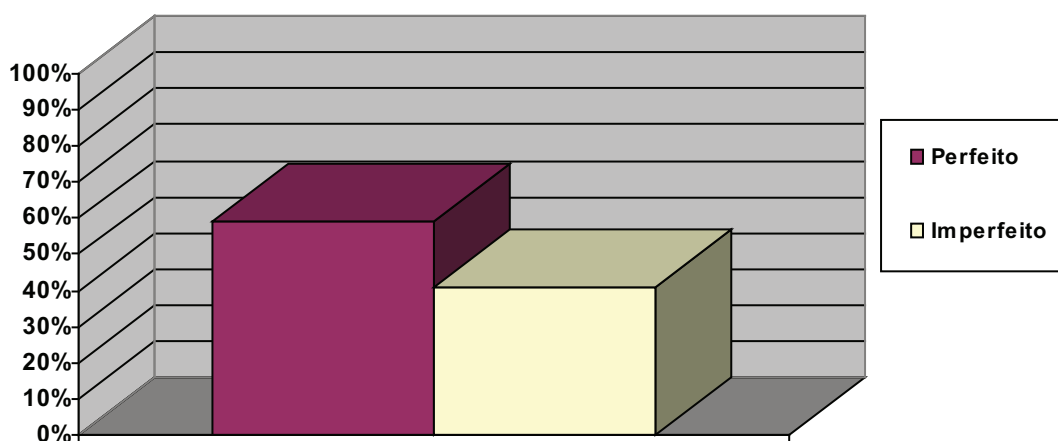
(53) acho (que eu **bebi**) assim Olto dose de... de uísque...**tava** pra lá de Bagdá.

(54) (...) eu me **forme**i CRUa nua e crua....

Observe que, em (53), a forma verbal imperfectiva *tava* encontra-se ligada a uma expressão de lugar *pra lá de Bagdá*, caracterizada como uma espécie de gíria, e utilizada, geralmente, para indicar estado de embriaguez ou uma distância muito longa. Portanto, o ouvinte só compreenderá este enunciado se possuir conhecimento de mundo capaz de dar sentido à expressão.

O mesmo ocorre em (54), a expressão *nua e crua*, que completa o sentido da forma verbal *formei*, precisa ser interpretada pragmaticamente, através do conhecimento de mundo do interlocutor, para que este atinja a compreensão total do que foi dito no enunciado. Observe o gráfico abaixo:

Gráfico 20: Ocorrência de Perfeito e Imperfeito em relação à interpretação pragmática (%)



Dentre as 127 ocorrências de dados, cuja compreensão requeria uma interpretação pragmática, 59%, ou seja, 75 formas verbais estavam no Pretérito Perfeito do Indicativo; e 41%, ou seja, 52 formas estavam no Pretérito Imperfeito.

Este resultado nos confirma que, também neste tipo de interpretação, em que há uma requisição de conhecimento extralingüístico para compreensão do enunciado, o Aspecto Perfectivo é mais utilizado pelo falante, que o Aspecto Imperfectivo.

De acordo com todos os dados mostrados nesta subseção, destinada à análise da interpretação das formas verbais no discurso juntamente com os elementos do enunciado, pudemos concluir que o Pretérito Perfeito (Aspecto Perfectivo) é mais utilizado nos três tipos de interpretação. Ou seja, a interpretação de uma dada forma verbal está ligada ao tipo de Aspecto em si, pois a perfectividade aponta para uma melhor definição dos argumentos e, conseqüentemente, favorece a interpretação, qualquer que seja ela.

7.4. ANÁLISE QUANTO AO PLANO TEXTUAL-DISCURSIVO: FIGURA/ FUNDO

Neste parâmetro, observamos qual a relação entre as formas simples do Pretérito Perfeito e Imperfeito do Indicativo e os conceitos de *figura* e *fundo*, desenvolvidos inicialmente pela Gestalt e, posteriormente, também por estudiosos da Lingüística. Nesta linha de pensamento, Hopper e Thompson (1980) usam a assimetria *figura-fundo* em estudos que tratam da estrutura da informação no discurso. Por exemplo:

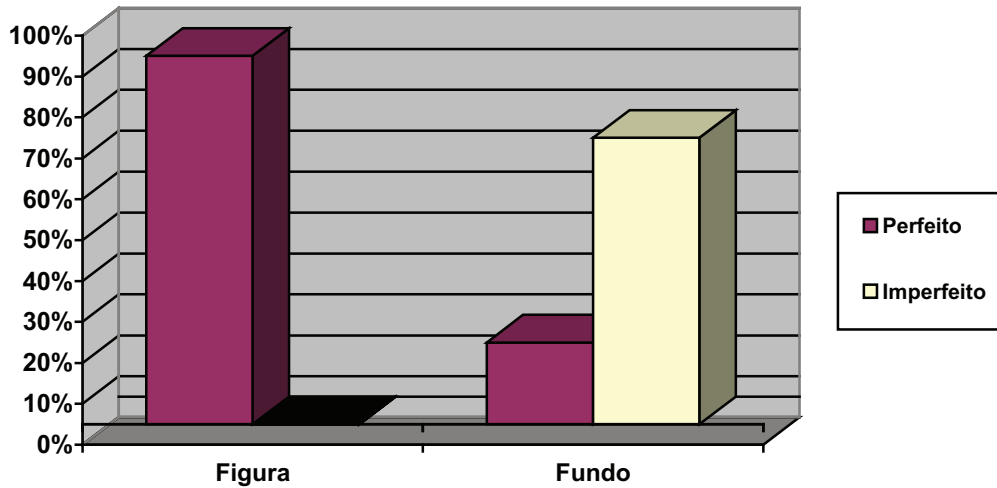
(55) a igreja **caiu** e... eu **morava** de perto só **vi** foi o estrondo da... **parecia** hoje uma imPLOsão {né? (Inq. D2 45)

No exemplo (55), os dados remetem à correlação dos tempos verbais Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito do Indicativo, ligados à noção aspectual de perfectividade e de imperfectividade, respectivamente. O emprego gramatical dessas formas pode ser justificado pela funcionalidade no discurso. O encadeamento das formas verbais faz com que se estabeleça uma relação textual em planos, por exemplo, figura (*caiu* e *vi*) e fundo (*morava* e *parecia*). Nesse caso, as formas verbais *caiu* e *v*, indicam a continuidade temática, estando o Pretérito Perfeito associado à “figura” e à “informação nova”, diferentemente das formas verbais *morava* e *parecia*, cuja imperfectividade está associada a “cenário”, “fundo”, “segundo plano”, “satélite”.

É nesse momento que se percebe que a sintaxe e a semântica estão a serviço da pragmática. A determinação de uma forma verbal como *figura* ou *fundo* constitui um recurso de organização do discurso à disposição do enunciador. Se é um recurso opcional do enunciador para provocar efeitos de sentido, constitui também uma marca de sua interferência no discurso e de sua instauração como autor do texto.

De acordo com o gráfico 21 a seguir, as formas do Perfeito são as mais utilizadas como figura dentro de um texto ou enunciado. Em nosso estudo, das formas verbais que se apresentam como figura, 95,1% estão no Pretérito Perfeito e apenas 4,9% destas encontram-se no Pretérito Imperfeito. Com relação ao plano de fundo, a maioria das formas encontra-se no Pretérito Imperfeito, 75%, contra apenas 25% que estão no Perfeito. Para uma melhor visão dos resultados, observe o gráfico a seguir:

Gráfico 21: Ocorrência de Perfeito e Imperfeito no Plano Textual-Discursivo: Figura/Fundo (%)



Dentre os menores percentuais, ainda podemos observar que, de acordo com os dados analisados, a ocorrência do Perfeito que se apresente como fundo é bem maior que a ocorrência de dados do Imperfeito que se apresente como figura.

Os resultados confirmam a hipótese de que as formas verbais que possuem Aspecto Perfectivo, no plano do discurso, têm a característica de determinar os eventos e as ações em um primeiro plano. Já os dados do Pretérito Imperfeito, que denotam o Aspecto Imperfectivo, caracterizam-se por descrever, comentar e observar as ações em um segundo plano. Vejamos um exemplo:

(56) aos tantos de MAIO... de oitocentos e noventa e DOIS... **foram** ao escritório do DiÁRIO JORNAL em que eu **trabalhava**... DOIS rapazes... lembra-me QUE... BEM que um deles **trazia** pince-nez... **convidaram**-me para fundar uma sociedade liteRÁria...

(Inq. EF 17)

O exemplo (56) mostra-nos ao nível do discurso que as formas verbais perfectivas *foram* e *convidaram* constituem o fato núcleo da narrativa, numa seqüência cronológica de acontecimentos, enquanto que as formas verbais imperfectivas, *trabalhava* e *trazia*, constituem circunstâncias secundárias, ou seja, um plano de *fundo* com função de localização e descrição do fato narrado.

As análises acima nos levam a confirmar que a maioria das formas verbais de Pretérito Perfeito, que indica perfectividade e que está em um plano mais saliente. Já as formas verbais

de Pretérito Imperfeito, que apontam para a imperfectividade e que estão em um plano menos saliente.

Na literatura a respeito dos planos discursivos, observamos que os autores, comumente, atribuem o seqüenciamento cronológico de um enunciado às formas perfectivas, as quais, conforme vimos em (56), são ordenadas cronologicamente no discurso e denotam eventos discretos e dinâmicos. Para alguns, as formas imperfectivas não mostram a preocupação do falante com a seqüência dos fatos narrados, mas trazem apenas informações adicionais e circunstanciais que se constituem como suporte para os fatos narrados.

Durante este estudo, pudemos observar alguns dados de Imperfeito que, como figuras, apresentam seqüenciamento cronológico. Vejamos o exemplo abaixo:

(57) (...) as pessoas toMAvam... o chá... da TARde o café da tarde né?... as pessoas **corriam** para a PORta...e as pessoas **comprava**/ o pão e o jornal as pessoas **compravam** os dois pães...O pão da pa/ que que **vendia** o padeiro para tomar com café...em seguida **vinha** o padeiro da Padaria vendendo O PÃO...pessoas **compra-vam** aquele Pão para LER...

(Inq. EF 17)

Em (57), podemos observar que as formas verbais *corriam*, *comprava*, *compravam*, *vendia*, *vinha* e *compravam* possuem um encadeamento cronológico fortalecido ainda mais pela expressão de tempo *em seguida*, o que mostra que não somente formas de Perfeito podem ser encadeadores de um seqüenciamento cronológico, mas também formas de Imperfeito, dependendo de como o falante pretende localizar, no tempo de referência, os eventos narrados. Observemos o exemplo abaixo:

(58) infelizmente quando eu me **formei**... o mercado de trabalho **/tava** numa...numa depressão violenta.

(Inq. D2 45)

Em (58), a forma verbal perfectiva *formei*, caracterizada como *figura*, representa um evento global e acabado; já com a forma imperfectiva *tava*, o mesmo não ocorre, uma vez que aponta um evento com valor de situação em continuidade.

De acordo com Fuchs (1988), uma das funções do Aspecto é a de transpor a *relevância temática* imediata para uma situação projetada, ou seja, para a situação dentro da qual o evento se produziu. Um exemplo dessa transposição ocorre com o Imperfeito do português, o qual representa uma mudança do ponto de vista temático em relação ao presente e sua relação

de relevância com a situação temática é indireta. Daí compreendermos que o uso do Imperfeito traduz-se como uma situação de referência. Considere-se o exemplo (20):

(59) (...) mas depois quando eu **tava** de volta aí eu **disse** foi maravilhoso né?...

(Inq. DID 06)

Observe que em (59) a forma do Imperfeito, *tava*, mantém-se assim como uma situação projetada que surge em relação a uma primeira situação *disse*, portanto o enunciado poderá ser mais relevante tanto em relação à primeira situação, quanto em relação à situação projetada, caracterizada pelo Imperfeito.

Com relação aos aspectos de evento, ou seja, uma mudança de situação, o Perfeito simples, segundo Fuchs (1988), é o tempo que melhor se refere a estes casos na configuração de fatos que compõem o evento. Esta determinação resulta da indicação da mudança de uma situação específica. Em enunciados com o uso do Perfeito, os acontecimentos exprimem eventos que são mais diretamente ligados aos assuntos temáticos do que os com Imperfeito, que se referem mais às perspectivas situacionais. Ou seja, quando um falante pretende enunciar um fato passado, ou uma mudança em situação específica, utiliza-se do Pretérito Perfeito simples. O mesmo não acontece com o Pretérito Perfeito composto, o qual remete a um fato passado, mas não se liga a uma situação específica; quem o liga a uma especificidade temporal são os outros elementos do contexto, os circunstanciadores temporais. Vejamos:

(60) (...) num sei se é porque ela /**tava** já do outro lado né?... mas ela **disse** que **pegou** muito professores ruim na UFC pessoal assim uns velhinho sabe?

(Inq. DID 06)

Observe que, no exemplo (59) o verbo *tava*, que se encontra no Imperfeito, indica uma situação projetada no passado, fora do ponto de referência temático, ou seja, o momento da fala. Refere-se ao que era então presente, assumindo a função de enunciar fatos na perspectiva situacional. Já os verbos: *disse* e *pegou* implicam eventos com referência a uma situação real, ligada diretamente ao assunto temático tratado no período.

Considerem-se os exemplos (61) e (62):

(61) a sociedade... na época do Brasil... COLÔNIA... **visava** o concorrente...

(62) a época do Brasil ImpÉrio... JÁ VISAVA o lucro...

(Inq. EF 17)

Os exemplos (61) e (62) acima nos mostram que, para que haja um ancoramento dêitico de dada predicação e que esta possa ser efetivamente compreendida na comunicação, é necessário que seu estado de coisas esteja relacionado com um assunto de referência relevante para os interlocutores. Além disso, há a necessidade de um ponto referencial temporal, como é o caso do Aspecto Imperfectivo durativo expresso pela forma verbal *visava*, em ambos os casos. Assim, o valor pragmático da predicação é dado de acordo com um ponto de referência pessoal, para que se observe se trata ou não de uma afirmação.

7.4.1. Considerações a respeito do plano textual-discursivo

O Aspecto Perfectivo, no plano do discurso, têm a característica de determinar os eventos e as ações em um primeiro plano. Já os dados do Pretérito Imperfeito, que denotam o Aspecto Imperfectivo, caracterizam-se por descrever, comentar e observar as ações em um segundo plano. Os resultados confirmam nossa hipótese inicial de que os planos textual-discursivos *figura* e *fundo* contribuem com a seleção do Aspecto verbal utilizado na composição da narrativa.

Com isso, concluímos que a escolha por parte do falante de determinadas formas verbais nos Pretéritos Perfeito e Imperfeito do Indicativo serve a propósitos comunicativos no plano textual-discursivo. Ou seja, o Aspecto é efetivamente uma categoria motivada pelo discurso.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante este estudo, enfocamos a questão do Aspecto verbal e a forma como este é determinado dentro do contexto semântico-discursivo, em um corpus de língua falada culta. À priori, procuramos apontar as características e os elementos lingüísticos que determinam esta categoria verbal, tão pouco abordada nas aulas de língua materna. Em seguida, sinalizamos para as diferentes vertentes do estudo do Aspecto na área da Lingüística, tanto no modelo anglo-saxônico quanto no modelo oriental, desde o início do século passado. Dedicamos, ainda, parte da teoria deste trabalho a explicar como a *semântica* e a *pragmática* têm abordado a questão do Aspecto, a fim de situarmos melhor os leitores naquilo que nos propúnhamos desenvolver.

Nossa metodologia de trabalho levou em conta os aspectos lingüísticos funcionais caracterizadores do Aspecto, enquanto categoria verbal, e de sua distinção nos tempos do Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito do modo Indicativo. Procedemos classificações dentro de alguns dos planos de estudos da lingüística, e analisamos estatisticamente a ocorrência e as características do Aspecto em cada um destes planos.

A importância dos argumentos e dos elementos lingüísticos que compõem a sentença como um todo, para o uso das formas verbais do Pretérito Perfeito do Indicativo e do Pretérito Imperfeito do Indicativo, que atualizam Aspecto Perfectivo e Imperfectivo, respectivamente, pôde ser vista claramente no plano sintático-semântico, mais precisamente, no que diz respeito à transitividade das formas verbais analisadas. Isso confirma nossa hipótese de que o tipo de Aspecto verbal de uma forma é condicionado em seu estatuto semântico-textual dependendo da composição sintática das sentenças. Assim, verificamos que formas perfectivas possuem uma maior quantidade de parâmetros que designam alta transitividade, quais sejam: dois ou mais argumentos, indicação de ação, aspecto télico, pontualidade, volitividade, afirmação, agentividade, afetamento do objeto e individuação do objeto; e, portanto, são consideradas mais transitivas no discurso falado. As formas imperfectivas, por sua vez, possuem uma menor quantidade de parâmetros que apontam alto nível de transitividade, pois se apresentam, geralmente, com menos de dois argumentos, não-indicação de ação, aspecto atélico, não-pontualidade, não-volitividade, negação, não-agentividade, não-afetamento do objeto e a não-individuação do objeto. Além disso, em muitas ocorrências, as formas imperfectivas assumem o caráter semântico de estado.

Quanto ao plano semântico-lexical, concluímos que os tipos semântico-lexicais dos verbos apontam, segundo suas características, para os tipos de Aspecto. Isto porque, de acordo com as análises lingüísticas e estatísticas feitas, os tipos verbais atividades e estados ocorrem mais freqüentemente em formas do Aspecto Imperfectivo (Pretérito Imperfeito do Indicativo), que em formas do Aspecto Perfectivo (Pretérito Perfeito do Indicativo). Ao passo que os *achievements* e os *accomplishments* ocorrem, em um número superior, em formas do Aspecto Perfectivo (Pretérito Perfeito do Indicativo), e pouco em formas do Aspecto Imperfectivo (Pretérito Imperfeito do Indicativo). Ou seja, no momento do discurso, o falante opta por uma determinada forma verbal, em virtude do tipo de Aspecto verbal, levando em conta os elementos semântico-lexicais desta forma.

Quanto ao tipo de interpretação que utilizamos para compreender uma forma verbal e seus argumentos, dentro do discurso, durante nosso estudo voltado para esta questão, vimos que a perfectividade está presente na maioria formas verbais analisadas. Isto nos leva a compreender que, no momento da conversação, o falante opta por formas perfectivas, que se caracterizam por impor mais objetividade ao discurso, o que facilita a interpretação do interlocutor, seja somente através das estruturas lingüísticas, seja pelo próprio contexto discursivo ou pelo seu conhecimento de mundo a respeito do que está sendo dito.

Ainda no que diz respeito ao plano textual-discursivo, concluímos que o plano de configuração de uma forma verbal, assumindo o papel de *figura* ou *fundo*, no texto como um todo, aponta o Aspecto verbal utilizado na composição deste texto. Assim, a escolha do falante por formas verbais do Pretérito Perfeito do Indicativo (Aspecto Perfectivo) significa, na maior parte das vezes, que este pretende dar ênfase e colocar estas formas como encadeadoras das ações que pretende contar. Já a escolha do falante por formas verbais que estejam no Pretérito Imperfeito do Indicativo (Aspecto Imperfectivo) significa, na maior parte dos casos, que esta forma verbal será um fundo, que, paralelo à ação verbal, servirá para descrever lugares, pessoas e momentos. Assim, conclui-se que o Aspecto é efetivamente uma categoria motivada pelo discurso. Não queremos dizer, aqui, que as formas verbais imperfectivas não possam ser usadas pelo falante quando este pretender narrar algo, entretanto, mais freqüentemente, têm servido de fundo a um outro evento mais próximo ao momento de fala.

O que pretendíamos mostrar, ao logo deste estudo, era o comportamento semântico-discursivo do Aspecto verbal, em um *corpus* composto por dados de Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito do Indicativo. Entretanto, muitos outros fatores, que não foram aqui considerados, podem dar margem a desdobramentos desta pesquisa, no âmbito do

Funcionalismo, tais como o comportamento semântico-discursivo do Aspecto verbal no português falado culto com relação ao uso do verbo *ser* (*foi/era*), o comportamento semântico-discursivo do Aspecto em formas perifrásticas e as formas de atenuação com o imperfeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, N. M. de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 44a. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- BENVENISTE, E. Estrutura da relação de pessoa no verbo. In: _____. **Problemas de lingüística geral I**. Campinas: Pontes, 1988. Cap.10.
- CAMPOS, O. G. L. et al. A flexão modo-temporal no português culto do Brasil: formas de pretérito perfeito e imperfeito do indicativo. In: **Gramática do português falado**. Vol. 4: Estudos descritivos. Campinas, SP: Editora da UNICAMP/ FAPESQ, 1996. p. 35-74
- CASTILHO, A. T. de. Introdução ao aspecto verbal na língua portuguesa. In: **Coleção de teses**, N°. 06. São Paulo: Marília, 1968. p. 7-135
- CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 45a. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.
- COAN, M. **Anterioridade a um ponto de referência passado: pretérito (mais-que-) perfeito**. 1997. 177 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Programa de Pós-Graduação em Letras/Lingüística – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.
- COAN, M. **As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: Correlações entre função (ões) – forma (s) em tempo real e aparente**. 2003. 232 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- COMRIE, B. **Aspect**. 3ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- CORÔA, M. L. M. S. **O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica**. São Paulo: Parábola, 2005.
- COSTA, S. B. B. **O aspecto em português: reflexão a partir de um fragmento do corpus do projeto NURC**, 1986. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1986.
- COSTA, S. B. B. **O aspecto em português**. São Paulo: Contexto, 1997.
- CUNHA, M. A. F. da. et al. Pressupostos teóricos fundamentais. In: MARTELOTTA, M. E. et al. (org.). **Lingüística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 29-71
- DAHL. O. **Tense and aspect systems**. Oxford, 1975
- DIK, S. C. **The theory of functional grammar**, Vol 1, 2. Ed. By Hengeveld. Berlim/ New York: Mounton de Gruyter, 1997.
- FLORES, V.; SILVA, S. Aspecto verbal: uma perspectiva enunciativa do uso da categoria no português do Brasil. **Letras de hoje**. Porto Alegre, N°. 121. P. 35-67, Set.2000.

FUCHS, A. Aspecto verbal e dêixis. **Cadernos de estudos lingüísticos**. Campinas, Nº.15. P. 87-109, Jul./ Dez. 1988.

GIVÓN, T. Discourse and Syntax, **Syntax and semantics**. New York, Cap. 12. 1979.

GIVÓN, T. Tense-Aspect-Modality. **Syntax: A functional-typological introduction**. Amsterdam / Philadelphia, Vol. 1, Cap. 08.1984.

_____. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: J. Benjamins, 1995.

GODÓI, E. **Aspectos do aspecto**. 1992. 304 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Linguagem (IEL), Universidade de Campinas, Campinas, 1992.

GREIMAS, A. J. L'Enonciation: une posture épistémologique. **Significação** – Revista Brasileira de Semiótica, Ribeirão Preto, Vol. 1, Nº. 1, p. 09-25. 1974

HOPPER, P.; THOMPSON, S. Transitivity in grammar and discourse. **Language**, Vol.56, Nº 2, p. 251-299. 1980.

ILARI, R. **A expressão do tempo em português**. São Paulo: Contexto, 1997.

IKEDA, S. N. O pretérito Imperfeito: a importância da superestrutura na sua compreensão. **D.E.L.T.A**, São Paulo, Vol.8, Nº.1, p. 43-70. 1992.

JOHNSON, M.R. A unified Temporal Theory of tense and Aspect. **Syntax and semantics**, New York, Vol. 14, p. 145-170. 1981.

KENNY, A. **Action, emotion and will**. London, 1963

KOFFKA, **Princípios da gestalt**, São Paulo: Cultrix, 1975

LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

_____. **Language, meaning and context**. Londres: Fontana/ Collins, 1981.

MARTELLOTA, M. E.; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XIX. In _____. MARTELLOTA, M. E. et al. (org.). **Lingüística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MATEUS, M. H. M. et al. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Almedina, 1983.

MÓIA, T. **Identifying and computing temporal locating adverbials** – with particular focus on portuguese and english. 1999. 372 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pós Graduação em Lingüística Portuguesa, Universidade de Lisboa. Lisboa, 1999.

MOURELATOS, A. Events, processes and states. **Syntax and semantics: tense and aspect**, New York, Vol. 14, p. 415-434. 1981.

NICHOLS, J. Functional theories of grammar. **Annual Review of anthropology**, Vol. 13. p. 97-117. 1984.

- PRETI, D. **Estudos de língua oral e escrita**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- RAVAGNANI, F. R.; CATELAN, L. **Glossário de estatística**. 1ª ed. São Paulo: Netra, 2002. 208 p.
- REICHENBACH, H. **Elements of symbolic logic**. Berkeley, California: University of California Press, 1947
- RODRIGUES, A. C.S. et al. Formas de pretérito perfeito e imperfeito do indicativo no plano textual discursivo. In: **Gramática do português falado**. Desenvolvimentos. Vol.6. Campinas: Editora da UNICAMP/ FAPESQ, 1996. p. 415-459.
- RYLE, G. **The concept of mind**. London: Barnes and Noble, 1949.
- SHI, Z. On the inherent aspectual properties of NPs, verbs, sentences and decompositions of perfectivity and inchoativity. **World**, Vol. 41, N° 1, p. 47-67, 1990.
- SMITH, C. S. **The parameter of aspect**. 2ª ed. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1991.
- SOARES, M. A. B. P. **A semântica do aspecto verbal em russo e em português**. Rio de Janeiro: PROED, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987.
- SOUSA, M. M. F. de. **Aspecto verbal nas formas perifrásticas do português oral culto de Fortaleza**. 1998. 132 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1998.
- TAYLOR, B. Tense and continuity. **Linguistics and philosophy**, Vol. 1, p. 199-220. 1977.
- TRAVAGLIA, L. C. **Aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. 3ª ed. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1994.
- VENDLER, Z. Verbs and Times. **Linguistics and philosophy**. New York, p. 97-121.1967.
- WEINRICH, H. **Le temps**. Paris: Seuil, 1973.